





*O Canto da
Carpideira*



LUCELITA MARIA ALVES

*O Canto da
Carpideira*



Palmas-TO
2014



Reitor

Márcio Antônio da Silveira

Vice-reitora

Isabel Cristina Auler Pereira

Pró-reitor de Pesquisa e pós-graduação

Waldecy Rodrigues

Diretora de Divulgação Científica

Michelle Araújo Luz Cilli

Conselho Editorial

Airton Cardoso Cançado (Presidente)

Christian José Quintana Pinedo

Dernival Venâncio Ramos Junior

Etiene Fabbrin Pires

Gessiel Newton Scheidt

João Batista de Jesus Felix

Jocyleia Santana dos Santos

Salmo Moreira Sidel

Temis Gomes Parente

Projeto Gráfico & Impressão

ICQ Editora Gráfica e Pré-Impressão Ltda.

Designer Responsável

Gisele Skroch

Revisão de Textos

Neusa Kruger

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins - SISBIB

XXXX O Canto da carpideira / Lucelita Maria Alves. – Palmas: Universidade Federal do Tocantins / Coleção Tocantinense de Literatura / EDUFT, 2014.
264 p.

ISBN 978-85-63526-58-8

1. xxxxxxxxxxxx. 2. xxxxxxxxxxxx. 3. xxxxxxxxxxxx. 4. Formação de professores. I. Título

CDD XXX.XX

Copyright © 2014 por Lucelita Maria

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

SUMÁRIO

Capítulo I	18
Capítulo II	90
Capítulo III	146
Capítulo IV	176
Capítulo V	212
Capítulo VI	256



Prefácio

PREFÁCIO

Por suas mãos inventivas e criativas, a escritora de **O Canto da Carpideira** reinventa o sertão e todo o mito poético a ele relacionado. A vida pulsa nas mãos habilidosas da parteira e finda no lamento triste e solene da carpideira, ambas com remuneração das profissões feitas mediante pequenos pagamentos ou trocas como doces caseiros, peças de tecidos, crias ou caças; entretanto, não era raro, essas profissionais desempenhassem seu trabalho gratuitamente quando acontecia de as famílias enlutadas não terem posses para fazer o pagamento.

Este tipo de remuneração remete aos primórdios da história da economia, sendo próprio das sociedades mais antigas, nas quais não se verificava o uso de um elemento específico que simbolizasse o que hoje se conhece por dinheiro nas relações de compra e venda. Por isso os pagamentos por aquisições e serviços eram feitos com animais ou com outros objetos. De fato, no contexto do romance, a proximidade entre as pessoas, a simplicidade nas



relações (incluindo a forma “antiga” de pagamento por bens e serviços) e mesmo o sabor agreste que permeia toda a narrativa permitem que nossa leitura possa emoldurar algum lugar sertanejo nos arredores de um rincão pobre e esquecido, próximo de um povoado ficcional denominado de Campineira do Anu Preto.

É a morte que orchestra a leitura do romance num tom elegíaco de dor. A narrativa trabalha com um forte tom popular, unindo reminiscências e vivências com um olhar carregado de sensibilidade e poesia, colocando uma ênfase especial sobre o canto da carpideira. Para que se tenha uma ideia do valor e do trabalho da carpideira no lugarejo, transcrevo três fragmentos, nos quais há uma reflexão sobre este ofício:

“Dora não sabia que havia um trabalho artístico e social, e ainda religioso, que deveria ser executado por pessoa experiente. Profissional gabaritado. Tradição tida e mantida por família de carpideiras. Carpideira por ofício”. (p. 40)

“A carpideira limpava o caminho do morto. Engolia, com a cantoria herdada de suas antepassadas, e as inselências que saíam de sua goela todo e qualquer pecado que restasse daquela existência frágil, de gente sofrida e simples do sertão”. (p. 150).



“A carpideira teve saudades daquele tempo tão remoto, quando a sua avozinha explicou para ela que ladainha de carpideira era mais cantada com os olhos e com o corpo do que com a voz. Tinha que sentir o pranto. Tinha que sentir a dor dentro de si. Tinha que amar esse ofício de vender o pranto à família enlutada. E ela cantava e abria os bracinhos na frente da avó, e a avó batia palmas encorajando-a. As inselências só seriam perfeitas se fossem amadas por quem as cantasse. A avozinha da carpideira Cota amava as inselências e ensinara a menina também a amar”. (p. 242)

O comportamento da carpideira, no contexto da obra, guarda semelhanças com as carpideiras do Egito antigo, cuja função era, também mediante pagamento, chorar nos funerais de pessoas ainda que estas não fossem suas parentes ou conhecidas. Como se pode inferir pela leitura dos fragmentos, subjaz na função da carpideira, no dizer dos benditos ou inselências, um respeito profundo para com os mortos. A consideração com a pessoa que se vai revelar um comportamento solene diante da morte. Toda a ritualística, marcada pela emoção, traduz a incerteza do ser humano diante do inevitável e o prantear um morto não significa apenas lamento e saudade, mas também - e principalmente - um reconhecimento de que o ser humano não é maior do que as leis da natureza.



A estrutura do romance é moderna. As personagens, se necessárias ao desenrolar da trama, aparecem ou desaparecem, dando a nítida impressão que vão surgindo ao sabor dos acontecimentos. A autora usa como fio condutor da narrativa o cantar triste da carpideira, sendo a morte e a fome, os temas centrais da obra. O prisma escolhido para desenvolver o enredo e o ponto de vista é a onisciência do narrador que esquadrinha tudo, inclusive a vida mental de algumas personagens. O protagonismo delas muda ao longo da narrativa, algumas ganham destaque e outras o perdem. Assim, é difícil falar em protagonista e sim em protagonistas ou núcleos de protagonistas, pois vamos completando o grande quebra-cabeça do enredo por meio das reminiscências e do deslocamento do foco da trama para diferentes personagens.

Aparecem poucos homens no romance. Quase todos morrem, exceto o padrasto de Dora e o coveiro do cemitério. Há apenas um antagonista, o pai de Leonilda que estupra e engravida a própria filha aos quinze anos de idade, após a trágica morte da mãe da menina, decorrente de complicações no parto. Esse fato é aludido na passagem “E foi o plantio da semente maldita que o seu velho pai lhe obrigara a fecundar que levou a menina a lhe cobrar a colheita” (p. 128). O fato é, depois retomado, numa reminiscência da carpideira Cota, já velha, que relembra histórias passadas sobre a amiga Leonilda, a raizeira e parteira. Como a negra Celestina era conhecida por inúmeros abortos, na reminiscência de Cota, infere-se que a menina Leonilda precisou recorrer aos talentos da negra depois da



violência do pai, o que se depreende pela leitura da passagem que menciona “E no velório do pai da raizeira, quando pranteou o morto, não achou esquisito o fato de a menina e nem a negra chorarem. Não achou esquisito também o vestido de dia santo que a menina Leonilda usara, tampouco o velório no terreiro, a céu aberto (...) Sabia também que teve um tempo em que a menina estivera muito adoentada e fora cuidada pela negra, na própria casa da negra, por longos seis meses” (p. 150).

A narrativa, como um todo, assevera a penúria material e a sombra da morte, traçando a trajetória das personagens femininas da infância até a velhice como verdadeiras sobreviventes, tendo suas existências traduzidas por perdas, mortes, amores, fome e incesto, mas também marcadas pela solidariedade e pela compaixão. Há tanta beleza na construção de cenas, que essas são quase fotográficas, nos arrastam e nos comovem, escritas ora de forma direta, enxuta e seca ora em forma de uma repetitiva e comovente ladainha.

A narrativa toca no tema da adoção e da cultura de saberes populares, em que alguns conhecimentos são passados de geração em geração, por laços sanguíneos e não sanguíneos em que a “didática” do olhar e do vivenciar se inicia na tenra infância, sendo aprimorada ao longo da prática dos ofícios empíricos. Esse viés é característico de sociedades semelhantes à retratada no livro em que são repassados os ofícios femininos de doceira, lavadeira, parteira, raizeira, benzedeira e carpideira. Neste contexto, vislumbra-se a importância do elemento feminino, sendo



posta em relevo a influência poderosa da mulher em uma sociedade o mais das vezes dominada pelos homens. Com efeito, trabalhos como os da parteira e da carpideira reafirmam funções que apenas a mulher tem habilidade para fazer e, nestas funções, torna-se nítido o reconhecimento da própria sociedade em relação à inclinação da mulher para tais trabalhos. A mulher, no romance, é reconhecida como tendo um papel social de suma importância ainda que não tenha de fato os mesmos direitos que os homens.

Acima de tudo, a leitura do romance proporciona não apenas a que emolduremos o sertão presente em nosso interior, mas também nos esclarece a nossa própria relação com este sertão, relação esta diretamente ligada à nossa reação ao contato com o mundo construído ficcionalmente. Sejamos próximos ou não do sertão, é fato que ele está dentro de nós, seja qual for a sua forma, seja qual for a intensidade de sua presença. Sertão não é apenas geografia, é também estado de espírito. Um estado que revela luzes cada vez mais novas de calor, simplicidade, luta e coragem.

O romance transmuta em poesia um cenário árido, pobre e ocre. Extrapola o local e toca em temas e personagens universais. Percebe-se um diálogo com obras e autores brasileiros como Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha sobre a descrição do sertão e por revelar o sertanejo “um forte”. O texto dialoga, também, com escritores universais como Kafka e Garcia Marques. O contato com Kafka surge pela descrição da fome e pela



penúria humana retratada, e, com Garcia Marques, pela estirpe de seres solitários que não tem uma segunda chance sobre a terra.

Mas, para além dos artifícios estéticos e das influências literárias já citadas, faz-se importante dizer que a escritora se revela uma talentosa She-razade que emenda uma história à outra, um frag-mento a outro, uma reminiscência a outra, sem perder de vista o fio condutor da obra que é a mor-te ou o cantar da morte. A morte liga um elo ao outro e faz do final do romance um novo come-ço ou um recomeçar de dores, amores, tragédias e mortes. É o eterno retorno. O caráter cíclico da vida e da morte.

15

*Roseli Bodnar*¹

¹ Roseli Bodnar é graduada em Letras - Português/Inglês pela Faculdade Estadual de Filo-sofia, Ciências e Letras de União da Vitória - PR (atual UNESPAR), com Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória - PR, Mestrado em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Doutoranda em Letras na área de concentração Teorias Críticas da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e Pro-fessora assistente do Curso de Licenciatura em Artes-Teatro, na Universidade Federal do Tocantins - UFT.





**“Há um sertão em mim e por
isso, tão somente por isso,
esse romance jorrou
da minha pena.”**

CAPÍTULO I



Tudo era igual sem ser rotina

Era o entardecer de um dia em meados de maio. O ano de 1950.

As galinhas empoleirando no quintal davam tons alegres ao morrer do dia. Nada era rotina. Os sons de cacarejo que saíam das goelas das galinhas remetiam às notas errantes de um musical alegre e urgente. Urgência em começar a aninhar-se para a noite, sem morrer com o dia. Nada era rotina. Tudo era igual. Os sons do vento que revoavam o local e que faziam o farfalhar das folhas e dos galhos das laranjeiras, bananeiras e abacateiros remetiam às mesmas notas ancestrais de um musical triste e monótono. Nas plantas parecia haver uma resignação em deixar o dia para experimentar a noite escura. Tudo era igual. A menina Dora estava agachada ao pé da parede caiada de tijolo de barro, olhando para as galinhas amontoadas no poleiro improvisado nas árvores do quintal. Olhava sem ver, pois tudo era igual aos dias anteriores. As mesmas árvores. As mesmas galinhas. Os mesmos sons.

Além de ver, a menina estava também ouvindo os sons afobados que saíam das goelas das galinhas. Ouvia sem escutar, pois eram os mesmos sons de sempre.



Ouvia, ainda, os sons dolorosos que vinham do quartinho atrás daquela parede caiada onde ela estava agachada quase inerte. Sentia esses sons sem conhecer seus motivos. Tudo era igual naquele entardecer no quintal. Porém, nada era rotina naquele fim de dia dentro da casinha onde morava com a sua mãe, a sua avó e o seu padrasto.

De dentro da casa, os sons dolorosos pareciam rasgar a garganta da sua mãe. Saíam ora agudos ora roucos. Saíam esganiçados e, às vezes, saíam de modo inseguro, resignados.

Além dos sons que sua mãe fazia, ferindo seus ouvidos de criança, Dora ouvia, sem compreender, outra voz tão cara para si. A voz paciente da sua avó que, mesmo estando por detrás da parede, anunciava à pequena Dora, um quadro presumível de amparo e conforto, dados à sua mãe.

Os sons de dentro traduziam um retrato de mãos seguras em mãos. Traduziam carinho e afeto.

Dora quase sentia, também, o medo que confrangia o par de corações que parecia não caber naquele quartinho. Mãe e filha ali estavam. Uma banhada em dor, a outra em medo de que algo saísse errado.

A menina Dora quase podia ouvir os dois corações precipitados, acelerados, ora pequenos ora gigantes.

A sua mãe estava parindo.

A sua avó fazia o parto.

A pequena Dora escutava.

As galinhas empoleiravam.



O dia findava.

Silêncio.

A noite caiu densa. As galinhas acomodaram-se e o negrume cobriu seus vultos nos poleiros. De um momento para o outro, respirações foram suspensas, ficando presas no ar e o grito rouco, represado em uma garganta rompeu o dique e saiu insano.

A pequena Dora estremeceu.

De tanto susto e medo, urinou ali mesmo na roupa, de cócoras.

Passou a mãozinha suja nos olhos, pois estava chorando.

Deu um pulo, colocando-se de pé quando ouviu passos apressados no interior da casa. Ouvia sons secos. Barulhos de cadeira sendo empurrada. Uma bacia sendo colocada sobre o chão batido de terra. O metal frio do que pareceu ser tesoura ou faca, panos sendo mergulhados em água.

Dora apurou os ouvidos.

Sua respiração também estava quase suspensa, presa no ar.

Silêncio.

E mais uma vez, os sons, apesar de novos, anunciavam o presumível quadro de amparo e conforto que Dora já sentira antes. Esses novos sons traduziam mais uma vez que mãos de saudade seguravam mãos inertes. E, o encantamento de carinho e de afeto parecia estar úmido do suor de alguma testa sofrida, carregando



fios gordurosos de cabelo que vazavam do lenço amarelecido.

O medo, que antes Dora quase sentira no ar, deu lugar à resignação. E um dos corações que compunha o par, antes confrangido, cabia agora perfeitamente no quartinho triste, e parecia querer ali fincar raízes, sucumbido à visita inconveniente que o cheiro da morte trazia àquela casinha pobre.

Dora ouviu novos sons. Pareceu sentir a suavidade das mãos de sua avó quando o par de gêmeos natimortos havia sido colocado na redinha a um canto do quarto e o corpo da mulher que, antes da gravidez, era franzino e esquálido, agora jazia inchado, na finitude gritante dos sonhos pobres de gente simples.

A morte visitava a casinha de Dora. E veio tripla, galopante.

Esse anoitecer trouxe a maior expressão de fatalidade que Dora conheceu na sua meninice.

Diante de tudo o que Dora acabou de experimentar, aos seis anos de idade, a menina era uma pessoa estranha na sua própria casa, no seu próprio quintal.

Naquele dia fatídico, naquela noite escura, viu passar por ali pessoas bem conhecidas e tantas outras pouco conhecidas, crianças, adultos, idosos. Para a sua infância, parecia ser um grande movimento, pela quase total falta de visitação na sua casa. Mas o movimento não ultrapassava dúzia e meia de pessoas.



Para a menina Dora, era um tumulto, já que sua família pequena totalizava três pessoas. Não tinha irmãos ainda, e não chegou a conhecer o avô, marido da sua avozinha que dividia aquela vida sofrida, pois a sua avó Nena enviudara depois de dois anos de casada, quando a mãe de Dora contava apenas um ano de idade.

Não se recordava de seu pai, pois sua mãe, doceira, enviudara aos trinta e três anos.

A menina conhecia apenas pedaços dessa estória, em que o seu finado pai foi ofendido por cobra em um dia cinzento. Ele estava sozinho, atravessando um matagal quando aconteceu o acidente. Ferido, não conseguiu pedir ajuda. Foi encontrado após um dia. Morto. Era o ano de 1948. Dora, nesse dia completava quatro anos. Diziam por ali que fora cobra cascavel, comum na localidade.

Presente estranho esse, recebido pela sua passagem de ano. Presente embrulhado em caixão. O funeral do seu pai.

A criança não acompanhou os preparativos para o sepultamento do pai. Tenra como era, até se distraiu durante o velório com as crianças das famílias da vizinhança. Interpretou toda aquela agitação como um dia de folguedo. Como sua pequena família estava envolvida com o velório, Dora passou o dia brincando no quintal, correndo sem limites com as outras crianças. E até subiu no barranco ao fundo, na descida para o matagal fechado, para se escorregar. Dora adorava essas traquinagens mesmo que o fato de escorregar arranhasse as suas perninhas finas no mato que ali crescia pisado.



Após a morte do pai, mesmo tendo somente quatro anos de idade, a menina sentiu a mudança no farelo aguado no fundo da sua cuia de comer. A comida, que já era pouca naqueles idos, minguava dia após dia, retirando por muito tempo o sorriso dos lábios da sua mãe que, mesmo sendo doceira tarimbada, não conseguia tirar do tacho de cobre a um canto da cozinha, com sua grande colher de pau, mais comprida do que a altura de Dora naquele tempo, o sustento da família.

Dora, por essa época brincava, às vezes, montada na grande e comprida colher, fazendo-a de cavalinho com o cabo para baixo, para não sujar a pá no chão batido de terra. E, nesses momentos e, somente nesses momentos, parecia haver um brilho muito tênue nos olhos secos da sua mãe. Às vezes, Dora até ouvia meia dúzia de palavras entrecortadas, mandando-a parar de mexer na velha colher de pau. E também nesses momentos, a mãe a repreendia chamando-a Dorita. Era uma repreensão que oscilava entre o carinho e a secura, só por hábito, contudo, sem esboçar um só movimento para conter a filha.

E, Dora corria pela cozinha, com o cabo arranhando o chão liso, fazendo círculos imperfeitos. Na sua cabecinha infantil, galopava montada em um grande e poderoso cavalo de lida.

Cuidando da lida da casa, a mãe ainda ameaçava que numa hora dessas, ainda misturaria Dora ao doce. Ralhava assim, quase rindo a mãe, mas se continha logo.

E, Dora corria sobre o cavalinho improvisado, sem ver que montava em uma triste e empretecida colher de pau.



A fome e a falta de tudo continuavam naquela rotina monótona da vida simples de uma família sustentada por uma viúva doceira e uma avó adontada dos peitos, e ainda havia a menina exposta ao que a mesmice trouxesse.

Todos eram muito magros.

Das pessoas, às poucas crias no quintal, exalava um cheiro de precisão, de falta, de fome, de saciedade nunca conhecida, cujo odor já nascia entranhado nas pessoas, nos bichos, nas plantas do lugar.

Só quando o Juca Espigueiro foi morar naquela casinha apertada, juntando-se à sua mãe, Dora sentiu a mudança tímida nas refeições, pois a sua cuia já lhe era entregue com o mingau ralo passando da metade, contendo vez ou outra, pequenos nacos de carne seca, carne essa preparada cuidadosamente por sua avó aos domingos, na hora morna da morredeira da tarde.

Juca Espigueiro tinha poucas posses. Uma velha montaria, dois porcos magros, duas redes ainda em bom estado, ferramentas de trabalho de lida, dois pares de botinas e, o seu maior tesouro, um berrante feito de um bom chifre de boi, muito bem curtido ao sol, com um verniz lustroso.

Juca Espigueiro entrou naquela família no ano anterior, sendo um ano depois que a mãe de Dora enviuvara.

A mãe de Dora quase na meia idade, ele, Juca, já beirando os cinquenta anos.



Juca Espigueiro não tinha família. Era viúvo. O seu primeiro casamento aconteceu já tarde para os costumes do lugar, ele contava trinta anos.

Desposara a filha de um soldado do lugarejo, lá para as bandas de Campineira do Anu Preto, povoado da cidade mais próxima dali. A moça, já erada e também, já errada, contava trinta e cinco anos. Coisa rara de acontecer naquelas paragens. Juca Espigueiro devia uma quantia em dinheiro ao soldado e não conseguia pagar. O casamento foi acertado e Juca Espigueiro, resignado desposou a moça velha e maculada. E teve uma grata surpresa. Era uma dona de casa exemplar, correta, firme, asseada. Era de dentro e de fora. Tratava das crias com o mesmo conhecimento que cozia dentro de casa. Sabida, conhecia algumas letras e rabiscava palavras no terreiro, com um graveto, em caligrafia medonha, no fim do dia quando se sentava para prosear com o seu marido.

Depois de vinte anos de casados, a moça velha enfartou numa manhã encoberta de novembro. Já contava quase cinquenta e cinco anos. Estava puxando água da cisterna para a lavação de roupas. Já tinha enchido quatro tinas e quando foi despejar a água do quinto balde, entonteceu e caiu sobre a tina d'água. O marido, Juca Espigueiro que estava por ali a amolar as suas ferramentas, correu a acudir. Primeiro até pensou que ela havia morrido afogada. Mas, quando a raizeira e também parteira Leonilda chegou ao local, assegurou-lhe que foi um mal terrível do coração. Fulminante, como ela já havia visto outras tantas



vezes. Não tinha o que fazer nessas situações. Era enterrar o corpo e seguir adiante.

Juca Espigueiro enterrou a mulher lá para as bandas de Campineira do Anu Preto, onde a numerosa família do soldado morava. Não recebeu condolências da família. Não recebeu pares de mãos gentis a apertar as suas.

Se Juca Espigueiro não fosse tão lento das ideias, teria percebido uma desconfiança no ar. Uma injúria se formando naquela casa abastada.

Já enterrada a filha, o soldado que já estava muito idoso, quedou-se a olhar fixamente o horizonte. Não ofereceu hospitalidade ao genro, que se agasalhou no paiol velho da casa vizinha à do sogro, onde morava um seu conhecido com a sua velha.

Antes das comemorações fúnebres de sete dias, numa noite em que Juca pitava no terreiro, o sogro chegou numa montaria e apeou. Ao invés de entrar para a sua casa como sempre fazia, andou lentamente, porém de um jeito desafiador até Juca Espigueiro. E foi falando sem cumprimentos:

Cadê os filhos d'ocês? Não vingaram?

Juca Espigueiro, pego de surpresa pela prosa pigarreou, engoliu em seco:

Nunca veio nenhum.

Não que tivesse medo do soldado idoso, mas de ideias curtas, não atinava com os motivos daquela prosa fora de propósito. Foi casado por vinte anos. A mulher não emprenhou nenhuma vez. Não



falavam sobre isso. Levavam uma vida pacata. Viviam. Sobreviviam. E isso bastava. Era o máximo de reflexão que Juca Espigueiro conseguia construir diante da vida.

Viviam. E só.

A prosa com o sogro, o velho soldado, não evoluiu, não vingou. Não se encompridou. Juca Espigueiro sentiu cheiro de desconfiança. O ar mudou levemente, alterando a mesmice de todas as noites. E Juca Espigueiro disparou:

Amanhã eu pego a estrada. A lida me espera.

E sai a que horas o meu genro?

Lá pelo sol alto. Vou primeiro arrumar uma ferramenta no Quirino Ferreiro.

Juca Espigueiro não trouxera ferramentas para o enterro da sua mulher e ficou até muito surpreso com a mentira contada, saída da sua própria boca.

Mais tarde, já deitado na rede velha dentro do paiol não conseguia atinar com a mentira soltada ali no terreiro para o sogro soldado.

Matutava, matutava e nada.

Por volta das três horas da matina. Levantou-se e enrolou as suas poucas coisas na rede. Fez um embornal que colocou nos ombros. Saiu para o terreiro. Noite escura, sem lua, sem sons, sem promessas.

Pegou a estrada. Seu amigo dono da casa ficaria a matutar o motivo daquela partida na noite, sem despedidas. O próprio Juca Espigueiro não atinava



com os motivos. Mas seu corpo caído na lida, já caminhava às pressas quando ladeou a casa virada para o nascente, e seguiu adiante.

Não andou muito tempo. Daí um pedaço de duas léguas, sentiu o ataque nas costas. Parecia um golpe de porrete. Caiu meio zozzo com uma dor lancinante. Levou uma coça.

Nunca soube de fato o que acontecera. Como também nunca mais visitou ou teve notícias do sogro soldado e da sua numerosa família.

Ficou ferido no mato por dois dias. E antes de chegar a sua casa passou pela casa da raizeira e parteira, que o tratou e curou. Ela ficou impressionada com o tanto de ferimento e com o fato de ele ter sobrevivido, pois já não era jovem, estava entrando na casa dos cinquenta anos.

Juca ainda sonhava em ter uma família. Estava afeiçoado à rotina das prosas dentro de casa, quando sobrava tempo. A moça velha havia sido uma boa esposa.

E assim, Juca, curado dos ferimentos, voltou à lida diária e, numa reza num domingo na casa da sua amiga raizeira, botou os olhos na viúva do seu vizinho mais próximo, e botou esses olhos de um jeito diferente.

Fazia um ano que ajudara a enterrar o peão jovem morto ofendido por cobra. Fazia também um ano que Juca enviudara.

Juca, quando era casado com a filha erada do soldado da cidade, e avesso à vida social do lugarejo,



que era restrita, desconhecia as dificuldades e o cotidiano da casinha pobre e triste da doceira, com o seu marido peão, sua filha pequena e sua mãe adoentada dos peitos.

Botou os olhos na viúva e terminada a reza foi oferecer-lhe um copo de café. A raizeira fez gosto do gesto. A mãe da doceira também, pois a sua filha já não era moça e tinha a pequena Dora para criar.

As amigas íntimas, a raizeira e parteira, e a sua amiga, a velha Nena, doentinha do peito, ficaram de longe espiando o entrave da primeira conversa. Não havia muitas novidades nos enamoramentos. O povo dali, de simpleza no traquejo, não conhecia os remelexos que o coração, às vezes, dá nos dias suaves da conquista. Não havia tempo para isso. Não havia cartilha. Não havia sonhos de nubentes, sonhos construídos em noites de lua cheia, mornas de romance e gozo.

As amigas trocaram olhares cúmplices. Poderia nascer dali uma solução para as dificuldades daquela casinha enviuvada há um ano. Tanta precisão havia ali, que a possibilidade de ter um provedor logo acendeu os olhares das duas amigas.

Queriam-se muito.

Queriam-se bem.

O que fosse bom para uma seria bom para a outra.

Assim, no coração das duas amigas de poucas palavras e poucas confidências uma esperança



começou a crescer. Nena, a avó de Dora queria um pai para a pequena, sua neta, e queria ver a sua filha pisar o velho chão batido da casa com os pés ligeiros das mulheres do sertão que a tudo acode no tempo certo, por saber que o seu homem chegará cansado da lida e faminto do cotidiano que as humildes casinhas do sertão têm.

Ficaram espiando, desejando que a conversa evoluísse, mas suspiraram ambas quando viram a dificuldade dessa primeira conversa que o Juca Espigueiro tentou entabular. O cabra era homem bom, mas avesso às palavras pensadas tanto quanto às proferidas. Começou por perguntar se a Dona ainda usaria o luto por muito tempo. A doceira corando perguntou em troca se ele já tinha curado as feridas que o soldado da cidade mandou fazer no lombo dele.

Juca Espigueiro emburrou. Não queria falar da coça. Era vergonhoso ter sido apanhado pelas costas. Não era assassino e não cometera crimes. Não merecia ter levado aquela surra. Todo o povaréu das redondezas ficou sabendo. E teve até acréscimos na estória. Juca pigarreou, tossiu e explicou meio rude que a raizeira Leonilda o curou.

A doceira bebeu o café, de chofre.

Juca ainda acrescentou que foi usado unguento de banha com arnica.

Dora subiu no colo da sua mãe. Ficou a procurar o peito murcho. Já contava com quatro anos.

A doceira, desajeitada, ralhou-lhe.



Juca, curioso, e desejoso de sair do assunto da coça, perguntou se a pequena ainda mama nos peitos.

A doceira, incomodada, pegou um biscoito de um prato que passava pelas mãos e deu para a menina.

A raizeira Leonilda estava ficando ansiosa com o rumo da conversa. Abriu a boca para falar, mas a sua amiga, avó de Dora, falou antes. Perguntou se Juca ficara com todas as posses. A avó era curiosa. Urgia saber logo os detalhes da vida do cabra.

Juca explicou afoito que a casa caiu uma banda com a chuvarada que deu no veraneio. Explicou lentamente, no seu jeito de falar baixo.

A velha ainda insistiu no paradeiro dos trem, das cria. Queria detalhes. Era afeita à minuciosidade.

Juca contou sobre a montaria que o sogro lhe dera no casamento. A montaria estava com ele. Era boa de lida.

Silêncio no terreiro farto.

Falou ainda dos dois porcos.

Depois de um tempo que não tinha preguiça de correr, Juca Espigueiro suspirou alto e revelou que ainda queria muito um menino macho para criar. Falou de um jeito triste e fatalista.

Todo mundo da reza estava ouvindo a prosa. Todo mundo acompanhando a arrumação, a negociação da velha doente do peito com Juca Espigueiro, viúvo há pouco. Era tudo às claras, sem rodeios.



Todos estavam em silêncio.

O povaréu espreitava, na curiosidade simples das gentes simples do lugar, o rumo da prosa.

E todos faziam gosto. A doceira tinha uma das casinhas mais pobres e simples dali. Viúva. A pequena Dora ainda por criar. A mãe, já velha e doentinha do peito.

A raizeira e também parteira quebrou o silêncio. Falou sobre a ausência do padre naquelas bandas. O silêncio continuou.

Alguém falou lá da porta da cozinha, saindo para o terreiro lembrou que ele nunca vinha mesmo. Não havia o que fazer.

Outra voz explicou, sem o tato, sem o jeito de procurar as palavras certas, já que a Lavadeira Quintina estava ali ouvindo que a última vez que o padre andou por ali foi quando a menina da Dona Quintina da Campineira morrera afogada.

A lavadeira não esboçou uma palavra ou um gesto.

Rosto impassível, diante da lembrança da filha.

A mãe da doceira, a velha Nena, deu a ordem ao molecote de pé no chão que, por ser órfão, era empregado na casa da Lavadeira que fosse ver se a benzedeira a comadre Cota estava no rancho. E que fosse logo. Ralhou-lhe que rompesse sem demora.

Finalmente, a lavadeira resolver entrar na conversa perguntando se a benzedeira iria fazer o casamento. Não conseguiu atinar com a vinda dela ali naquela reunião.



O molecote nem chegou a atravessar o quintal, a raizeira já foi explicando que Cota estava viajando para a cidade, em trabalho de benzimento do menino da Dona Tica, lavadeira lá da casa do soldado. Contou ainda que o menino estava com a espinhela caída, vomitando e chorando, meio mortinho.

A lavadeira recordando de conversas ouvidas pelo sertão acrescentou que a benzeção era na casa do sogro do Juca. Falou do sogro, sem maldade, na simplicidade dos que proseiam em terreiros de chão batido.

Juca se espicaçou e, com todo o respeito, lembrou a Dona Quintina que não tinha mais sogro. Sabia que todos ali sabiam da coça, do sogro, da falta de hospitalidade.

Silêncio novamente.

A doceira se levantou com Dora nos braços, que tinha adormecido no seu colo, chupando o dedo.

A avó suspirou e levantou também. Olhou para Juca Espigueiro. Fez menção de falar, mas nada saiu.

Juca aproveitou a deixa, falou para a velha Nena que levaria uma caça que estava pendurada na casa dele para que ela tratasse. Era um oferecimento. Todos acharam ser de bom grado.

A velha concordou quase risonha. Um quase preâmbulo de sorriso. O povaréu daquele lugarejo não conhecia arroubos de sorrisos, de alegrias genuínas, mesmo que fosse um dia abençoado em que uma viúva pobre arruma a vida juntando-se



a um homem de bem, trabalhador. Um homem exemplo.

E foi assim que Juca Espigueiro entrou na pequena família da menina Dora, um ano depois que a mãe da menina enviudara, tendo tudo começado naquela reza na casa da raizeira e também parteira, a velha Leonilda, numa manhã de dia santo.

Não que a velha Leonilda fosse dada à religiosidade, isso era lá com a benzedeira e carpideira Cota. Mas como sempre disse a negra Celestina, o jeito é aproveitar o dia santo para encher a casa e o terreiro com o povaréu do lugar e prosear, mesmo que em frases entrecortadas.

A raizeira não puxava rezas, não conhecia os santos. Mas era uma das pessoas de mais posses do lugar e gostava de ver aquele povaréu comendo da sua comida e bebendo a boa cachacinha que ela trazia da cidade.

E foi numa dessas rezas, ocasião festiva, que a avó de Dora, doente do peito, investigara a situação do também viúvo Juca Espigueiro. E, por ser do gosto de todos ali presentes, Juca fez seu papel de bom provedor, oferecendo à futura sogra uma caça gorda para ser tratada, e isso bastaria para alimentar a família naqueles primeiros dias. Daí em diante, seria um dia após o outro. Como era para todos ali.

No dia seguinte à reza Juca apareceu com a caça. Era o mês de junho de 1949.

Era o dia em que a mãe de Dora começaria uma nova etapa na sua vida.



Para Dora, a sua família continuava sendo somente a sua mãe e a sua avó. Três corpos, cheiros, cansaços, movimentos que ela conhecia tão bem, com tanta intimidade.

Desde a morte do seu pai, um ano antes, que Dora dividia a cama velha com treliça de couro de vaca com a mãe. Isso mudou, pois desde a chegada de Juca Espigueiro naquele dia de reza com uma caça às costas e meia dúzia de viagens, cheio de tralhas, que Dora dormia com a sua avó na rede velha a um canto da cozinha.

Esse dia da caça ficou marcado nas lembranças da menina, pois havia sido um dia movimentado, de fogareiro aceso durante o dia todo.

Dia de um farturento tacho de cobre de doce sendo mexido na cozinha. De catação de piolhos nas cabeças das três mulheres, de banho na velha bacia de alumínio que ficava debaixo da cama de treliça de couro de vaca.

O banho de Dora tinha sido quente, mas quando a sua mãe acorrou-se na bacia, nua, na mesma água de Dora, para a sua própria lavação, reclamou da água fria, com um muxoxo.

Nesse dia, houve um clima de euforia velada na casinha. Uma euforia incomum.

Dora podia sentir no ar uma mudança nos movimentos da sua mãe. Estavam mais afoitos andando pela casinha, tanto na varreção dos dois cômodos quanto na catação de trastes velhos do quintal.



Dora sabia que a quebra da monotonia tinha alguma relação com Juca Espigueiro. Tinha também relação com a grande caça trazida mais cedo, depois do combinado na manhã de reza na casa da parteira. Dora não tinha ainda elementos internos para atinar com os motivos daquelas mudanças todas, de forma mais concreta.

Dias lembrados, quase esquecidos de tão distantes, agora que a morte da mãe de Dora e do par de gêmeos surpreendeu a menina Dora com a dor primária da perda sem volta.

A dor da partida sem despedida.

Lembranças de dias distantes como os voos dos pássaros lá no alto, no céu, tão inalcançáveis e tão misteriosos.

Os olhos de Dora que, no velório do pai há um ano, ficaram surpresos ao olhar o cadáver dentro daquele caixão aberto, cuidadosamente arrumado sobre a mesa escura da pequena cozinha, agora, no conhecimento da morte da mãe mostravam a agressão e a violência com que as primeiras lágrimas enevoam os olhos de quem chora pela primeira vez.

As lágrimas de Dora mostravam um choro casto e puro, imperfeito no rosto de uma criança de seis anos de idade.

Era um choro precoce, porém maduro.

Choro impositivo que, assim como as primeiras regras anunciam a chegada da mulher no corpo



da criança, as lágrimas apresentam a dor à alma da mulher.

E foi no desencontro da primeira dor que os rituais internos, secretos e desconhecidos de Dora foram planejados, elaborados, construídos para sustentarem a fragilidade que daí por diante não mais existiu, porém sempre que foi evocada, durante toda a sua vida não mais deixou de se mostrar.

Dora chorou pela primeira vez como pessoa adulta. Como mulher. No entendimento da dor feminina.

As lágrimas peroladas que banharam por poucos minutos o seu rostinho sujo nasceram de outra fonte que não a da meninice. Não vieram cristalinas em regatos calmos banhados pelo sol. Vieram em torrente, avassaladoras, de um lugar tão desconhecido quanto fundo. E Dora teve medo dessa dor. E para não sucumbir nela, desviou o curso do rio.

Aos seis anos de idade, no primeiro velório sentido de fato de sua vida, não foi fazer traquinagens no quintal durante as rezas funéreas, como as outras crianças de menor idade faziam.

Dora não aproveitou a desatenção dos adultos para subir no barranco ao fundo, na descida para o matagal fechado, para se escorregar arranhando as suas perninhas finas no mato que ali crescia, como fez no velório do seu pai, morto por cobra.

Dora não sucumbiu aos folguedos que os dias de velório traziam para a molecada pequena, em esparsas épocas do ano.



Não.

Dora, ainda tão tenra, experimentava precoce e injustamente a dor dos adultos. E no velório da sua mãe e dos irmãos gêmeos, passou as mãozinhas de unhas sujas nos olhos e procurou naquela profusão de mãos e pernas na sua casa pequena, as mãos enrugadas e úmidas de suor da sua avó. Segurou-as firmemente, não sendo possível precisar por quanto tempo se fortaleceu nessa fortaleza. Carcomida, sim, mas fortaleza ainda, aos sessenta e seis anos de idade, a sua avó, adoentada do peito, acolheu aquela mãozinha frágil, como se pássaro cativo fosse.

O povaréu foi chegando devagar, assim que a notícia correu.

O velório havia começado lento, cortado por sussurros e ladainhas.

Quando o sol estava indo para o meio do céu, a claridade apontava para perto das doze horas do dia.

A velha carpideira começou o lamento, sem paga, para os mortos sobre a mesa.

A falta de recursos da família enlutada era um entrave para a prosperidade da carpideira, naquele meio dia calorento.

Não foi possível pedir nem uma cria do terreiro, uma cuia de farinha ou uma renda para um enfeite na roupa de luto. Não foi possível pedir nada. O povo enlutado era um dos mais pobres da região. Era gente querida. A cantoria foi sem paga.

Dora desconhecia, ainda, essas negociações do momento da morte.



Dora não sabia que havia um trabalho artístico e social, e ainda religioso, que deveria ser executado por pessoa experiente. Profissional gabaritado. Tradição tida e mantida por família de carpideiras. Carpideira por ofício.

Assim, Dora só identificava naquele dia de luto, na sua própria casa, um ataúde grande que escondia a sua mãe. Os gêmeos estavam em um pequeno caixote improvisado. Juntos. Em cima, um laço de fita verde-cana, colocado pelas mãos da velha carpideira. Não havia enfeites para o caixão da mãe. Os recursos não chegavam a tanto. Juca já providenciara o ataúde. Era um bom homem. Provedor. Viúvo por duas vezes.

A parteira Leonilda, tão íntima da avó de Dora, ainda estava por chegar ao velório.

Todos curiosos por saberem o motivo desse impedimento. A família enlutada era muito cara para a parteira. Motivo ali havia para o não comparecimento. E era coisa importante, disso o povaréu sabia.

E não tardou a parteira.

Chegou cansada de mais uma jornada de trabalho.

Quando chegou, todo o povaréu que tinha que comparecer ao velório, ali já estava. E não era muito.

Quando a parteira entrou finalmente na portinha enegrecida da fuligem dos grandes tachos de doce, na cozinha, havia silêncio. Era um silêncio tão sutil que foi possível ouvir o zumbido das moscas nas panelas sujas sobre o fogão caipira. Restos



do almoço do dia anterior ainda estavam sobre as duas panelinhas pretas do fogão, cheio de brasas apagadas e cinzas.

Com a entrada da parteira, o silêncio foi imediatamente amplificado. Mais silencioso ficou ainda. As vozes, engolidas às pressas, ainda deixaram fragmentos do lamento que foram minguando tardiamente.

A cozinha apertada não comportava mais pessoas. Porém, a parteira, e também raizeira por ofício, contava com a deferência de todos ali.

Não havia uma família presente, das quatro que ali estavam, que não tivesse convivido de alguma forma com a velha Leonilda, ou para o bem ou para o mal. Ou na cura a contento ou na tentativa imperfeita que resultou em morte. Ela era, de certa forma, íntima de todos.

Seu ofício era curar e trazer ao mundo os anjinhos, abundantes naquelas redondezas.

Da porta da cozinha os seus pés ligeiros, em poucos passos alcançaram a mesa. A avó de Dora, sua amiga íntima, olhou-a copiosamente, abatida e resignada.

Cochicharam.

Nena perguntou se ela fizera boa viagem.

Havia um tom de súplica na pergunta.

Não havia tom de acusação, mesmo que todos ali achassem que a raizeira e parteira devesse ter feito o parto.



Leonilda era a amiga mais próxima daquela velha doentinha do peito.

Poucos ali sabiam que era uma amizade que remontava à meninice. Não contava os dedos de uma mão, as pessoas que sabiam desse tão antigo entrosamento.

Não havia tom de desculpa também na resposta da raizeira.

A resignação era a melhor aliada daquele povaréu todo.

Resignação e só.

Assim, a resposta da velha Leonilda, raizeira e parteira, veio sem nenhuma nota de explicação ou de desculpas.

Assim, os olhos da parteira estavam pregados no pequeno caixote com o laço de fita verde-cana, quando ela respondeu que a viagem tinha sido o de sempre.

A amiga doentinha do peito ainda quisera saber como estava lá para bandas do boqueirão.

Leonilda respondera que era tempo de pouca fartura. Tempo ruim.

E explicou que o parto se dera com muita dor, diante da curiosidade da amiga se o anjinho nasceu a contento. Era um pequerrucho. Rosado. Mas morreu do mal de sete dias.

A avó de Dora resignou-se. Sabia, dias antes, que havia um parto a ser feito longe dali, por isso a amiga parteira saiu em viagem.



Nena concluiu, diante de toda essa fatalidade, que não havia a se fazer.

Acabado a conversa, tudo foi esclarecido. O velório monótono foi retomado.

A Velha Leonilda ocupou um lugar. Ficou so-lene. Suspirou fundo. Os pares de olhos desviaram-se dela para outros pontos a procura de distração. Não tinha muito o que olhar por ali.

Dali a pouco, até a Velha Leonilda já tinha os pensamentos dispersos e distantes.

O caixão e o caixote sobre a mesa.

O caixão ao lado do caixote. Parecia que disputavam espaço. A mesa era larga, mesa de casa de doceira, mas para três defuntos, era pequena.

A Velha Leonilda queria consolar a amiga do-entinha do peito. Mas estava tão abafado ali. Ficou parada, procurando o que fazer.

Esfregou o pé esquerdo na perna da mesa. Do cachorro ali deitado, ao pé, subiam três carrapatos. O pé gordo e ressequido da Velha derrubou dois.

A avó de Dora acompanhou tudo. Tocou dali o cachorro, que teve dificuldade para sair, já que a cozinha estava cheia com as quatro famílias.

Dora saiu daquela cozinha ensebada e abafada, atrás do cachorro.

A chegada da Velha Leonilda, parteira e rai-zeira deu-lhe uma ideia.

Foi ao quintal.



Debaixo da bananeira havia uma touceira pequena de capim. Dora observou a touceira. Agachou-se e arredou para o lado algumas folhas. Viu o broto de uma plantinha. Era só uma plantinha do chão. Broto desgarrado, sem mãe. Rebento de vida curta, sem direito às estações. Dora colheu três folhinhas. Entrou na cozinha novamente. Ia pedir a avó para fazer um chá para a mãe, no caixão.

Era um momento de desvario.

De desatino infantil.

O povaréu observava tudo minuciosamente. Viu Dora sair. Viu Dora mexer na moita de capim. Viu Dora entrar com as folhinhas na mãozinha suja. Estava com pena da menina. Sem pai, sem mãe. A avó doente do peito. A pequena família de Dora não tinha parentes nas redondezas. Dora pareceu esquecer-se que estava com as folhinhas na mão. Chegou perto da avó e ali ficou parada.

Silêncio.

Tudo era igual. Nada era rotina.

A morte não era igual.

A morte era rotina.

O velório seguia o seu curso finito.

Dora pediu água para a avó. Falou alto, meio rouca.

A lavadeira de roupas, Dona Quintina da Campineira, uma mulher forte, amorenada, rosto queimado e castigado pelo sol estava encostada na cantoneira.



O pote de barro ali em cima parecia solitário com dois copos em cima. Um, era de alumínio com sinais de dedos, estava de borco. O outro, esmaltado de verde. Ambos descansavam sobre a tampa.

Todos acompanharam o movimento que quebrou a monotonia por alguns instantes.

Dora passou rente à mesa com o caixão da mãe e o caixote dos gêmeos, com enfeite de fita verde-cana.

Dora passou espremida, raspando a mãozinha na beirada da mesa, furou o dedo indicador numa farpa. Surgiu uma minúscula gota de sangue. A menina sugou o sangue. Fez isso por instinto. Chegou ao outro lado, à cantoneira, que servia de descanso para o braço da lavadeira.

A lavadeira pegou a alça do copo esmaltado, marcando-o mais ainda com sinais de dedos. Outra mão apareceu para segurar o caneco esmaltado de verde, cuja borda era toda descascada e havia ainda um grande pedaço de esmalte arrancado em um dos lados, perto da asinha. Lembrava uma nuvem negra.

A lavadeira tirou a tampinha de cima do pote. Colocou-a na ponta da mesa, pelos pés do caixão, no pequeno espaço desocupado. Nisso, Dora já estava ali ao lado, sedenta. Os olhos cravados na lavadeira.

O povaréu observava.

A lavadeira enfiou com muita energia o copo no pote.

Vazio.



O barulho do alumínio batendo no fundo de barro ressoou pela pequena cozinha.

Dora rompeu a chorar.

A velha carpideira tirou um lamento para o par de gêmeos:

“E a alminha, do menino
Vai subindo para o céu
E o corpinho pequenininho
É tão puro como um véu
Menininho, oh! Anjinho
Imaculado vem voar
E a alminha, oh! Pureza
Lá no céu vai morar”.

Sua voz foi sumindo num sussurro.

Dora chorosa esperava a água. Os olhos cansados estavam baixos agora.

A voz da carpideira sumiu.

Silêncio.

A velha carpideira rodeou a mesa devagar.

O povo estava espremido, mas deu passagem à benzedeira e também carpideira. Ela, como a lavadeira era assídua de todos ali. Não havia família presente, das quatro que ali estavam que não tivesse convivido de alguma forma



com a Velha benzedeira e carpideira, tanto para o bem ou para o mal. Ou na cura a contento pelas rezas ou no exercício do seu ofício em entoar a morte.

Ao lado da avó de Dora, a carpideira cochichou tirando dúvidas se o anjinho era menino ou menina. Nena, compungida, respondeu que dois meninos. Com um suspiro profundo, a carpideira fez o nome do pai e entoou:

“Menininho, oh! Anjinho
Imaculado vem voar
E a alminha, oh! Pureza
Lá no céu vai morar”.

Dora desatou a chorar novamente, fazendo coro com a carpideira.

Chorou alto, gritado, com a pequena boca rosada escancarada. Faltavam-lhe os dois dentinhos brancos da frente. Tinham caído há pouco tempo.

Todos observavam.

Incomodadas, algumas mulheres pigarrearam alto.

Os olhares iam de Dora para a carpideira. Dora aumentou o choro, a gritaria. Afinou os berros. A velha carpideira também aumentou o lamento, a cantoria. Desafinou na palavra “Imaculada”.

O velório continuava.



A menina chorando parecia tão sozinha, mas ao mesmo tempo estava no meio de tantas pessoas.

Sua avó rodeou a mesa, e veio colocar as mãos envelhecidas sobre o ombrinho da menina. Desceu o braço e procurou sua mãozinha suja. Agarrou e apertou forte aquela mãozinha indefesa nas suas. Encontrou as três folhinhas colhidas da plantinha do chão, lá nos fundos do quintal. Eram de um broto desgarrado. Estavam dentro da mãozinha de Dora. Por serem colhidas há pouco, ainda estavam frescas.

A avó arrastou Dora pelo bracinho até o tamborete velho à porta da casinha. Sentou-se e sentiu o vento no rosto triste. Colocou a menina no colo e apertou-a forte contra o peito magro e murcho. Afundou o rosto no cabelinho da menina, cheio de piolhos, embaraçados por serem muito encaracolados. Abriu a torrente. O choro saiu convulso, entrecortado por tosses secas e pigarros. Chorou alto e demoradamente.

O povaréu a espiar.

Agora todos olhavam para a porta da cozinha. Para o tamborete com a velha embalando a criança suja no colo. O caixão e o caixote esquecidos sobre a mesa.

Era hora.

O tempo corria.

Os mortos precisavam ser enterrados.

Começou um barulho no interior da cozinha. Ajeitamento da tampa no caixão amarronzado.



A avó ouvia tudo sentada ao banquinho, o choro agora, num movimento inverso e controverso, parecia retornar ao seu peito doente, de onde, há pouco, escapulira em tropeços, sem rédeas, num galope inconveniente.

Pés pisavam para lá e para cá.

Sussurros.

Fechos sendo fechados.

Suspiros.

A lavadeira de roupas, a amorenada Dona Quintina da Campineira, ainda encostada na cantoneira, puxou uma oração tão antiga quanto aquele lugarejo.

Havia um refrão, uma lacuna na oração em que a lavadeira pausava com um lamento: “E a porta aberta do paraíso”, e então, parava, e o povaréu respondia: “É a acolhida das pobres almas pecadoras”.

Dizia três versos entrecortados, suspendia a fala apregoando a porta aberta do paraíso e a resposta vinha lamentada, arrastada, com pendor para o encurtamento dos vocábulos finais, que saíam irreconhecíveis e imperceptíveis.

A cada trecho da oração que ia sendo puxada, as pessoas iam respondendo com mais morosidade e resignação: “É a acolhida das pobres almas pecadoras”.

O lamento da oração da Lavadeira Quintina durou dez estrofes, clamando pela porta aberta do paraíso, passando pelo purgatório das almas vãs,



pecadoras, indo finalmente, culminar no bom retiro e nas veredas acalentadoras reservadas aos que merecem. E aquela gente pobre decerto merecia, pois as vozes morredeiras durante as estrofes ganhavam um lampejo de ênfase no refrão: “É a acolhida das pobres almas pecadoras”.

O caixão foi, finalmente, fechado. Sem enfeites. Sem a ajuda da avó que já, empertigada, esperava no início da estradinha, com a menina Dora segura pela mão.

O pequeno caixote improvisado, agora abrigo dos corpinhos gêmeos, havia ficado fechado durante todo o velório.

As mãos enviuvadas de Juca Espigueiro ajeitaram desajeitadamente, o laço de fita verde-cana sobre o caixote.

Houve um momento de indecisão. De pés pisados no chão batido de terra da pobre casinha. Vários pares de mãos fizeram gestos de quase pegarem tanto o pequeno caixote féretro quanto o caixão. Nenhum par chegou a tocar um ou outro.

Finalmente, o pai dos gêmeos decidiu-se pelo caixote com o laço de fita verde-cana.

Quatro homens humildes, moradores das redondezas agarraram as alças do caixão de madeira amarronzada.

Eram, além do viúvo Juca Espigueiro, os únicos homens presentes.

Homens envelhecidos e resignados, homens da lida diária e sofrida, construída no cotidiano de



dias inteiros gastos pelo tempo que escoa, mas não finda.

Os velhos chapéus de palha dos homens estavam pendurados nas costas, em respeito à dor calada e monótona que visitava aquela família.

A caminhada para o cemitério começou em silêncio. Era um espaço que distava cinco quilômetros dali. A estrada era velha e estreita, com moitas de capim dos dois lados. Depois de dois quilômetros começava uma curva sinuosa e curta, em cuja curvatura à direita uma árvore tão antiga fazia um agouro espectral de boas-vindas antes da reta que levava ao cemitério.

A árvore de caule esbranquiçado, nas noites de lua cheia, parecia gritar de dor com os seus galhos abertos e retorcidos e o seu caule machucado de carços nascidos em desvãos de ventos.

Era um enorme angico branco.

O povaréu vinha, sol a pino, andando lentamente atrás do caixão e do caixote.

Os quatro homens da terra levavam o caixão num passo lento, à frente de todos.

O pequeno caixote, junto ao peito do viúvo Juca Espigueiro, parecia deslocado, pois havia uma carência de braços femininos naquele abraço solitário.

O recorte, do caixão à frente, com os quatro homens batidos e endurecidos na lida diária, seguido do caixote pequeno, nos braços do pai emoldurava a monotonia do sertão, onde tudo era igual, onde a dor era rotina.



As mulheres iam atrás, íntimas dessa dor, porém reservadas.

O viúvo Juca Espigueiro ia ficando para trás, em alguns momentos, misturado aos passos arrastados, de pés quase cobertos por saias rotas e esfarapadas. Dava um novo impulso aos pés calejados e tomava a dianteira.

Quase esbarrando no pai dos gêmeos ia a velha benzedeira e carpideira, que retomou a sua cantoria de carpir assim que o enterrinho ultrapassou os limites do terreiro e se espremeu na estreita estrada.

A velha lavadeira Quintina fechava a caminhada de rendição à morte e à finitude humana. Parecia relutante em visitar o cemitério. Parecia querer encompridar o caminho. Dali não tinha boas lembranças. Havia uma grande ferida aberta a supurar, machucando a sua alma.

Dora ia andando no meio do povaréu, a mão magra da sua avó materna segurando a sua mãozinha esquerda.

A cara de sua avó estava tão ressequida e gretada que parecia impossível haver chorado tão convulsivamente há pouco, trepada no tamborete, com Dora ao colo.

Fizeram a curva sinuosa.

A árvore de tronco esbranquiçado, com seus galhos retorcidos e seu caule machucado de carochos nascidos em desvãos de ventos balançou suavemente, no contraste da rudeza e da beleza.



Era belo.

Era fatídico.

Era sublime.

Era medonho.

Era a recepção dos espíritos.

O velho angico branco parecia ser a porta da morada dos espíritos.

No entanto, era só uma árvore ao vento.

O grupo chegou à cruzinha, antes branca, agora amarelada pelo tempo, colocada sobre a cabeceira do primeiro túmulo na entrada do cemiteriozinho.

A cruz media uns oitenta centímetros.

Aos pés da cruz, uma imagem santa, pequena, não mais do que dois palmos, talhada em uma pedra escura. Era uma cena indefinida, um anjo debruçado sobre um cordeiro, tendo em uma das mãos um pedaço de lança e na outra uma pedra. O cordeiro, retorcido ao chão. O anjo não olhava para o cordeiro, mas para o horizonte, como se no último minuto da cena, tivesse sido chamado e interrompido o gesto no ar. Tudo isso no túmulo logo na entrada do cemitério.

Parecia ser um dos mais antigos, pois o cemitério foi crescendo para o poente, muito atrás do pequeno túmulo da entrada.

Era o túmulo de uma criança.

Rabiscada, sobre uma pedra em alto relevo, a data já estava quase apagada pelo tempo, mas ainda era possível ler os pequenos números em duas linhas:



15.02.1834

23.04.1835

Um ano, dois meses e oito dias de vida constavam daqueles números quase ilegíveis na pedra que já havia estado em perfeito alto relevo.

Era o túmulo de uma criancinha, começando a dar os seus primeiros passinhos. Um ano, dois meses e oito dias de vida.

Rotina da vida no sertão.

Mais para o fundo do cemitério, poente adentro, pouco mais de três dúzias de túmulos ocupavam de forma desordenada o espaço sombreado pelo lado direito, onde grandes árvores emprestavam galhos frondosos que aninhavam os velhos túmulos em confortável aconchego.

Um pássaro deu um pio agudo em um ponto qualquer daquela imensidão amarela da tarde ensolarada. O dia já passava do meio, no caminho do morredouro entardecer.

O enterrinho atravessou por entre os túmulos e parou ao lado de uma roseira braba onde o velho Ditinho Arriero terminava de cavar a terra que, amontoada ao lado do buraco, denunciava estar em boa profundidade para receber o caixão e o pequeno caixote de madeira, com enfeite de fita verde-cana.

O velho Ditinho olhou descrente para o poaréu. O chapéu na cabeça deixava escorrer gotas grossas de suor. A camisa estava pregada ao peito,



revelando uma ossatura antiga, porém rígida. Tinha uma grande mancha de queimadura no lado esquerdo do rosto. Os dentes amarelados da mastigação do fumo.

Fazia arreios no cotidiano pobre.

Era o coveiro, nas encomendas.

O dia corria.

A cova estava pronta.

Fizeram um círculo desorganizado ao redor da cova. O espaço era pequeno. Os molecotes se acotovelavam tentando ver o que estava acontecendo mais perto do buraco. Os homens tomaram a frente.

O pássaro agourento deu outro pio mais agudo ainda.

Ditinho colocou os quatro pedaços de corda nas alças do caixão. Não sabia mais precisar quantos defuntos foram servidos por aqueles quatro pedaços de corda. Os metros foram comprados de um caixeiro viajante, que trocou todo o rolo de cordas por um arreio novo, dos mais simples e baratos.

Os quatro homens desceram, lentamente e com cuidado, o caixão de madeira marrom até o fundo da cova e ali o depositaram, segurando pelas cordas e distribuindo o peso. Era um trabalho que exigia minúcia e entendimento. O barulho foi seco. Lembrava ossos velhos sendo misturados em saco. O velho Ditinho Arrieiro agasalhou o que faltava.

Silêncio.



Outro pio do pássaro.

Um menino pardo, zarolho, tentando enxergar dentro da cova, empurrou Dora que desequilibrou o corpinho e, para não cair, subiu em um túmulo que tinha uma imagem velha de santo, em tamanho real, sem cabeça. Ficou ali parada, petrificada, com medo por ter pisado no túmulo. Não era de bom agouro pisar em túmulos. Era acostumada às visitas no cemitério. Fatalidade de morte era comum por ali. Conhecia esse antigo medo, contado em histórias quebradas nas bocas da noite, em noites quentes, em rodadas de contação de causos, no terreiro.

Dora olhou para os lados. Ninguém parecia prestar atenção ao seu medo, ao seu azar de estar ali sobre o túmulo envelhecido. Ninguém, exceto, o menino zarolho que a empurrara. Este, já com os seus dez anos de idade, parecia comungar com Dora toda a ancestralidade das lendas e mitos que rodeiam cemitérios e túmulos, pois após longos minutos de pânico por ver os pezinhos de Dora, em chinelinhos de dedo, pisando a pedra carcomida, abriu um sorriso de dentes amarelados e careados, com manchas verdes por ter mastigado há pouco, folhas de mato do caminho. O sorriso foi crescendo naquele rosto sujo e pardo, passando de sorriso descompromissado de quem não tem culpa a um sorriso carregado de ameaças e maldição. Disse por entre dentes, velado, que a alma da pequena Dora iria para o inferno. Que o trem ruim iria buscá-la naquela noite. Falou isso e cuspiu restos de folhas mastigadas para o lado. Provocou, ainda, lembrando



que a menina estava pisando sobre um túmulo mal-assombrado.

Riu zarolho, antecipando o gozo pelo medo que viu na cara da menina Dora. E ainda, disparou que era o túmulo daquele velho, filho de assombração, que havia sido enterrado ali.

Tinha um retrato do velho, já meio amarelado, dentro de um vidro tampado, sobre o túmulo. Trabalho de Ditinho Arrieiro.

Dora olhou incrédula. O túmulo era mesmo do velho que morou na casa atrás da gruta preta de pedra, há muitos anos. Morreu sem que Dora o conhecesse, embora todos ali soubessem as estórias de esquisitices do velho.

Dora arrepiava de medo só de ouvir as estórias.

Sabia que o velho morava só.

Era uma antiga autoridade de guerra.

Dora nem entendia o significado dessas palavras. Mas sabia ser algo muito sério e apavorante.

Sabia também que o velho havia sido cliente do seu pai quando este era um caixeiro viajante, ainda em solteiro, antes de se casar com a sua mãe.

Já tinha também ouvido estórias sobre uma encomenda secreta que o rapaz trazia de um lugar distante para o velho esquisito e mal-assombrado.

Sabia também, em estórias contadas pelos meninos das redondezas, que o velho tinha uma doença nas mãos estragadas, que os seus dedos eram retorcidos, a sua cara medonha.



A menina Dora não entendia quase nada dessas palavras. Elas retratavam um significado que a menina não alcançava ainda. Mas havia um significativo que imperava nessas estórias. Havia um símbolo de medo e de terror que assombrava a menina só de pensar nessa gruta preta e nesse velho com mãos retorcidas.

O sepultamento continuava.

E o menino, fazendo em gestos rápidos, várias vezes, o ritual do “em nome do pai” continuou, mais sombrio ainda, assustando Dora com ameaças sobre um certo Calunga do Mal que a buscaria ainda naquela noite.

Passou pela abertura deixada por Dora e foi acocorar-se ao lado do buraco, onde o caixão já descansava ao fundo e onde, nesse mesmo momento, o pai dos gêmeos, Juca Espigueiro descia, ajudado pelo velho Ditinho Arrieiro o caixotinho enfeitado.

Dora sentiu a cena e os fragmentos da oração que estava sendo rezada em entrecorte de vozes tirou-lhe do torpor do medo: “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte não temerei mal algum”. As vozes repetiam a oração num sussurro.

Dora tentou descer dali, da pedra velha, mas o quadrado do formato do túmulo parecia uma prisão irremediável em volta do seu corpinho magro, pois ao redor do túmulo, os pés dos adultos pareciam fincados no chão, não dando espaço para Dora descer.

Seus pezinhos ainda procuraram em vão um lugar para descer. Não encontrou. Sentiu-se perdida e só.



Outro pio agudo do pássaro. O barulho da terra agora caindo sobre o caixote e o caixão. A velha benzedeira e também carpideira entoava o lamento da partida dos mortos para o outro mundo. O canto falava em sinos, em trombetas, em sons cristalinos de mil vozes de anjos.

Dora ouvia sem entender o refrão, repetido a cada quadra de versos:

“E a trombeta do Senhor é mais forte que o meu louvor

E os anjos, em mil vozes, vão repetir o meu clamor”

O som foi morrendo na garganta da carpideira, restando somente um fiapo de murmúrio, sem vida, sem cor, sem emoção.

O sol escondeu-se atrás das copas das altas árvores.

Silêncio.

Ainda era dia, mas a noite não tardaria.

As pessoas começaram a andar, isoladas ou em pares, indo para diversos lados.

A velha lavadeira Quintina ajoelhou-se ao lado de um túmulo simples, já coberto quase todo por uma vegetação esquecida. Sua filha estava enterrada ali. Fazia muito tempo. Na data em que contaria dez anos, num ano em que a chuvarada começou mais cedo, inofensiva, inundando mais tarde o velho riacho, a filha da lavadeira Quintina, ajudando a mãe a lavar as roupas, ficou banhando no rio enquanto as roupas secavam. Sua mãe



tirava um cochilo, após fumar o bom cigarrinho de palha, que havia trazido à orelha.

Numa pedra, a mocinha bateu a cabeça.

Ninguém vira.

Nada fora ouvido.

A corredeira fez o sepultamento virginal, como se Mãe D'água quisesse guardar para si aquele imaculado corpinho.

Foi o coveiro e também arrieiro, Ditinho, que por ali passava todos os dias que achou o corpinho meio comido por bichos, numa das margens.

Foram três dias de gritaria insana no lugarejo. A lavadeira Quintina amaldiçoava a todos os santos por terem lhe dado como único ofício nessa vida, o esgarçar das mangas para, em águas correntes, ganhar o seu pão, na lavação contínua das roupas próprias e alheias.

Já estava ensinando à filha, quase púbere, os segredos do ofício, como o quarar as roupas ao sol, embranquecendo-as como flores de algodão, nas colheitas. A feitura do sabão de soda misturando em grandes tachos a soda e o sebo juntado em casa e buscado nas vizinhanças. A economia na lavagem. O enxaguar em muitas águas, para não amarelar as peças brancas. E os mesmos anjos que lhe deram seu ofício, seu ganha-pão, arrebataram-lhe sua única filha, já quase iniciada no ofício de lavar. E boa lavadeira seria. Já demonstrava no jeito com que batia as peças às pedras que escolhia tão bem, sovando-lhe a sujeira, com pelotas de sabão



de soda, feito nos grandes tachos, nos fundos de sua casa.

Isso era passado.

A velha lavadeira Quintina já havia superado há muito a dor da perda, e ficou por ali a limpar o túmulo com suas próprias mãos, com o olhar vazio.

O velho Ditinho Arrieiro esperou todos se afastarem. Então, deu uma cusparada para o lado, bebeu um grande gole de uma garrafa de aguardente da sua aljava e começou a finalizar o trabalho do túmulo, tentando dar-lhe um acabamento o menos rude possível.

Havia poucos túmulos grandes, familiares, naquele cemitério. Ao todo, uns dois ou três. Não eram comuns as perdas de dois ou mais membros da mesma família de uma vez.

Um desses casos era o de uma família de seis pessoas. Pai, mãe, avô paterno, um irmão da mãe, inválido e dois filhos homens, encontrados por um mascate que passava por ali vendendo unguentos. Todos estavam mortos por porretadas. Era um dia santo. Era entardecer.

Era gente pacata, sem arroubos de brabeza com ninguém. Todos ficaram com medo. Os comentários foram poucos. Nada foi roubado. Nem as crias, nem roupas, nem utensílios da casa. Era gente de poucas posses, mas remediada.

Nada foi explicado. Esclarecido. Tudo foi aceito. Fatalidade. Nada era igual naquele assassinato. Tudo era rotina naquelas mortes.



O coveiro balançou a cabeça, livrando-se dessas lembranças. Esperou até ver os quatro homens que carregaram o caixão começarem a andar ao lado de suas sofridas mulheres, com as crianças atrás.

Cada família indo para a sua casinha caiada e triste.

O pássaro piou já longe dali, chegando sobre o cemitério somente os fiapos de seu gorjear.

A velha benzedeira e carpideira saiu em passos rápidos, ainda tinha que procurar umas raízes difíceis de serem encontradas naquela região para finalizar umas orações para seu compadre, morador distante, doente de feridas nos pés. A causa era desconhecida, mas ele insistia na benzeção, como o único meio de cura. Era religioso. Queria benzeção com raiz santa.

Nena pegou Dora pela mãozinha, com uma repreensão. Ralhou-se por ter pisado no túmulo. De cara fechada, falou do risco de despertar a ira dos mortos. Falou ainda do desrespeito que é pisar sobre túmulos. Falou do azar. Arrematou medrosa, que o mal que está guardado não gosta de ser desrespeitado.

Falava baixo, entrecortado. As palavras principais carecendo de complementos, de conjunções, na pobreza do linguajar.

Dora deixou-se levar. Foram as últimas a saírem do cemitério. Na estradinha, com o dia começando a querer morrer, foram andando atrás de Juca Espigueiro, padrasto de Dora. Juca olhou para



trás, acocorou-se na estrada e ficou a esperá-las. A avó não parou, com o seu andar lento passou pelo genro, e com economia de palavras, lembrou-lhe que agora só restava tocar a vida.

Juca Espigueiro, levantando-se e caminhando logo atrás das mulheres, quis saber de que vida ela falava.

A velha, já com o coração apertando o seu peito doente indagou, esperançosa, se ele ficaria nas redondezas.

Juca demorou a responder. Quando falou, as palavras saíram quase sussurradas, que ele cairia na campina.

A velha suspirou fundo, apertando com mais força a mãozinha de Dora. Sabia que dias difíceis viriam. Não tinham muitas posses ou bens. Não tinham trabalho. Não tinham fé.

Juca Espigueiro sempre trazia uma magra caça para casa. Viajava por alguns dias, e chegava de repente, com um punhado valioso de sal, um ou outro unguento, uma ferramenta, um corte de fazenda para uma muda humilde de roupa. Agulhas, linhas, e até um espelhinho ele trouxe certa feita. Era passagem de ano, data que a mãe de Dora, enterrada há pouco, gostava tanto de guardar como dia santo.

Quis saber se ele iria logo.

“No raiar do dia”, foi a resposta curta.

Nena se ofereceu para fritar a carne seca que era para o domingo próximo. Andaram mais uns



metros, em silêncio. A carne daria uma farta cuia de farofa para a viagem de Juca. A velha concluiu que era justo e merecido.

Juca ficou tentado. Conhecia a fome e a precisância. Externou toda a compaixão que tinha no peito, agradecendo e mandando que Nena deixasse estar, que não carecia nada. Andaram mais um pouco e Juca determinou, resignado, que a caça ficaria para a casa, que Dora estava magrinha demais. E como se fosse necessário confirmar tal conversa, Juca Espigueiro olhou através da menina, suspirou fundo e passou pela casinha, indo pro roçado ao lado. Sumiu no mato.

A noite foi longa. Dora dormiu na rede com a avó. A portinha frágil da cozinha, encostada, sem passar a trameia.

Juca Espigueiro chegou tarde, acendeu uma lamparina e pegou duas ou três coisas dentro da casa. Pegou o berrante. Não falou com ninguém. A velha avó de Dora observava tudo, resignada. Estava acordada e acordada ficou. Juca saiu pela portinha. Ficou no terreiro, com uma fogueira acesa até a hora sagrada em que a noite se despede, deixando o dia começar a entrar. Quase ao amanhecer, apagou as brasas. A velha, sua sogra estava parada à porta, em pé, com o pé esquerdo apoiado no joelho direito, lembrando um número quatro espectral naquela penumbra. Os peitos doentes, murchos caíam até perto do umbigo na singeleza da roupa de dormir. Os fiapos de cabelo em maçaroca. O olhar de Juca Espigueiro no enquadramento da porta durou fragmentos de



segundos. Juca deu um salto. Pegou as suas coisas já deixadas por ali. Caiu na campina.



O dia amanheceu cinzento e sem graça naqueles idos de 1949.

A avó de Dora fez um fogo tão sem vontade que as labaredas tímidas demoraram a subir.

A caçarolinha preta de cabo comprido de ferver água para o café também demorou a aquecer e foi com preguiça que começou a borbulhar na quentura do fogão.

A avó de Dora, doentinha do peito, deitou o primeiro torrão de açúcar na água e quando ia jogar o segundo ficou com a mão suspensa no ar. O torrão inteiro no meio dos dedos. Deitou-o então na lata de açúcar. O café poderia ser em menor quantidade dali por adiante. Sua filha, enterrada no dia anterior, era a principal tomadeira de café naquela casa. Para si, bastava umas duas ou três xicarazinhas por dia. Dora tomava uma copada rala, que a avó adicionava mais água e açúcar, enchendo o caneco até a boca.

Jogou um pouco da água fervente já adoçada no terreiro. Arrependeu-se. Foi um gesto de grande desperdício. Tanto de água quanto de açúcar. E de graveto e lenha também. Terminou o café e preparou a garapa rala para Dora, que ainda dormia.



A velha foi se sentar no tamborete à porta. O café no caneco esmaltado de verde que ficava sobre o pote d'água. Parecia estar com a borda mais descascada ainda, pois caíra no chão uma ou duas vezes no dia anterior, no velório, naquela mexeção de crianças pela casa.

A avó ficou a cismar. Onde andaria Juca Espigueiro? Decerto não fora para os lados de Campineira do Anu Preto, povoado perto dali, onde morava o soldado do lugarejo e sua grande família. Aquele que, certa feita, mandou dar a surra em Juca.

A avó, cismando: "Onde andaria Juca Espigueiro?"

Talvez viajasse para fora, para longe, mundo adentro ou mundo afora.

A Capital, talvez...

A avó pensou na Capital, e isso era só um devaneio.

Conhecia somente o nome.

Sabia que em algum lugar nesse mundão afora havia um outro lugar onde moravam mandantes cheios de posses, e que esse lugar se chamava Capital.

Não sabia mais nada.

Não tinha conhecimento. Ali nasceu. Ali viveu. Ali havia de morrer.

Matutou.

Não nascera exatamente ali naquela casinha triste. Nascera além, ladeira abaixo, perto do boqueirão, numa fazendola em que a sua mãe



era cozinheira. De fogão e de tacho. Era também doceira. E foi assim que a avó de Dora aprendeu o sagrado ofício de transformar quase tudo em doces, em compotas, geléias, caldas. Ofício que lhe garantiu o sustento durante toda a viuvez precoce, quando o seu marido, um vaqueiro da fazendola vizinha morreu. Por essa época, Nena ainda morando de favores na fazendola no boqueirão, até que a sua filha, a mulher que viria a ser a mãe de Dora, contando então quatorze anos, se engraçara seriamente com um caixeiro viajante que passava por ali três ou quatro vezes no ano.

Nena, a doceira, vinda de família sem posses, família de mulheres doceiras, apavorou-se com a ideia de ver a sua filha desgraçada por um caixeiro viajante. Como era empregada de fogão e de tacho na sede da fazendola, não queria ver a sua única filha ser desencaminhada. Casar bem a filha era o seu objetivo para garantir o sustento da sua velhice.

De ideia curta e nascida e criada naquele boqueirão, a avó de Dora não conhecia os desencaminhamentos do mundo. O seu dolorido coração de mãe começou a se confranger desde que a sua filha tinha doze anos e deitou os olhos no caixeiro, à época, um ruivo magricelo, que chegava assoviando valsinhas desconhecidas e fazendo mágicas de esconder moedas entre os dedos para fazê-las aparecer na orelha das mocinhas. Esse caixeiro viajante, apesar de jovem, já aparentava ser um homem experimentado no mundo, contando, possivelmente uns vinte anos. Nena ficara alerta.



Aos quatorze anos, a filha de Nena era já mulher feita, e doceira de primeira qualidade, mais habilidosa com as colheres no tacho do que a sua mãe, a velha Nena.

Sabia reconhecer se um doce estava no ponto, como ninguém.

Era trabalhadeira.

Era bonita.

Pele trigueira. Mais magra que roliça. A fome era uma sombra naquelas paragens.

Ainda tinha quatorze anos quando o caixeiro viajante chegara assoviando a valsinha. Eram os dias finais de um festejo simples, de coroação de santa. Toda a fazendola se agitava para a cantoria, para o fole, para o baile à noitinha, no terreiro.

Nena não deixou a sua filha mocinha participar. As duas ficaram no ranchinho triste, uma em cada rede, ouvindo o fole no terreiro e o clarão do fogo. A mãe de Dora ficou inerte, muito emburrada. Ambas com desagrado.

Pela manhã, o caixeirinho ruivo havia partido. Havia feito boas vendas. Correu notícia.

A mocinha caiu doente.

Doente ficou. Parecia ser para sempre. Cada vez mais magra, mais pálida, mais triste.

Por esse tempo as suas primeiras regras desceram e eram tão abundantes que a deixava de cama por até oito dias. E as cólicas eram medonhas. E os xaropes de raizada eram tomados



em grandes colheradas nesses dias. Amenizava a dor, aumentava o sangramento.

Até a raizeira Leonilda fora chamada para acudir a dor.

O tempo foi passando. Chegou o aniversário de quinze anos da menina.

A sua mãe, preocupada com a sua saúde e com o seu definhamento, trabalhava duro no fogão e no tacho de doce na sede da fazendola e, nas poucas horas de folga, mexia doce em casa, num frenesi doentio, para encher grandes tabuleiros que vendia nas redondezas, ou trocava por guloseimas da cidade, roupas velhas, remédios, utensílios valiosos de casa.

Um dos dias mais felizes da sua vida foi quando, às vésperes de sua filha, a mocinha que viria a ser a mãe de Dora, completar dezesseis anos, conseguira trocar dois tabuleiros de doce por um par de sapatos amarelados, com uma fivelinha dourada em cima. Guardou esse mimo como uma relíquia, uma herança, esperando o dia dos anos da menina. Faria dezesseis anos.

O dia chegou.

A menina acordou com o embrulhinho num pedaço de couro velho dentro de sua redinha encardida. Olhou os sapatos e nada sentiu. Tampouco tentou experimentá-los. Enfiou as duas mãos, uma em cada sapato, e ficou a olhá-los. A mãe espiava por entre uma fresta na cortina de tecido cheio de remendos.



De ideia curta, por ter nascido e sido criada naquele boqueirão, a avó de Dora não conhecia as mazelas de amor, as mazelas mundanas. Julgou a sua filha tão emocionada que não conseguia calçar os sapatos.

A menina, sua filha, não experimentou os sapatos pela tristeza que sentia. Estava tão resignada e desinteressada, doentinha do espírito, que não conseguia calçá-los.

A velha Nena chorou, espiando por detrás da cortina. Seu peito sofrido, que naquele tempo já sofria com os agudos de dor há mais de vinte anos, não suportou ver as mãozinhas magras dentro dos sapatinhos amarelados de fivela. Chorou, na pureza da experiência materna.

Concomitante à dor da sua mãe Nena, a mocinha também começou a chorar ali deitada dentro da redinha. O seu peito sofrido, que naquele tempo já apresentava os primeiros agudos da dor de amor, não suportou ouvir a valsinha assoviada, tão cara ao seu coração. O som do assovio vinha da ruazinha empoeirada. Era o caixeirinho ruivo que voltava. A menina chorou, na pureza da primeira experiência com o amor.

Ambas apuraram os ouvidos. A mãe por detrás da cortina, a menina por detrás da redinha.

Havia, lá fora, na ruazinha uma correria de moleques, um cachorro que latiu alto. Um assovio de valsinha. A chegada do caixeiro viajante sempre era uma festa, pois muita gente dali esperava seus artigos, objetos, curiosidades, notícias.



E essa foi a última viagem do caixeiro viajante, com as suas malas, capangas e embornais de trastes. A mãe da menina cuidou de apressar as coisas quando finalmente entendera a causa do sofrimento e definhamento da mocinha.

O caixeiro achou ser um bom negócio. Era jovem. Queria se assentar no chão. Criar raízes. A moça era trabalhadeira. Aceitou.

Os posseiros da terra, da fazendola tomaram frente no ajustamento do casamento da menina com o caixeirinho ruivo.

Tudo saíra a contento.

Condições impostas, intermediadas pelo povaréu mais sabido da fazendola, o caixeiro viajante, com todos os recursos apurados numa vida inteira de andanças nas redondezas, e até mais além, como contou certa feita, nas contações de estórias no terreiro de sua própria casa, fincou pé no lugar, na terra, na lida.

Ninguém nunca conheceu a sua família ou parentes próximos ou distantes. O caixeiro viajante parecia ser filho do vento.

Ali pelas redondezas não havia muito o que investigar, somente que ele aparecia quatro ou cinco vezes por ano, desde rapazinho, carregando grandes malas e baús com trecos, pecinhas diversas, cortes de fazenda, armarinhos, coisas de toucador feminino, guloseimas diferentes, pequenos animais empalhados com olhos medonhos parados.



Trazia ainda alguns unguentos, potes e frascos com cremes rançosos para tratar quase todas as doenças conhecidas por ali.

Sempre trazia ainda encomendas para a raizeira do lugar, que também fazia o ofício de parteira. Leonilda, por essa época já tinha olhos tão antigos quanto o mundo, com idade indefinida entre vinte e cinco e trinta e cinco anos, e cara marcada por andanças do tempo em que palmilhava estradas ao lado da negra Celestina.

Outra sua freguesa comum era a carpideira e também benzedeira por ofício, Cota.

A benzedeira sempre recebia do caixeirinho um embornal grande com potes, frascos e garrafinhas cheias de líquidos malcheirosos. A meninada ficava pululando ao redor, curiosos, para conhecerem os trecos do embornal.

A mulher benzedeira, muito bem quista por ali, às vezes perdia a paciência, ralhava com a molecada, mandando-os correr dali, chamando-os “filhos do trem ruim”.

A molecada fazia o nome do pai e corria esbaforida dando encontrões uns nos outros.

A velha continuava a ralhar, mandando-os sair, xingando-os de peste braba, quase zonza com tanta algazarra.

Daí a pouco, a molecada voltava, enlouquecida, querendo ver a negociação que era feita em cima de um velho jirau no quintal grande e cheio de plantas da casa da mulher.



Atarantada com o burburinho, a velha gritava que tirassem as mãos dos vidros cheios de líquidos escuros, com o fundo forrado de raízes em decomposição. Veneno puro e brabo. Se quebrasse um ali, poderia ter gente morta pelo chão, pelo cheiro forte e tóxico.

A meninada ficava mais enlouquecida ainda. Teriam muitas estórias pra contar à noite nos terreiros de casa, sobre os feitiços da velha, com aqueles líquidos malcheirosos. Falavam que era urina do capeta naqueles vidros e a velha usava isso pra aspergir os doentes na benzeção.

O certo é que tinham medo da velha.

Havia estórias de medo. Era comum ali nas redondezas as pobres mães invocarem a figura da benzedeira para amedrontarem as crianças pequenas quando estas não queriam tomar um remédio amargo, ou quando não queriam dormir sozinhas nas suas redinhas. Ou ainda, quando desobedeciam a uma ordem qualquer.

Até na lida diária, nos afazeres da casa ou do quintal, as mães falavam em nome da Carpideira: “Anda menino, anda a caçar a galinha parda que não está aqui no quintal. É a melhor poedeira”. O menino, por ali, com preguiça, dando só uma olhadinha pelos arredores. A mãe a insistir: “Anda menino, caminha!”. O menino esgaravando o barro da parede da casinha, sentindo a moleza daquele calorão.

Então a mãe ameaçava que quando a benzedeira Cota passasse por ali iria pedir a ela



para fazer uma benção na cabeça do menino para que ele deixasse de moleza.

O menino replicava que não tinha nada, apavorado com a ideia de ficar trepado num tamborete, sozinho com a mulher a benzer a sua cabeça e o seu corpo, resmungando aquela falação antiga, de palavras irreconhecíveis e, em muitos casos, ainda ter que tomar em grandes colheradas as beberagens amargas que a velha carregava. Urina do capeta.

A mãe procurando motivos para azucrinar o peste do menino: “Parece que você está com a lombriga. Tão amarelado!”. Pedia para ver os olhos, de perto. Trazia a carinha suja do menino mais para si. Observava os olhos. O menino, assustado com tanto cuidado, pouco afeito ao contato das mãos maternas, saía em disparada, saía a procurar a tal galinha poedeira. “Era a melhor poedeira”. Suspirava a mãe, da janela, olhando.

Outro cliente assíduo do caixeirinho ruivo era o velho que morava na casa sombreada, logo atrás da gruta preta de pedra, fincada ali há tanto tempo, que até o sol teria dificuldade em contar por quantas estações esquentara a suas pedras escuras, qual fornalha.

O velho morava só.

Era autoridade, diziam por ali.

Já havia lutado em contendias armadas, defendendo o governo em tempos sangrentos.

Não se sabia mais.



Ele era de poucas palavras, poucas andanças e pouca precisão, pois o embornalzinho que o caixeirinho lhe entregava era do tamanho de um palmo médio. E não vinha pendurado de qualquer jeito nas vestes do caixeirinho, nem misturado aos trecos dos baús. Vinha amarrado junto ao corpo do caixeirinho, pelos lados das costelas, encostado na pele. E havia cuidado na entrega, quase um ritual de passagem das mãos jovens e bem cuidadas do caixeiro viajante para as mãos estragadas, com dedos retorcidos, do velho.

A molecada não abeirava essa negociação. A molecada tinha medo. Nem de longe espiavam. Contava-se que o velho possuía armas escondidas sob o chão da gruta preta de pedra, tão ensolarada e quente.

Nenhum menino ou adulto ousou conferir. Ninguém se aventurou a escavar o chão antigo e escuro do interior da gruta. O velho invocava respeito. E respeito tinha.

E mesmo depois que o velho morrera sem causa conhecida e sozinho, ninguém foi conferir o tal esconderijo.

Assim, o caixeiro viajante ruivo tinha um passado naquele lugarejo.

Construiu uma relação de confiança com todos os moradores, clientes fixos ou ocasionais de seu comércio clandestino.

E fincou raízes na terra. E abandonou a aventura errante da sua vida de comerciante, enamorando-se da trigueira e magra filha da velha Nena,



doceiras ambas, a avó e a mãe de Dora, esta última desposada pelo caixeiro viajante.

Acertado os entremeios do enamoramento com a moça pobre, porém honesta, empregada, tal qual a mãe, em casa de família, na fazendola, o caixeirinho viu-se casado numa manhã de setembro. O calendário marcava o dia cinco. Era um bom dia para se casar, como era para se nascer ou morrer. Era só uma manhã com prenúncio de chuva em setembro. Mas teve festa, simples e humilde como as festas em terreiros de lugarejos pacatos. O caixeiro viajante era conhecido. E todos ali das redondezas compareceram, e dançaram, comeram e beberam às expensas do caixeiro viajante, exceto o velho que morava atrás da gruta, comprador das mãos do caixeirinho o escondido embornalzinho com trecos secretos dentro. O velho foi sem comparecer. Esteve presente no casamento sem estar presente para as pessoas. Ficou de longe observando tudo, qual espectro medonho.

Exceto o caixeirinho, ninguém foi cumprimentá-lo. No momento em que trocaram um aperto de mão, o velho passou às mãos do caixeirinho algumas cédulas de dinheiro, que foram metidas rapidamente no bolso, sem conferência. Era, ao modo do velho de dedos retorcidos, uma prova da estima. E foi só. Não havia mais o que fazer ali ou o que falar. A aparição do velho em cumprimento à amizade com o noivo não ultrapassou um quarto de hora.

Casaram-se, portanto, o caixeiro e a moça trigueira!

Dias depois o velho de dedos retorcidos morreu.



O caixeirinho comprou a casinha onde hoje a menina Dora morava. Precisou ir à cidade mais próxima negociar, já que a terra com a casinha velha e abandonada pertencia a uma família, dantes moradora dali que, de repente, fora morar na cidade.

Ninguém ali nunca compreendeu direito o que aconteceu de repente na vida do casal que morou ali antes. Não tinha filhos. O casal morava só naquela casinha triste, voltada para o poente.

Toda a estória a respeito é que num dia chuvoso de dezembro, uma carroça apareceu naquele quintal e levou o casal e seus poucos pertences para a cidade. Já eram calados e taciturnos, e calados e taciturnos ficaram mais ainda. Eram erados já, contando ambos uns quarenta anos.

Uns falavam que o casal se mudou porque recebera uma herança. Outros que era para tratamento de doença grave e incurável. Uma ou outra maledicência surgiu sobre o envolvimento do homem com uma dançarina da cidade pra lá de Campineira do Anu Preto.

Nada concreto. Nada confirmado.

Passados alguns dias da mudança, o povaréu do lugarejo se esqueceu da estória e do casal, e a casinha ficou fechada, criando mato, até que o caixeirinho a comprou e levou a sua esposa, doceira de ofício, com a mãe já adoentada dos peitos, agora sua sogra, para estabelecerem ali e ali criarem raízes.

Todo o povaréu admirou-se da novidade de o caixeirinho ter recursos para comprar aquela terriinha. E a mãe de Dora, moça simples, passou de



filha da cozinheira e doceira de fazendola alheia à proprietária da sua casa e esposa de um homem decente.

A moça contava então com dezesseis anos.

Era mulher casada e, portanto, séria.

Tudo estava muito bem colocado e encaminhado.

Tudo saíra a contento. O casamento salvou a filha da avó de Dora de desencaminhamentos. A velha Nena estava aliviada.

A filha casara tão bonita num domingo de manhã usando os sapatos amarelados com fivelinhas douradas!

Nena suspirava vez ou outra, sozinha ou contando para alguém como fora o casamento. Muitas vezes relembrava esse dia bebericando café com a sua amiga íntima, a parteira Leonilda.

Na nova vida na casinha recém-comprada havia privações, decerto, mas tudo era remediado. O caixeiro era esforçado. A filha jovem e bem disposta assumira os tachos de doce. Vez ou outra uma desgraça acontecia na vida de alguém dali. Fatalidade era coisa comum na região.

Iam vivendo.

Tudo estava a contento, até o dia cinzento em que o caixeiro viajante, agora lavrador de terras, o finado pai de Dora, fora ofendido de cobra e, sozinho, estando em um matagal, não conseguiu pedir ajuda.



Na hora da agonia, ferido e com dor, prevaleceu a inexperiência do caixeiro viajante que, até os vinte anos de idade, vivera a palmilhar chão em lugares de progresso. Pouco sabia da terra, da lida, das armadilhas do chão e do mato.

Foi ofendido no mato e ferido lá ficou.

Não conseguiu pedir ajuda.

Morreu em abril de 1948, com 38 anos o caixeiro, pai de Dora.



O dia já ia alto e a velha, avó de Dora, que enterrara a sua filha no dia anterior, ainda estava sentada no tamborete à porta. O café há muito esfriara no caneco esmaltado de verde que ficava sobre o pote d'água. A velha, cismando estava e cismando ficou.

Onde andaria Juca Espigueiro? Deixou essa pergunta vaguear por mais um quarto de hora pela sua cabeça meio parva e depois a sacudiu de choque e de chofre também se levantou.

Não havia muito que fazer naqueles primeiros dias de luto.

Não havia roupas para lavar, pois, mesmo com a dor nos peitos, no dia anterior ao do fatídico parto, a velha lavara no rio todas as roupas



sujas, com Dora a brincar sobre o pedregulho. Se a sua amiga ditosa, a raizeira Leonilda estivesse no lugarejo, provavelmente a teria ajudado. Pensando bem, se a velha Leonilda estivesse por ali, talvez a sua filha, mãe de Dora, estivesse viva, com os dois peitos abundantes de leite enfiados nas boquinhas rosadas dos gêmeos. E Juca, o provedor da casa, não teria partido.

A velha se entregou mais um pouco às lembranças da lavação de roupa, pois lavou a roupa no mesmo rio cheio de pedras onde a filha da lavadeira Quintina, há alguns anos, ajudando a mãe a lavar as roupas, morrera afogada. Tinham lavado a roupa e a menina ficou no rio se refrescando enquanto a roupa lavada por sua mãe secava.

Nesse momento, como todos no lugarejo comentavam, a lavadeira Quintina, mãe da mocinha, tirava um cochilo, após fumar um bom cigarrinho de palha.

Só sabiam até aí.

Mas havia suposições.

Parecia ter sido uma batida de cabeça nas pedras.

Cogitavam.

Foi a finitude da vida da filha da lavadeira que contava somente dez anos de idade sem arroubos de alegrias. Mais uma fatalidade naquele lugarejo onde tudo era igual. Nada era rotina.

Não. Não havia roupa para lavar, concluiu a avó de Dora, levantando-se resignada diante das



fatalidades da morte que leva anjinhos e crianças de dez anos de idade.

A avó de Dora entrou na casinha. Olhou ao redor. Não havia muito que fazer por ali também.

O quarto onde o parto mal-sucedido ocorrera já tinha sido ajeitado para o velório. Os panos velhos, sujos de sangue, tinham sido amontoados e queimados no fundo do quintal, por detrás da grande touceira que escondia uma área limpa de vegetação. Foi um momento de aperto nos peitos tão adoentados quando o cheiro de sangue, primeiro quente, depois cozido e depois queimado encheu a casinha e os arredores.

Não havia doce por mexer nos dois grandes tachos de cobre, em pé, encostados à parede, pois nas vésperas do parto não se mexeu mais doce naquela casinha. E os tachos haviam sido areados e colocados no quarto para os serviços da parição, para as tarefas de lavagem de mãos e de trapos, e do corpinho do bebê.

Não urgia fazer visitas a nenhuma comadre, que eram três somente. Uma era a benzedeira e também Carpideira, Dona Cota, que batizara a mãe de Dora. A outra era a senhorinha com traços indígenas muito marcados, que costurava para toda a região. Cozia tecido e couro. Não tinha corte de fazenda que não se transformasse, em suas mãos, em vestimentas de caimento perfeito. Era talentosa. Era habilidosa com as agulhas. Vestia criança, mulher, homem e defunto. Se encomendado, entregava um enxoval em poucas semanas de trabalho. Era barateira. Era comadre da velha



avó de Dora que, em retribuição à amizade, batizara também o molecote, filho da senhorinha. Sua terceira comadre era a raizeira e parteira, que além de comadre, era íntima da avó de Dora, desde os tempos de meninice.

A avó de Dora pensou nas crias. Porém, não havia crias que inspirasse cuidados. Bicho se criava solto mesmo naquele lugarejo.

Havia Dora! Isso, como as crias, não carecia também de cuidados. Criança se criava solta, sem muita conversa. Carecia, sim, de bucho cheio pelo menos uma vez ao dia, para terminar de crescer. Na idade certa, aprenderia a mexer o doce.

A velha pensou nisso e ficou descrente. Dora era tão pequenina ainda. Seis anos. Mal conseguia erguer a grande colher de pau. A menina, até então via a colher somente como um bom e ligeiro cavallinho de brinquedo.

Havia que esperar o tempo correr para a menina começar o aprendizado do ofício. O único medo da velha Nena era não ter saúde suficiente para esperar, pois a dor dos peitos apertava mais a cada dia.

Na lavação de roupa no rio, um dia antes da morte da sua filha, a velha teve dificuldade em terminar de bater as roupas nas pedras. Ficara ofegante por diversas vezes. Deixou duas bolas de sabão de soda escaparem da mão e correrem junto com a correnteza suave. Prejuízo incalculável naqueles dias difíceis.

A avó de Dora entrou no único quartinho da casa, onde morrera a sua filha, no doloroso parto de gêmeos.



Três vidas ceifadas.

Fatalidade.

Nesse quartinho, a menina Dora dormia na rede.

Tinha sido um dia exaustivo de serviços fúnebres.

Tinha sido uma noite difícil de saudade, desespero e resignação.

A velha abriu a velha arca, presente de casamento dos seus antigos patrões da fazendola localizada além, ladeira abaixo, perto do boqueirão, onde, em solteira fora cozinheira, de fogão e de tacho, e onde criara a mãe de Dora até os dezesseis anos quando então a mocinha se casou com o caixeiro viajante.

Olhou com resignação dentro da arca onde estavam rês vestidos de sua finada filha, mãe de Dora. Havia ainda, na arca, meia dúzia de roupas de baixo, todas muito surradas, puídas. Um arame muito fino enfiado numa fileira de contas acinzentadas, formando um cordão, rijo, de pouco mais de um metro. Havia um embornalzinho cheio de trechos. A estátua de um homenzinho de barro preto, gordo, abraçando um chapéu. Uma gaita com os seus vários tubos palhetados. Uma caderneta cheia de garranchos que a avó de Dora desconhecia, e isso era coisa do finado pai de Dora. Havia ainda, um urinol esmaltado de branco, sobressalente, ainda novo em folha, enrolado num trapo.

A mãe de Dora, certa feita, explicara que o urinol fora presente do seu finado marido, morto por ter sido ofendido de cobra, o primeiro homem de



sua vida, que a desposara ainda mocinha, o jovem e ruivo caixeiro viajante.

Era pretensão que o urinol fosse dado de presente para a pequena Dora, mas somente depois que a menina tivesse as primeiras regras.

A avó balançou a cabeça, arrancando esses pensamentos nostálgicos. Suspirou com um esgar. A expressão do seu rosto passou rapidamente pela dor nos peitos que compareceu para testemunhar o suspiro de resignação, de fatalidade.

Não havia mais nada na arca. Isso era tudo. E era tudo igual como sempre fora.

Até a arca, no canto do quarto, parecia compreender a rotina de todos os pertences que já passaram pelo seu interior. Até a arca parecia resignada em encobrir lembranças mofadas pelo tempo.

Outro suspiro da velha Nena.

Havia uma única coisa a ser feita. E não estava ali naquela casinha. Não era um afazer doméstico.

A velha olhou para a rede e viu que enquanto mexia na arca, a pequena Dora havia acordado e saído do quarto.

A velha foi até a porta da cozinha.

A menina, no terreiro, estava agachada de costas para a casa, olhando para o poente. Tinha o vestidinho velho enrolado até a cintura. Havia urinado e seus pezinhos estavam respingados de urina. Havia uma poça pequena logo à frente de Dora.

A velha espiou descrente. Era o mesmo recorte de todos os dias.



Ia abrir a boca para chamar a menina quando percebeu que Dora defecava também.

Uma mosca esverdeada com um zumbido forte tentava assentar sobre as fezes.

Dora ainda ficou ali, de cócoras, por mais alguns minutos. Rabiscava o chão com um gravetinho que tinha na mão. O chão estava, agora, úmido da urina. A menina chupava o outro dedo.

A avó espiava. Estava cansada de tanto cotidiano.

A menina olhou as fezes, arredou para o lado e começou a mexer no montinho pequeno com o graveto, espantando as moscas, que agora eram meia dúzia.

A avó ralhou com a menina, chamando para tomar a garapa, que esfriava sobre a mesa.

A menina deixou o vestido cair sobre as perninhas, até as canelas. Caminhou ligeiro até a cozinha. O café, com a água acrescentada pela avó, junto com um punhadinho de açúcar, estava na cuia de Dora, que o bebeu rápido.

Ainda segurava o graveto. Coçou com este o ouvidinho esquerdo e o deixou ali mesmo em cima da mesa. Uma mosca já chegara atraída pelo graveto sujo. Logo, era meia dúzia.

A menina saiu para o terreiro.

Ali, a avó, de pé, amarrava o velho lenço com floração roxa na cabeça. Nem olhou para Dora, começou a andar. Dora foi atrás. Seguiu a avó qual autômata. Iam. E isso bastava.



Caminharam ambas pelo trilheiro estreito la-deando a fazendola perto do boqueirão, e mesmo tendo trabalhado ali, não havia reminiscências no coração da avó de Dora.

Antes de chegarem ao grande castanheiro a avó pegou a estradinha batida pelas rodas da carroça da raizeira, sua diletta amiga que, já sem o viço da meia idade, também fazia o ofício de parteira.

No amanhecer desse dia, a avó de Dora de poucos pensamentos, depois de muito matutar chegara à conclusão que havia uma possibilidade de mudança na vida pacata dela e da menina Dora.

Havia uma maneira de não morrerem de fome.

Gastou uma energia mental muito grande até concluir que poderia resgatar o sonho antigo de criança de morar junto com a amiga, pois por diversas vezes naquele período nebuloso em que conviveram com a negra Celestina, amancebada do pai da raizeira, e amancebada também com outros homens da cidade, soldados pobres, lavradores, homens simples e com poucas posses, haviam planejado crescerem e morarem juntas, continuando assim, as brincadeiras loucas da infância, numa vida despreocupada e sem urgências a cumprir.

A velha Nena doente do peito iria até a casa da amiga para propor tal mudança na vida das três, pois agora havia a pequena Dora.

A pretensão era dividirem uma vida de dificuldades e de amizade até o dia em que espichassem os pés e fossem morar no velho cemiteriozinho, cuidado pelo Ditinho Arrieiro.



A empreitada de morarem juntas era boa, havia intimidade para tanto.

A raizeira cuidava da dor dos peitos da velha há muito tempo, desde que apresentara os primeiros agudos de dor, da doença, por ocasião do despertar da sua filha única, a mãe de Dora, para a juventude, lá na fazendola, descendo para o boqueirão, onde trabalhavam.

Há muito não havia paga na entrega da garrafinha com o líquido meio pastoso, esverdeado, que a raizeira e parteira entregava à velha amiga.

A amizade de ambas, genuína, não carecia conversinhas demoradas entre cercas de quintal. Era de uma pureza sem reservas.

A velha precisava do remédio e só.

A raizeira o fabricava, com plantas dali mesmo da região, acrescentando gotas de um vidrinho que o atual caixeiro viajante da redondeza lhe trazia três ou quatro vezes por ano da Capital. E isso era tudo.

Houve paga pela garrafada até a passagem de ano, daquele ano distante em que a mãe de Dora, já com dez anos de casada, perdera o primeiro filho, um menino, num aborto espontâneo. Não pegava menino no bucho com facilidade. E foi só muito depois de casada que engravidara de Dora, nascendo esta, a contento. A avó de Dora preferiria que o menino tivesse vingado no lugar de Dora. Homens eram mais fáceis de serem criados e tinham mais serventia para a lida.



Foram tempos difíceis aqueles, para todo o povaréu.

Por essa época, do aborto, a avó de Dora, já trazia essa dor nos peitos há uns dez anos, e isso não era novidade, pois a peleja cotidiana dali era antiga e remota. Rotina.

Por essa época também eram mais amiúdes as visitas e a conversação entre as duas amigas, a velha Nena e a raizeira Leonilda.

Tinham assunto, tinham mote, tinham tema.

Até riram algumas vezes quando falavam de algum assunto que remetia às traquinagens da negra Celestina e, como a negra sempre dizia, a educação das meninas ela acreditava ser responsabilidade sua, pois era a mãezinha da menina raizeira e, portanto, tia da sua amiguinha magricela, de peitos murchos.

E foi numa dessas visitas para jogarem conversa fora que a avó de Dora sentiu pela primeira vez uma dor muito mais aguda das que sempre tinha. A mais aguda de todas. Era comum ter dores amenas, canseiras, tonturas, palpitações. Contudo, uma dor como àquela era a primeira vez. Estava no terreiro sombreado da casa da raizeira, de cócoras, catando carrapatos no velho cachorro. A amiga, raizeira, ralhava com tons de risos que Nena deixasse estar o cão velho. Iria jogar uma linha de unguento brabo nas costas dele e os carrapatos cairiam como estrelas cadentes. A raizeira paciente, a olhar a guerra perdida da amiga mais velha tirando os carrapatos um a um, nos entremeios dos pelos



do cão. Havia pencas deles. Nena gostava de catar os carrapatos. E tinha paciência para empreitada. Tirava-os um a um, num deleite.

E foi numa dessas tardes preguiçosas que a dor veio aguda. Nena começava a falar do tacho de doce: “Num é de vê que ontem, no tacho de doce de cidra...”. Não terminou a frase, caiu sobre o cachorro infestado por carrapatos. A dor a cortar-lhe o tórax.

A amiga raizeira acudiu. Amparou. Levou-a para o jirau baixo, ali ao lado, e deitou-a. Esperou a dor passar, quase cantarolou na espera, tão apreensiva ficou. A mulher se recuperou aos poucos, sentou-se. A raizeira já estava ao lado com o unguento na colher, querendo saber se a amiga estava tomando o remédio direitinho. Nena, fracamente, confessou que estava há oito dias sem o remédio. “Apurei pouco cobre nos doces”. A amiga sentiu seu coração confranger. Ralhou-se que não precisava apurar cobre para ter o remédio. Que viesse buscá-lo sempre, para sempre, com chuva ou sol. Havia uma nota de carinho na voz rápida da raizeira. Encoberta pela nota de carinho havia um fiapo de desespero de perder a amiga que lhe era tão cara. Mas era só uma nota e um fiapo. Não se sustentou por muito tempo. Esvaneceu logo. Talvez nem fora sentida ou notada pela amiga doente do peito.

Daí por diante, não houve mais paga, nem precisão de apurar cobres na vendição de doces. O remédio passara a ser presente de uma amiga para outra.

CAPÍTULO II



Depois da caminhada, ambas em silêncio, Nena e Dora chegaram ao quintal da raizeira, e também parteira, amiga íntima e de muitos idos da avó de Dora.

A velha carroça, apesar de sua rustidez inanimada, parecia descansar das extenuantes lidas pelas quais já passara. Descansava no quintal, ao pé das gamelas cobertas de lodo, cheias d'água para uso cotidiano, no sombreado da parede lateral da casa fresca, àquela hora do dia.

A intimidade da amizade conferia à avó de Dora o direito de já chegar e entrar, sem as palmas secas com o gorjeio rouco do "Ô de casa!", comuns naquelas paragens.

Já na porta da cozinha, espiou para dentro de um dos três quartos e por um instante ficou confusa se estava na casa certa, pois o enquadre da porta do quarto principal emoldurava uma imagem doméstica incomum de ser performatizada pela velha raizeira e parteira.

A velha Leonilda, com o seu grande corpo avantajado, de seios fartos caindo sobre a cintura já ausente naquela fase da vida, debruçava-se sobre uma pequena. Parecia abotoar alguma coisa ao pé da nuca.



Sim, havia uma criança, uma menina, amorenada, com longos cabelos pretos e lisos que lhe caíam quase até a cintura, sentada no tamborete de couro curtido de boi.

Seus pezinhos descalços, distantes do chão, quedavam quase inanimados, e as suas mãozinhas pequenas descansavam no aventalzinho escuro do vestido branco, mas já amarelado e puído.

Seu rostinho era uma faceta da seriedade, com um prenúncio de um vinco no cantinho direito da boca pequenininha e rosada.

Seus olhos, grandes e escuros, estavam meio mortiços, olhando para o nada.

Os seios fartos da velha raizeira quase tocavam o rosto daquele pequeno camafeu, num fragmento de pureza que um olhar estético poderia traduzir em abundância de maternidade a jorrar sobre um rebento sedento e faminto.

Não.

Não havia e nunca houvera alimento materno naqueles seios abundantes e avantajados.

O mesmo par de mãos que trazia à vida compunha um corpo onde um par de seios nunca jorrara vida branca, espumante e leitosa. Aquelas mamas nunca amamentaram uma criança. Bocas rosadas e sedentas nunca envolveram as suas grandes auréolas no ritual mais primário e primitivo de alimentação que já existiu, pois em algum dia distante, de remoto ano,



a jovem iniciante nos conhecimentos da arte de curar através das plantas, fizera a opção irremediável de conhecer de perto o nascimento e a cura, herdando de sua antiga mãezinha postiça, a negra Celestina, os rudimentares saberes para dedicar a sua vida ao palmilhamento de estradas sem fim.

Daí a imagem vista e sentida, experimentada até, pela avó de Dora ter sido desencadeadora de tamanha surpresa.

Quem era aquele anjinho amorenado que a velha raizeira quase sufocava com a abundância de carne dos seus peitos, enquanto amarrava-lhe um laço na fita do vestido?

Ambas, criança e raizeira não viram ou ouviram a visita inesperada das mulheres que já estavam dentro da cozinha. A avó de Dora manteve o silêncio, com a curiosidade genuína dos parvos observadores sem entendimento.

Dois longos minutos já se passaram sem que nada acontecesse. Havia ali, contudo, um arranhão na rotina.

Até que o silêncio fora quebrado.

Dora desatou num berreiro.

A velha Raizeira olhou para ambas, em pé, no meio da cozinha. Quase dava para ver a glote rosada da pequena Dora a esgoelar.

O sorriso das duas velhas, oferecidos de um rosto para o outro, era puro e simples, sem arrou-



bos e sons, porém profundos e intangíveis, escapando ao tato, mas impregnando os sentidos com a leveza breve que só os fragmentos de pureza têm.

“E essa novidade?”. Nena foi soltando a mão da pequena Dora e entrando para o quartinho, com os olhos curiosos.

A criança, no tamborete, fez um meneio com a cabecinha, balançando suavemente os cabelos descendo pelos ombros.

Leonilda explicou que se tratava de Ana. E foi abraçar a visita.

Dora esgoelava, contrastando com o momento de cumprimentos.

A avó de Dora esperava. A resposta “é Ana” não encontrou eco no seu entendimento.

O vazio, a lacuna ainda estava em polvorosa dentro da sua mente e dentro do seu coração que, sem explicação, se apertara instintivamente dentro do peito, como se pássaro frágil, feriado e ameaçado, fosse.

Olhou no fundo dos olhos da amiga raizeira. Olhar de cobrança de explicação mais detalhada. Não sabia manejar a semântica na construção de frases especulativas. Restavam-lhe os gestos e a expressão corporal. Os braços, sem colaborarem com a sua angústia, caíam inertes, ao lado do corpo, meio curvo, na soleira da porta do quarto.

Dora ainda esgoelava, e não havia razão.

A criança no tamborete olhava curiosa.



A velha raizeira e também parteira suspendeu o gesto de cumprimento no ar. Seus braços que abriram um meio círculo para explicar “é Ana”, também caíram inertes ao lado do corpo grande e avantajado. Toda a expressão de sorriso contido que se formou há pouco no seu rosto foi se esvanecendo.

Não tinha certeza a velha raizeira, pareceu sentir uma irritação velada, camuflada sob a derme de todo o corpo da amiga, a avó da pequena Dora.

Não atinou com o fulgor irritadiço nos olhos da amiga enlutada pela morte de sua única filha, há apenas dois dias, devido a um parto mal-sucedido de gêmeos.

Qual seria o motivo desse olhar irritadiço? A pequena Ana? A criança era só um camafeu. Uma pedra rara e preciosa. Um pequeno rubi amorenado. Um anjinho. Era só uma criança.

“É Ana!”. Repetiu novamente a velha raizeira, como se lesse os pensamentos de ambas. Nena e Dora.

Abraçada à amiga, sentiu o choro de Dora, mais alto agora, encher a casa. A pequena amorexada no tamboretinho olhava fixamente para Dora.

A avó de Dora recebeu o abraço, se aconchegando naquele corpo avantajado por alguns segundos na doação simples e receptiva de amizades verdadeiras, como sempre fizeram. Era uma amizade de pouco mais de cinquenta anos. Era normal serem efusivas vez ou outra. E, apesar de a avó de Dora ser uns oito anos mais velha que a amiga Leonilda, o acolhimento era sempre mais



marcado nos braços da raizeira. A velha Nena sempre se jogava de forma mais filial nos braços da amiga para ser acolhida.

Leonilda pegou Dora nos braços, com dificuldade. Estava grandinha a menina.

Tinha pela pequena um carinho especial, de avó.

O choro da menina Dora fora engolido. Não havia uma única lágrima nos seus olhinhos tristes.

Leonilda gostava da menina.

Fizera o parto da sua finada mãe, há seis anos, num dia agourento de abril.

Apertou-a muito e depois virou para trás. Desceu-a junto ao tamborete. Pegou o anjinho amorenado nos braços com um enlace. Houve uma sutil mudança no toque. A avó de Dora observava.

Os braços que rodearam a pequena para descê-la do tamborete apresentaram, momentaneamente, uma textura materna tão tênue que quase passara despercebida. Quase. Porém, o olhar da avó de Dora ficou repentinamente arguto, por isso não deixou escapar. Era uma acuidade visual incomum, pois o seu raciocínio era lento e ali não havia esforço para compreender o que não estava alcançável.

Desceu a pequena menina Ana e colocou-a em frente à Dora que era um tantinho mais alta. Os pezinhos tocaram o chão batido com suavidade. Dora contava com seis anos. O camafeuzinho acabara de completar cinco. Seus dentinhos de leite ainda nem começaram a passar pelo processo de troca, como já acontecia com Dora.



Dora, que há alguns minutos já calara, ainda suspirava alto vez ou outra. Engoliu o suspiro aos goles, de repente. Colocou o polegar direito na boca.

Ficaram se olhando, ambas.

A velha raizeira balançou a cabeça e sorriu. Mandou que a menina fosse brincar. Chamou-a de Aninha. Explicou que Dora seria sua irmãzinha. Pareceu incentivar a amizade.

Deixou as meninas no quarto.

Rodeou os ombros caídos da avó de Dora com seu braço direito, levando-a para a cozinha. Colocou a sua mão grande esquerda sobre o peitinho murcho da amiga, no lugar do coração. Pareceu querer tocar o pobre coração doentinho. Pareceu querer curar aquela antiga doença do peito com o seu toque.

Mostrou interesse, entabulou uma conversa a partir da doença de Nena. Perguntou-lhe sobre o peitinho doente, lembrando-lhe que haveria de ter muito cuidado daí para a frente.

Era um arroubo de carinho incomum naquela localidade, onde tudo era velado, sutil, sem alvoroços. A monotonia do lugar não competia com folgedos de amizade, embora essa existisse de forma arraigada e verdadeira e estivesse presente nos olhares de cumplicidade, nas dores divididas, nas estradas palmilhadas cotidianamente.

A amiga não pareceu receptiva ao cuidado.

Sequer respondera à pergunta ou ao comentário da amiga.



Saíram porta a fora, pela cozinha. A porta da sala quase nunca era usada, tanto naquela casa quanto nas outras ali da redondeza. O dia, com tantos afazeres começava pela porta da cozinha, terreiro a fora. Muitas, inclusive, só tinham essa entrada.

No terreiro, a raizeira Leonilda ficou a pentear os longos cabelos com o seu pentinho rajado de tartaruga, onde faltavam três dentes. Havia sido da sua mãe verdadeira.

Leonilda não o usava pela evocação das lembranças maternas, pois as únicas lembranças maternas que guardava para si eram as da negra Celestina. Leonilda o usava mais pela praticidade que o pente trazia, mesmo faltando os dentes.

Ali no terreiro, penteando os cabelos, a raizeira ficou a lembrar da sua finada mãe e do dia em que ela havia comprado o tal pentinho de um caixeirinho viajante. Leonilda, então uma menina de uns oito ou nove anos pediu para colocar o pentinho um pouquinho no seu próprio cabelo, pois nunca tinha visto essa preciosidade de adereço. A mãe apenas olhou-a com desprezo e não respondera.

Leonilda, no dia em que a sua mãe morrera de parto, sem assistência nenhuma, exceto a dela que tinha somente treze anos de idade, pegara o pentinho que ficara ali caído no chão, após a agonia da mãe. A menina retirou cuidadosamente um chumaço do cabelo da mãe que estava preso no meio dos dentes do pente e o colocou no cabelo. Usava-o há mais de quarenta anos.



Em pé no meio do terreiro, a raizeira Leonilda terminou de pentear os cabelos e enrodilhou-os em um coque frouxo.

Começou a organizar o pequeno terreiro, catando trecos soltos por ali numa pisada cada vez mais rápida. Era acostumada a trabalhar com a urgência.

Era raizeira, portanto, as doenças exigiam unguentos, garrafadas, emplastros, gotas milagrosas, beberagens. Exigiam a rapidez da cura.

Era parteira, portanto, as dores que rasgavam os ventres das mulheres da região exigiam bacias areadas, soluções fortes para serem cheiradas, tesouras, água fervente, panos brancos passados a ferro quente em brasa.

Exigiam mãos ágeis, corpo disposto e sadio, caminhadas em passos rápidos, viagens às pressas, enfrentamento de maus tempos e noites escuras. Exigiam a rapidez de novas vidas, muitas delas prematuras.

Quando saíram pela porta da cozinha a avó de Dora desceu até abaixo, na ladeira que dava acesso ao regato, ao fundo.

Desceu meio afoita. Voltou lentamente, cansada e suada.

A amiga raizeira ralhou-lhe sobre aquela andação ladeira abaixo. Não tinha tom de bronca, era mais a preocupação com a saúde da amiga.

Nena falou da barriga desarranjada, desde que acabou o enterro da filha. Tinha uma contorção de dor na cara.



Leonilda quis saber do remédio, se tomara. Quis saber se tinha o que comer, da mexeção dos tachos de doce.

Nena suspirou. Não tinha tomado o remédio. Tinha comido parcamente. Havia pouco na despensa. O resto da caça de Juca Espigueiro. Um pouco de farinha.

Sobre os tachos de doce, talvez começasse por aqueles dias. A casa ainda estava com o cheiro do velório. O chão pisado pelo povaréu que compareceu.

Mas entendia que precisava retomar a lida.

Leonilda insistiu na dor. Que falasse da dor no peito.

Nena deu-lhe o que queria. Falou da dor. Da contínua dor. Dormia à noite? “Revirando, como há de ser”.

Sentaram-se nos tambores grandes de madeira que estavam de borco. Eram da altura de bons bancos, dando para apoiar as costas na parede da casa e os pés no chão, com conforto. Dava sombra nesse pedaço de chão naquela hora do dia. O dia quase ia pelo meio. Dali a pouco, aquela beirada fresca ficaria ensolarada e quente.

Urgiam as explicações.

E elas saíram. Não aos borbotões, que aquela gente simples de rotinas e fatalidades carecia do afobamento que alivia as angústias do peito e da alma. Foram dadas em gotas.



A raizeira explicou que a menina estava, a partir de então, orfãzinha.

Silêncio.

Que era filha da moça bonita, uma que fora amancebada com o furriel da cidade para lá da Campineira do Anu Preto.

Silêncio.

Não durou muito esse silêncio, ele foi entrecortado pela vozinha infantil de Dora cantarolando. Apuraram os ouvidos. A menina cantarolava uma ladainha de velório. Ladainha do ofício de carpideira.

A avó de Dora balançou a cabeça, irritada com aquela novidade de cantoria de agouro.

A raizeira deixou aflorar uma expressão de surpresa.

A menina Dora cantando ladainhas?

Era, de fato, uma novidade. Onde a menina aprendera a ladainha?

Aos seis anos já havia ido a muitos dos velórios que houvera por ali, mas eram tantas as cantorias da carpideira. E as crianças não se prendiam a esses ofícios nos velórios. Invariavelmente, ficavam pelos quintais a brincar.

Dora cantava na rima.

Dora cantava no ritmo.

Dora conhecia as redondilhas e, embora muitas palavras fossem pronunciadas erradas, a cantoria estava ali presente, inconfundível, com o seu



cheiro de remotas velhas carpideiras a enfeitar os velórios pobres do sertão.

A raizeira levantou-se e foi espiar as meninas lá dentro, pela janelinha aberta.

Viu as meninas brincando no chão. Dora cantando para a orfãzinha. Pareciam contentes. Leonilda também se contentou com o que viu, como se esperasse um duradouro entrosamento entre as meninas.

A avó de Dora ainda não falara uma palavra. O olhar estava perdido. A pálpebra meio cansada sobre os olhos. As mãos envelhecidas descansavam sobre o colinho magro e sem carnes.

Falou de repente. Queria saber que novidade era aquela.

A raizeira suspirou. Tinha uma longa estória para contar. Uma triste estória.

Foi lá para as bandas do boqueirão, onde fora fazer o parto da Cida do Tião Manganês. Havia partido quinze dias antes da mãe da menina Dora entrar em trabalho de parto. Era um domingo ventoso. Era um tempo ruim, de pouca fartura.

Precisou ir antes do prazo.

Era o primeiro filho e a pobre mãe estava com muito medo. Havia mandado recado pelo velho Ditinho Arrieiro, homem prestativo que fazia o trabalho de zelador do cemitério. Corria à boca pequena que Ditinho não tinha família e que os mortos faziam às vezes de parentes e o cemitério era a sua terra.



Era chegar a notícia da morte de alguém que o velho Ditinho Arrieiro já começava a cavar o buraco. Além da cova, ele ainda finalizava o serviço, geralmente no dia seguinte ao enterro, porque gostava de trabalhar sozinho e em paz.

Pela época do parto da Cida do Tião Manganês, Ditinho Arrieiro estava em viagem. Ditinho tinha sim uma família. Tinha uma filha casada, vizinha da mãe primípara e como passara o último mês na casa da filha, se apegara ao povaréu da casa de Tião Manganês. O casal ainda não tinha filhos. Era o primeiro parto. No entanto, encostados na casa do jovem pai trabalhador, havia quatro idosos, os pais dele mesmo e da sua esposa. Quatro velhos para serem sustentados. Era um tempo ruim, de pouca fartura.

O velho Ditinho Arrieiro trouxera a notícia da precisância da jovem mãe naquele momento difícil. A mãe era franzina, lapidada para colos, pois sendo filha única, seus pais trataram-na como criança até o dia de ser desposada. E, mesmo casada, pedia permissão para os pais para fazer muitas coisas, como comer uma ou outra fruta após o almoço. E isso na presença do marido que, matuto simples, não via nesses lampejos de meninice de sua mulher, nada que o fizesse entrar em contenda com a própria esposa ou com os velhos.

A esposa, com medo do parto, pediu que o marido, Tião Manganês, fizesse o que fosse possível para trazer a velha e bem-recomendada parteira. E esta partiu num domingo ventoso, com a sua tralha de serviço, no carroção.



O Ditinho Arrieiro trouxera, de cabeça, toda a conta feita para que a parteira calculasse o dia do parto.

Ela somente partiu porque contava que chegaria ainda uns dez dias antes do parto da filha da sua amiga tão cara, da sua envelhecida amiga avó da menina Dora. Tão velha e tão doentinha do peito.

Mas, no dia seguinte ao parto da Cida do Tião Manganês, a velha raizeira e parteira caíra doente, febril, com deformações pelo corpo todo que, empolado em grandes manchas arroxeadas, lembrava uma forte reação alérgica.

Ninguém por ali nas redondezas sabia tratar esse quadro, que demorou ainda oito dias para começar a melhorar dando sinais de enfraquecimento do empolamento.

Todo mundo ficou desconfiado de um macaco prego que, quase domesticado, fora pego várias vezes, mexendo nas tralhas de trabalho da velha raizeira.

Um menino mirrado, cria da casa, ainda contou ter visto o macaco prego urinando em cima de uma velha maletinha de couro, ensebada, do tamanho de uma mão, que a velha raizeira carregava quase sempre junto de si, pendurada à cintura pelo lado de dentro da saia comprida que usava.

A velha estava no paiol ao fundo, se lavando em uma grande bacia de alumínio, muito areada, guardada para banhos nos dias mais quentes.



A maletinha de couro ficara sobre uma cômoda no canto do quartinho pegado à cozinha, onde a velha guardava as suas coisas e dormia, desde o dia em que ali chegara.

O menino mirrado contou ter visto o macaco por ali, várias vezes, e numa dessas, ele urinara na maletinha, dando um gritinho agudo ao final e saindo pela janelinha aberta àquela hora do dia. O menino vira. Tava confirmado que vira. Tudo verdade, contado em atropelos de meninice.

Contou isso para a própria raizeira, meio com medo, em pé à porta. Tinha medo de a raizeira mandar a sua mãe lhe aplicar os fortes e amargos xaropes. Há pouco, o molecote tinha ouvido conversas no terreiro da casa, de que alguma coisa poderia ter provocado aquela enfermidade na velha. E falaram em coceiras, em feridas, em coisas que a velha havia comido ou bebido. Em pragas e insetos. Em plantas mortíferas. Falaram em animais cujos pelos e arranhões poderiam ter adoecido a velha. Estavam, portanto, falando em alergias, mas o menino, cria da casa, não compreendia essas conversas, tampouco a conversa da velha. Espichou para o quarto e contou para a velha raizeira, ali acamada, o feito do macaco prego, animal quase de estimação da casa.

Ao fim de oito dias, ficou boa a raizeira, daí o pequerrucho nascido há pouco do ventre da Cida do Tião Manganês, caíra doentinho. Havia uma forte inflamação do coto do cordão umbilical e região. Contavam oito dias do parto.

A inflamação aparecera lá pelo quinto dia e parecia ser coisas simples, mas não era.



A raizeira, assim, não pode partir na data prevista, precisava tentar salvar a vida do pequeno anjinho.

Nada saiu a contento. Tudo era igual sempre fora. Nada era rotina. O rosado pequerrucho foi adquirindo a cor amarelada, morrendo daí a dois dias.

E só então a velha raizeira e parteira partiu, o velho coração confrangido pela adivinhação de que a amiga tão cara a si, a avó de Dora estava sofrendo.

E estava. A mãe de Dora não resistiu ao difícil parto de gêmeos e, sem a assistência de mãos experientes, sucumbiu, levando consigo o esperado par de anjinhos, em cumprimento à promessa feita à Juca Espigueiro, seu segundo marido, de que lhe daria o tão sonhado filho menino.

Ali no terreiro da casa da raizeira, toda essa estória foi contada entre suspiros longos, outras vezes curtos. Entre xícaras de café fumegante, que a velha Leonilda buscara por três vezes na cozinha, despejados do bule verde esmaltado em dois canecos brancos, desiguais, sendo um sem a asinha de segurar.

A avó de Dora quis saber se a menina também morava nessa casa enlutada. Leonilda balançou a cabeça em negativa.

Era então neta dos velhos? Ainda insistiu a avó de Dora. Não, a menina não era parente da casa enlutada.

Depois de um tempo, Nena lembrou que no dia anterior, no velório de sua filha, a menina não estava. Começava a ficar aborrecida com o jeito



evasivo da amiga Leonilda. A avó de Dora não atinava com as explicações dadas, espaçadas no tempo, daquele jeito.

A velha raizeira levantou-se novamente e foi espiar as meninas lá dentro, pela mesma janelinha aberta. Demonstrava uma euforia com a situação nova de a pequena menina mais caçula estar se entendendo com Dora. Ficou feliz ao vê-las montadas no bauzinho. Aquele menorzinho, no canto do quarto.

A avó de Dora esperava.

Daí a pouco se levantou e foi na cozinha, no pote d'água a um canto. Bebeu um caneco cheio. No último gole fez um bochecho rápido e cuspiu no chão batido de terra. Debruçou o copo sobre a tampinha de metal, muito areada que tampava a boca do pote. A água estava geladinha àquela hora do dia. Apetitosa, porém, a boca da velha amargava como se fel houvera provado.

A dor no peito mostrou a sua face, fazendo-a retorcer a boca num muxoxo.

Com a cara meio retorcida pela dor perguntou quando Leonilda levaria a menina. E, diante da negativa da amiga de que não a levaria para lugar nenhum, Nena surpresa com a resposta vaga e a novidade na vida da sua amiga tão cara, repetiu a pergunta.

Ela não contava com a crueza da verdade. Sim, a menina ficaria por ali. Leonilda ainda enalteceu suas qualidades: “É curiosa, a pequena. E obediente”. E completou com um suspiro que era só uma pobre orfãzinha.



Contou de como a sua cabecinha estava cheia de piolhos. Fizera até um chá brabo e despejara bem morninho na cabecinha dela. Caiu tudo. Só ficaram as lêndeadas mortas, secas.

Nena quis saber de quem a menina era aparentada.

Os diálogos eram difíceis. Sem riqueza de palavras. Sem argumentos. Era gente de poucas palavras, de muita lida diária. As estórias quase não tinham enredo. O enredo quase não tinha cor, sons, cheiros. Era igual, sem ser rotina.

Naquele fim de manhã, a vinda da avó de Dora puxando-a pela mãozinha naquela casa era quase uma estranheza. Cena incomum, embora o vínculo da amizade fosse profundo, tão profundo e antigo quanto as velhas árvores daquele lugar.

Era uma amizade de muita consideração, embora carecesse de sorrisos soltos, de palavras em profusão.

Naquele fim de manhã, não havia outro lugar para a avó de Dora ir passear. Era fraca de grandes ideias e de grandes interesses. E tinha que resolver esse negócio de morar junto com a amiga raizeira.

Não teve vontade de descer além, ladeira abaixo, perto do boqueirão, até a fazendola em que nascera e passara a infância e mocidade, onde a sua mãe fora cozinheira de fogão e de tacho, fazendo doces para toda a redondeza.

Não teve vontade de palmilhar aquele antigo trilheiro para ver e conversar com antigas pessoas.



E ainda tinha a dor nos peitos. Aguda e breve a tolher-lhe os arroubos de aventura naquela manhã.

Não teve vontade de, no dia seguinte ao enterro de sua filha, dar respostas a perguntas curtas. Explicar como viveria dali por diante com a pequena Dora.

O padraсто, Juca Espigueiro havia partido ainda na madrugada daquele dia. A velha vira quando ele apagou a fogueirinha no quintal e pegou as suas coisas, os poucos pertences e o berrante e caíra na campina.

Urgia resolver o negócio da mudança.

Não tinha mágoa no seu coração pela partida de Juca Espigueiro, pois este havia sido um homem bom. Sem usuras. Partira e deixara tudo para a casa. Não levava nada além de coisas da sua lida. Um velho alforje e um embornal eram tudo.

Não teve palavra de despedida, toque de mãos ou abraços. Não teve recomendações sobre a educação de Dora. Não se falou da precisança que se instalaria naquela casinha triste e enlutada.

Não houve entre os dois uma troca de olhares, presentes, afagos, agradecimentos. Não podia ser diferente. Não sabiam fazer diferente. Era tudo uma fatalidade. Pessoas nasciam, cresciam e morriam. Tudo era igual, nada era diferente.

Assim, a avó de Dora não era aparentada de ninguém ali, por isso escolheu fazer aquela visita, de manhã, à sua antiga amiga raizeira. A presença da pequena menina amorenada, chamada



Ana, trazida de algum lugar distante, era um estorvo nessa visita. Estava a atrapalhar a conversa que fora ali ter com a amiga.

E foi com a costumeira economia de palavras, que a parva avó de Dora quis saber se a menina era aparentada de alguém, se seria devolvida, se estava de passagem. Restou à raizeira, encerrar aquele assunto, pois o dia já corria a galope, e o fogão à lenha com as panelas pretas em cima já estava pronto para o início do almoço.

Numa profusão abrupta, explicou que estava voltando do trabalho lá das bandas do boqueirão, onde fora fazer o parto da Cida do Tião Manganês, e lá encontrou a menina.

Colocou arroz para cozinhar numa panela preta pequena.

Acrescentou que contava como certo que chegaria antes. Entristeceu a voz ao lembrar o quanto desejava chegar antes, até dez dias antes talvez.

Começou a mexer com uma grande colher de pau, queimada pelo cabo, o mingau espesso sobre o fogão.

Tinham tomado esse mingau de fubá cedinho, ela e a pequena Ana. Agora era só acrescentar meia dúzia de pedaços de carne para o almoço.

Continuou contando que caíra doente.

Suspirou.

Caíra doente, e foi bem no dia seguinte ao parto de Cida do Tião Manganês. De costas, mexendo



mingau, não olhava para a amiga que catava carrapatos no velho cachorro, aos seus pés.

Era uma febre tão quente. Umas pelotas empapadas pelo corpo todo.

Suspirou novamente. Sem dor, mas precisava cuidado. Nunca vira isso antes.

Nena quase a interrompeu querendo saber se a pequena era aparentada de Cida de Tião Mangânês. Isso a avó de Dora já havia perguntado naquele diálogo econômico, traçado desde a manhã.

A raizeira continuou explicando, sem dar uma resposta direta à amiga, que preparara para cair na estrada, ainda esperançosa de chegar a tempo para aparar os anjinhos, irmãozinhos de Dora.

Mas os anjinhos nasceram antes. Fatalidade. A velha Nena, com as pontas dos dedos sujas do sangue do cachorro, ou dos carrapatos, suspirou e repetiu a palavra fatalidade.

Leonilda continuou explicando como o pequeno que ela foi aparar caíra doentinho, com o coto do umbigo inflamando, cheio de pus, com inchaço e vermelhidão. Nossa! E o mau odor! Enfatizou.

Tinha um tom de indagação aquela conversa toda. A velha raizeira estava de pé com as mãos fortes nas cadeiras, em frente à amiga, catando grandes carrapatos azulados nas costas do cachorro imundo, aos seus pés.

Leonilda arrematou que ali ficara. Não podia ser diferente. Morreu o anjinho.



Sim, morreu o anjinho, confirmou a avó de Dora, como se profética fosse.

Morreu. A inflamação não acabava nem com emplastos nem com as beberagens que Leonilda tentara colocar com pequena colherinha na boquinha dele.

Nena quis saber da volta, já farta do anjinho morto. Queria saber da menina amorenada que brincava com Dora. Cuidou de perguntar à amiga se a viagem de volta foi boa.

Sim, foi até boazinha. O de sempre. Quando Leonilda chegara aos arredores da Campineira do Anu Preto. Ainda na estrada, avistou um povaréu descendo às pisadas.

Nena quis saber se era reza.

Qual! Negou Leonilda.

Defunto? Insistiu Nena.

Sim. Defunto. E Leonilda fez o sinal da cruz, em respeito, pois devota não era. Repetiu mais uma vez “Defunto” e suspirou.

Nena lembrou-se que poderia ser da casa dos De Góis. Conhecia a família há muito tempo, desde quando era moça.

O nome dessa família trouxe as reminiscências à avó de Dora que já tinha ido dançar num festejo naquela região, com os seus pais, na única vez em que viajara tão longe. Contava então dezotoito anos. Fora o primeiro e único baile da sua vida. Era moça. Era feia. Era moça e feia de compleição, e feia de compleição estava até hoje.



A avó, meio ruborizada ficou a lembrar que no dia dessa viagem a negra Celestina, mãe postiça da velha Leonilda queria ensinar-lhe um negóciozinho secreto para ela fazer com algum rapaz que a tirasse para a dança.

Ela não quisera ouvir.

Precisou a amiga raizeira, já há muito tempo seguidora das ideias da negra Celestina se oferecer para fazer com ela, como se um rapaz fosse, para ela aprender direitinho.

Leonilda tinha somente dez anos, Nena dezoito.

Ela aceitou, porém estava relutante.

Ficou muito assustadiça quando a negra pediu que as duas se abraçassem numa posição de dança. Estavam no terreiro da casa da negra.

Quando a negra começou a explicar como era o negóciozinho secreto de sedução, a moça feia e magriçela, amarelada e com os cabelos ralos, saiu em disparada do terreiro, pegando a estradinha para a sua casa.

A negra Celestina ria muito e abraçada à jovem raizeira, ficou a ensinar o negócio só para ela que, boa e liberal aluna, aprendia rápido e de forma didática, sem saborear as lições tão proibidas. Para ela era tudo brincadeira, era parte do seu comportamento transgressor. Era sabedoria passada de mãe para filha.

Nena balançou a cabeça, enterrando o passado.

Insistiu na pergunta sobre a identidade da menina Ana. Queria saber se a pequena órfã era da casa dos De Góis, a raizeira explicou mais uma vez que não.



Falou da família dos De Góis. Família grande, quase não morria gente por lá. Eles tinham fartura. Tinham posses. Compram a cura. Nem careciam das raízes e plantas de Leonilda. A estória era sobre o povaréu mais ao fundo, indo pro poente. Perguntou se Nena lembrava.

Sim. A avó de Dora lembrava, pois já ouvira muitas estórias contadas pela boca da sua amiga raizeira e parteira.

Não conhecia exatamente o lugar, mas sabia-o pela geografia oral que a sua amiga viajante sempre trazia.

Ali, naquele lugarzinho escondido tinha precisância, sempre tivera, e das grandes.

Era pouco o povinho dali. Gente mirrada. Contavam três famílias ao todo. Treze pessoas.

Era a família do Véi do Belo, que contava sete, sendo a sua velha muito adoentada e ainda os cinco filhos para criar. O mais velho, de dezoito anos, já caía na campina vez ou outra. Ia até a cidade. Trabalhava, ficava uma estação e voltava. Ajudava os velhos quando podia. O caçula, de dez anos, era filho de uma comadre falecida. Não nascera do ventre da mulher do Véi do Belo. Era o caçula da casa, não o caçula do ventre, este já tinha catorze anos. Nascera tardiamente quando o Véi do Belo embuchara a sua mulher pela quarta vez, tendo ela trinta e cinco anos.

A velha raizeira vez ou outra se lembrava desse parto. Havia sido um dos mais difíceis que ela fizera. O menino era grande e gordo, tinha uns



olhos muito redondos com as pálpebras caídas sobre eles, os braços e perninhas pareciam pequenos para o corpo.

Já a outra família era de quatro pessoas. Pai, mãe e dois rebentos. Molecotes. O pai sabia fazer coisas bonitas entalhadas na madeira. Fazia por distração. Tinha mãos generosas para esse fazer artesanal. Fazia com primor. No paradão alaranjado de dias quentes ficava a cismar trepado no banquinho de três pernas no terreiro, segurando um pedaço de madeira no meio das pernas, esculpindo, por horas, a cabeça de um peixe na ponta da madeira. Nunca tinha corpos esculpidos. Sempre cabeças nas extremidades das madeiras. Era um artesão sem sabê-lo.

A terceira família era menor ainda. Era uma mãe e a sua filhinha. Essa filhinha era a pequena Ana, menina amorenada. Era a mesma menina que nesse momento brincava pelo chão batido de terra da casa da parteira. Menina que viera da terceira família daquele lugarejo, nos arredores da Campineira do Anu Preto.

A raizeira explicou à avó de Dora que a menina estava, assim, sozinha no mundo. A sua mãe cozia como ninguém. Bordava e costurava. Era habilidosa. Suas mãos ligeiras transformavam em beleza um corte de fazenda qualquer. Seu corte era muito parecido com o corte da senhorinha com traços indígenas, comadre da avó de Dora, que costurava para toda a região. Tinham o mesmo ofício e conduziam-no da mesma forma, embora as duas mulheres não se conhecessem.



Das três famílias do lugarejo, essa família de duas pessoas era a menor e a mais comentada.

Dizia-se por ali que a mãe da menina Ana era sozinha. Dizia-se também, embora à boca pequena, que a mãe da menina já chegara naquele lugarejo, empregnada de três meses de uma autoridade da cidade. Não se sabia mais. A economia de palavras da gente do lugar não permitia maior investigação da estória.

Sabia-se pouco.

Sabia-se que essa mulher amorenada não tinha sobrenome. Era bem feita de corpo. Dava para ver a silhueta bem feita mesmo com o início da gravidez de três meses.

Contava-se que foi a própria autoridade que a emprenhara que arrumara aquela casinha nos fundos do terreiro do artesão que esculpia cabeças de peixe na madeira.

Contava-se que o habilidoso artesão passava pelo menos duas temporadas na cidade, onde trabalhava para a abastada família dessa autoridade, o furriel. Ali, o artesão cuidava das crias, curando as doentes, capando as que precisavam ser capadas, marcando animais.

Nessas temporadas de lida na cidade, o artesão ainda limpava os terrenos que o furriel ia adquirindo em contendas de posse de terras, nos arredores do lugar.

Contava-se que o furriel, em segredo, dera até uns cobsres para o artesão de cabeça de peixe trazer



a moça emprenhada para o sertão, ao final de uma dessas temporadas, arrumando para a pobre o barracãozinho nos fundos do seu terreiro.

E foi nas vésperas da passagem de ano, de um final de dezembro, que o artesão chegara de viagem com a moça já emprenhada de quatro meses. Contara que foi uma vomitação danada toda a viagem. Nada parava na barriga da pobre mulher bonita. Em engulhos de estômago, ela ia botando para fora, a carne seca e a farofa que o artesão levava na viagem.

A esposa do artesão, que desde sempre desprezara o desperdício de tempo que o marido gastava esculpindo as madeiras com as cabeças medonhas de peixe, olhou com desconfiança a chegada da moça com o marido naquela noitinha no seu terreiro.

Ali tinha coisa a ser investigada e explicações a serem dadas. Ali tinha futrica a ser descoberta. A mulher do artesão se empertigou de repulsa antecipada diante da nova situação.

A beleza estonteante da moça invocou sentimentos desconexos na esposa que, ao ver os seus dois molecotes treparem na janela para ver o pai chegando, instintivamente, mandou-os para dentro de casa, com ameaças de sova bem dada. A esposa contava, por essa época, uns trinta anos. Era jovem ainda, porém, a lida diária e a fome irremediável envelhecera-na apagando de si qualquer traço de mocidade.

A visita inesperada destoava daquele enquadre agreste. A moça, ao lado do artesão, tinha



traços, cheiros e porte de quem já conhecera as futilidades da cidade. Tinha meneios de quem já usara sobre o perfil esbelto, cortes de fazenda bem talhados. Disso a envelhecida esposa do artesão entendia, pois sabia cozer, embora não gostasse e se entediava com a má sorte de ter a costura como o seu ofício cotidiano.

As explicações foram dadas, mas não aceitas. O artesão instalou a moça no quatinho dos fundos do terreiro. A esposa aceitando a contragosto.

Os cobres mostrados pelo artesão, às escondidas, à mulher, tiveram o efeito de acalmá-la e, aparentemente, fazê-la aceitar os fatos. Era ambiciosa a costureira.

Os dias correram. A rotina se instalou. O falatório correu solto pelas redondezas. Estórias foram inventadas e aumentadas. E logo, tudo ali se agasalhou qual o fruto que expandia no ventre da mulher sozinha trazida da cidade, pelo artesão.

A mulher emprenhada também precisava ter um ofício. A vida era de precisança.

O artesão mandou que a sua mulher ensinasse a moça jovem e prena a cozer. E ela ensinou, sempre olhando de esguelha e com desconfiança aquele porte bonito. E logo nos primeiros dias a aprendiz suplantou o saber da mestra. A vocação para bordados e costura logo aflorou gritante. E a fama de seu talento correu as redondezas. Chegou tão longe, que chegou à casa da autoridade que pagara os cobres para que o empregado artesão a levasse da cidade para morar nos fundos do terreiro de sua casa.



A autoridade lavou as mãos, aliviado. Havia encaminhado a moça. Não carecia mais preocupação com aquele assunto de baixo meretrício. Ela fora descuidada. Emprenhara depois de três anos de chamego. Era autoridade na cidade. Casado com moça rica, herdeira de terras. Tinha posses. Tinha dois filhos, um estudando letras e leis e o outro estudando números na capital. Não queria ver filho bastardo nos arredores da sua casa.

E foi com pesar e um suspiro de resignação que despachou a moça para o sertão. Era um corpo quente e macio, e tinha um riso tão solto que seria difícil outra teúda e manteúda cativar-lhe a alma como aquela pequena implume que ele trouxera da capital para a sua cidade, há três anos, quando fora instalar os filhos para os estudos.

A velha raizeira descansou por uns minutos após contar essa estória tão comprida e cheia de detalhes.

A velha Nena esperava.

Até chegar nessa parte da estória ela não havia demonstrado nenhum sinal de emoção ou padecimento, ou ainda, curiosidade sobre as futricas das famílias. Sua curiosidade era uma só e atendia pelo nome de Ana e estava a sorrir angelicamente dentro do quarto junto com a menina Dora.

O terreiro estava em silêncio, quebrado somente pelo arrulhar das crianças.

O silêncio entre as duas amigas sentadas no terreiro da casa da raizeira ficou mais pesado ainda.



A raizeira Leonilda foi mexer as panelas no fogão.

Terminou tudo e deixou o almoço na rabeira do fogão. Arroz branco e mingau salgado com nacos de carne.

Chegou à porta da cozinha e ficou a olhar o vazio, longe. As palavras vieram em tom conclusivo, de fim de estória: “Pois é. O enterro que vinha pelas pisadas da estradinha tinha partido da casa do fazedor de cabeça de peixe em pedaços de madeira”.

A avó de Dora esperava. Não havia ainda atinado com o desenlace daquela estória.

Leonilda se lembrou da ausência da família dos De Góis no enterro, não quiseram se envolver. Família grande, só apareceram cinco pessoas.

A avó de Dora continuava a esperar. Ainda não tinha ouvido uma explicação a contento.

Leonilda lembrou então do modo como a moça fora rejeitada lá. Não tinha passado. Havia chegado prenha, sem marido, com pertences da cidade. Nesse momento da conversa, Leonilda ainda não havia mencionado claramente quem morrera.

Parou de falar e observou o semblante da amiga Nena. Impassível.

E o rosário das lembranças foi sendo desfiado. Leonilda chegou perto do enterrinho. Arredou a carroça para o lado. O povaréu passou. Ela seguiu atrás, bem lentamente. E foi na rabeira do enterro que ficou sabendo do ocorrido, pela boca da neta beata dos De Góis.



De repente a velha doente do peito demonstrou interesse por mais detalhes da estória. Perguntou se fora coisa errada, a morte.

Ninguém sabia. Carecia investigação.

Nena quis saber se era um dos meninos do artesão naquele caixão na estrada.

Não. Não era. Era a moça, trazida da cidade pelo artesão, a pedido da autoridade.

“Tão sadia e nova!”. Suspirou Nena. Quis saber com quantos anos contava então. Contava só vinte e três. Já chegara ali prenha, com dezoito.

Nena lembrou que ninguém morre novo assim de morte morrida.

A raizeira não comentou mais nada.

Silêncio.

A velha raizeira se levantou de chofre e foi espiar as meninas pela janela.

Ficou lá em pé, espiando.

“Só de morte matada”. Concluiu a avó de Dora.

Daí a pouco a velha Leonilda se virou e suspirou alto. O povaréu de lá cochichava pelos cantos que fora morte matada mesmo. Era a futrica a correr as redondezas.

“E é?”. Muito surpresa a avó de Dora, se interessando mais ainda pelo assuntinho.

A amiga raizeira espiou novamente as meninas pela janelinha. Elas riam muito lá dentro.

A pequenina Ana pediu água.



A raizeira rodeou a parede da janelinha e entrou porta da cozinha adentro.

A avó de Dora ouvira os sons no compasso da pasmaceira do dia.

A tampinha sendo tirada da boca do pote. O caneco batendo na água. A menina bebendo aos goles a água fria. Ouviu ainda, o caneco sendo colocado debruçado sobre a tampinha da boca do pote.

A amiga raizeira assomou à porta.

Ralhou com a amiga que largasse os carrapatos que eram tantos. Até pareciam procissão de romaria.

A avó de Dora arredou o pelo para a amiga ver como o sangue descia nos lugares das pencas. Sangue pisado, preto.

A amiga nem olhou. Não estava interessava no velho cachorro cheio de pencas de carrapato.

Nena ficou a matutar naquela morte contada. Morte matada. Morte morrida. Que coisa uma morte assim. A avó de Dora ainda demorou muito tempo pra atinar sobre a chegada da pequena que brincava na sala e a morte da moça bonita que morava nos fundos do terreiro da casa do artesão habilidoso fazedor de cabeça de peixe.

Leonilda lembrou com tristeza do enterrinho e seu coração ficou apertado ao se recordar da pequena, coitadinha, que vinha pela estrada pisada. Tão fraquinha, que foi ficando para trás. Com as perninhas finas, não dava conta de acompanhar o povaréu.

Silêncio. A avó de Dora esperava.



A lembrança veio forte, a menininha parando de andar e ficando lá no meio da estrada pisada. Parada. Olhando o nada.

A avó de Dora esperava.

Leonilda então encostou o carroção e a pegou nos braços. O corpinho tão desfalecido que fazia dó. Uma lembrança tão dolorosa passou pelos olhos da raizeira que a velha Nena acudiu ter sentido a tristeza da amiga.

Nena então compreendeu e fez a pergunta derradeira, se era a menina que estava lá no quarto brincando com a Dora. Parecia ainda não ter a certeza do que estava já assinado.

Leonilda confirmou que era a pequena sim. A filhinha da falecida. E abaixando a voz explicou que era a filha da tal autoridade da cidade que pagou até uns cobres para o artesão levar a moça para o sertão.

Nena quis saber se Leonilda conhecia algum parente da menina. Se a levaria para a cidade. Talvez a entregasse na casa da autoridade.

A raizeira riu contida do pensamento curto da amiga, e entregou a decisão tomada, que a menina não iria para lugar nenhum.

A avó de Dora sentiu o agudo no peito, mas segurou a dor, sem esboçar o esgar de sofrimento que sempre surgia na sua cara envelhecida.

Ventilou se a amiga daria a menina pra alguma casa dali mesmo então.

Um vento leve balançou as folhas das árvores.



Um som seco de madeira caindo foi ouvido dos fundos. Leonilda disse então que ficaria com a menina.

Silêncio.

Tudo ali era igual sem ser rotina.

Era o primeiro dia após o luto da família de Dora.

A raizeira colocou arroz e mingau numa cuia pequena. Enfiou uma colherinha de pau e chamou as meninas para comer.

As meninas apareceram no meio da cozinha de mãozinhas dadas.

Dora, mais alta e mais velha um ano, era branca como um camafeu. A pequenina Ana era tão esguia que parecia encobrir a altura de Dora, embora fosse menor que a nova amiguinha.

A raizeira entregou a cuia nas mãozinhas da amorenada Ana.

A avó de Dora percebera que havia um carinho incontido naquele gesto.

Havia uma represa pronta pra jorrar e inundar a pequena casinha com afetos desconhecidos daquela gente crua do lugar.

Havia uma maternidade arcaica naquele gesto, na cuia colocada mansamente nas mãozinhas da criança.

A avó de Dora teve ímpetos de sair dali. Chamou a menina. Era hora de irem para casa.

Nesse momento, a segunda cuia pequena de comida já estava sendo colocada nas mãozinhas sujas de Dora.



A avó ralhou que deixasse a cuia lá. Iriam embora. Já estava de pé, chutando o cachorro deitado preguiçosamente aos seus pés.

Dora desatou a chorar. Ainda segurava a cuia.

Leonilda, estupefata: “Que é isso mulher? Deixa a menina comer. Tem pra nós quatro. Vem também encher o seu prato. Caminha”.

A avó de Dora não cederia fácil. Apelou para a dor do peito que já estava começando. Melhor ficar em jejum.

Aquilo era bobagem. Leonilda mandou-a comer logo e já foi colocando o prato nas mãos da amiga.

Todas comeram rápido, demorando-se um pouquinho mais na mastigação dos nacos de carne.

A avó de Dora lavou as cuias e os pratos em duas bacias d’água em cima do jirau de serviços. Era um jirau grande, onde a raizeira preparava suas plantas e raízes.

Pareceu estar esquecida completamente dos motivos que a levaram ali.

Tinha o negócio da mudança de vida para tratar.

A propositura de morar junto com a raizeira. Retomar a antiga amizade com a força que ela já teve na meninice de ambas. Juntar forças pra enfrentar o resto dos dias ainda por viver.

Pareceu esquecer-se disso tudo.

Decidiu, sim, por sair dali de forma desabalada, que não suportava mais ouvir estórias. Seu peito murcho estava comprimido.



Chamou Dora. A menina já ia descendo uma ladeirinha segurando na mão da amorenada Ana, para brincarem mais ao fundo do terreiro, num ensombreado bom e fresco que diminuía a quentura da tarde.

Dora voltou a cabeça. Não chorou, apesar de frustrada a sua tarde de deleite com a nova amiguinha.

Olhou para a pequenina Ana e passou as mãozinhas sujas no seu cabelo grande, muito escorrido e muito preto. Lustroso até. Foi andando para a avó.

A raizeira observava as meninas.

Tinha um meio sorriso no seu rosto cansado de tantas lidas e de tanta labuta entre a vida e a morte das pessoas que precisavam de seus serviços.

A avó de Dora observava a raizeira.

Tinha um meio esgar no seu rosto cansado de tantas lidas e de tanta labuta entre as horas monótonas do nascer do dia e os véus sombrios que desciam com a noite.

Então ela começou a andar. A menina Dora ia logo atrás. Não houvera despedidas. Não houvera uma palavra de até logo. A velha Nena estava macambúzia e macambúzia foi embora.

A velha raizeira ficou olhando a partida. Suspirou. Não entendia a implicância da amiga Nena.

Deixou-a partir, junto com a menina Dora, sem mais palavras.

Ainda ficou muito tempo olhando os vultinhos na estrada.



Daí a pouco a raizeira arrastou o velho banquinho mais para o lado da casa, na sombra mais fresca. Chamou a menina Ana que veio rápido. Colocou-a no colo e começou a catar-lhe lêndeadas.

Ficou muito tempo nessa monotonia onde tudo era igual e nada era rotina.

Teve um espasmo de susto quando se surpreendeu a cantarolar para a menina, muito aconchegada ao seu colo farto.

Riu sozinha.

Nunca em toda a sua vida havia cantarolado para uma criança.

Não experimentara a maternidade, nem os frêmitos do corpo de mulher.

Não gerara um rebento no seu útero, mas conhecia os afazeres relacionados às crianças como ninguém conhecia naquela redondeza.

Há mais de quarenta anos aparava criança nos quatinhos pobres de todas as famílias daquele lugar.

Ia muito também à cidade, ajudar a trazer ao mundo crianças de famílias com muita precisância. Era mais barato mandar um recado para a velha raizeira e parteira do que contar com os recursos da cidade. A paga da velha, na maioria das vezes era feita com crias ou produtos da casa mesmo.

E ela ia levando para a sua casinha tudo o que recebia como paga pelos arredores.



Assim, levava desde mantimentos e animais domésticos a objetos que nunca usaria nessa vida.

Já recebera como paga galinhas, caças, peixes, nacos de carne seca, um cobertor grosso de lã, utensílios de cozinha, como panelas, caçarolas, gamelas. Recebera cortes de fazenda, grãos, peneiras. Algumas vezes recebera calçados de couro e até um par de óculos com uma perna quebrada, mas com lentes boas e fortes que aumentavam as coisas pequenas, e que ela usava às vezes para trabalhar em algum preparo de cura mais elaborado, com sementes muito pequenas.

Já recebera também um ou outro ouro em brinquinhos e correntes, que ela guardava dentro de um saquinho de feltro grosso, escondido numa reentrância, num cantinho escuro debaixo do grande fogão de lenha.

Certa feita recebera uma imagem de santa, que ela não conhecia, mas que achou bonita e importante e dependurou na parede da cozinha, do lado oposto ao fogão. Mas, mesmo assim, fora alcançada pela fumaça ao longo dos anos, e agora já não era possível identificar as feições da santa, embora as suas mãos abertas em benção ainda fossem quase nítidas.

Às vezes, olhando detidamente essa imagem de santa tão enegrecida pela fumaça, assomava à sua mente, a lembrança da sua mãezinha postiça, a negra Celestina.

Sentada no tamborete com a menina Ana no colo, a raizeira entregou-se às reminiscências.



Do nada, pensou nos seus lencinhos bordados.

Guardava, no fundo do seu baú de panos brancos engomados para o serviço de parteira, meia dúzia de lencinhos bordados com as iniciais do seu nome LBE, presente de sua amiga tão cara, a avó de Dora, no dia dos seus anos, em data distante, quando completara quarenta anos. Era lá pelo ano de 1932.

Era um dia feio, nublado e tenso, nas primeiras chuvas após a longa estiagem. A vegetação ainda não perdera a cor de poeira e sequeidão e os pios dos pássaros pareciam tristes e agourentos.

Como nunca teve parentela por perto, a velha raizeira e parteira não fazia gosto de se alegrar no seu aniversário.

Nunca nessa vida, alguém comemorou ao pé de si essa data.

Assim, era só mais um dia de labuta naquele sertão.

Foi à tardinha desse dia feio, nublado e tenso que ela avistou na estradinha, vindo lá das bandas da Campineira do Anu Preto a sua amiga a palmilhar a terra.

Não contava com isso, pois há oito dias fora chamada às pressas pela mãe de Dora, para socorrer a amiga que estava estrebuchando de dor dentro da rede.

Era a doença do peito.

Mas saiu a contento os remédios deixados ali com meio tabuleiro pequeno de doce, como gratidão.



Todos os dias Leonilda achava um jeito de ter notícias da amiga e, o que se sabia, era que estava fora do risco definitivo, mas que, muito fraca, não saía nem de dentro da cozinha para o terreiro.

Mas a amiga estava assomando à entrada.

Veio nesse dia feio, com uma capanguinha de chita dependurada no ombrinho magro.

Aquele recorte da estradinha, a mulher encurvada muito magra, o lenço na cabeça pequena. A capanga no ombro. O nublado da chuva na hora do ocaso. Tudo isso desencadeou uma nostalgia desconhecida, porém nunca esquecida dentro do peito da raizeira.

Fez muita força, mas conseguiu impedir que as lágrimas que brotaram dentro de si não aflorassem aos olhos.

Desconhecia o lugar de caminhos errantes onde aquelas lágrimas moravam, pois não se recordava de ter chorado algum dia da sua vida. Nem mesmo quando fez partos assustadores de dificuldade e estranheza.

Nem mesmo quando aparou crianças deformadas, que pareciam sofrer com uma dor que não era humana.

Nem quando conhecera o inferno naquela transição dos treze para dezesseis anos.

Nada seria capaz de abalar a fortaleza na qual ela residia. Exceto o recorte da estradinha, naquele fim de tarde medonho em que ela contava quarenta anos.

Sentiu uma piedade tão extrema vendo os passinhos da sua amiga chegarem cada vez mais perto



que acudiu de ser assombração. Sentiu o vento frio da morte passar pelo seu corpo, imaginando se a amiga não estava morta e a sua alma, de tão apegada, viera lhe dar o aviso.

Decerto a culparia, lhe atirando na cara a sua incompetência e fracasso como dona da cura daquele lugar.

Teve ímpetos de fugir daquele confronto, quando viu os grandes olhos mortiços da amiga arregalarem-se num sorriso envelhecido e enrugado.

Respirou aliviada.

Não, não era o anúncio da morte.

Era real.

Era o dia dos seus anos e pela primeira vez a sua amiga tão querida viera lhe fazer festa.

Saiu do torpor e foi encontrar-se com a amiga, já no terreiro. E houve um toque espontâneo e desconhecido para as duas. O abraço demorado. A amizade de tantos anos exigindo a paga do abraço. E a paga veio e durou infinitos minutos de cumplicidade, de estórias, de dores.

A raizeira foi dizendo que entrasse logo. Puxou-a para dentro. O céu parecia cair naquele sertão.

Um raio cortou o céu.

As perninhas magras e secas da avó de Dora entraram logo atrás das pernas ainda musculosas da raizeira. Era uma andarilha. Morros, serras, barrancos, estradas planas, curvas e sinuosas eram o seu local de trabalho.



“Hoje o céu cai em água por aqui”. Correu a fechar a porta, a raizeira.

O vento arrancou uma das dobradiças da janela do quarto. A raizeira acudiu e improvisou uma amarração.

A casa ficou escura de repente.

A chuva caiu.

A noite desceu densa.

Parecia dia de invernada.

Enquanto acendia o fogo no fogareiro, a raizeira quis saber se Nena já estava boa passeando assim.

A avó de Dora rira. Surpreendentemente, ela rira. E, dessa vez, não foi só com os olhos, toda a sua cara riu junto, até o peito doentinho pareceu se agitar achando graça.

Explicou que sua filha foi para a cidade com o Caixeirinho, seu marido, receber a paga do trabalho que ele fez lá para a casa do Furriel. Iriam dormir lá. Comprar uns trem no comércio. A velha falava, indicando uma transgressão como nunca fizera na vida. Peralta, saiu por estar sozinha em casa. Não precisou dar explicações. Foi visitar a amiga no dia dos seus anos.

Completo ainda que era coisa de casal que não tinha filho para criar.

Queria fazer-lhe a surpresa do presentinho tão bem agasalhado dentro da capanga que trouxera ao ombro.



A raizeira, preocupada, quis saber da casa, das crias.

Não carecia preocupar. Nena veio ligeiro para não demorar. Queria chegar antes de a noite ficar muito escura.

A raizeira ficou olhando para a amiga meio desconcertada, pois a noite já caíra densa e escura.

A chuvarada antecipou o fim do dia. A amiga Nena vira que já era noite, pois quando fecharam tudo na casinha, ficou um breu. Mas Leonilda deixou passar a desatenção. Não comentou nada. Decerto Nena não percebera o escuridéu.

Foi esquentar as sobras para comerem. A chuva diminuindo, levaria Nena até perto da sua casa.

Nena insistia que não carecia preocupação. E ria mais ainda. Surpreendentemente, ela ria mais ainda. E, de novo, não era só com os olhos, toda a sua cara ria junto, inclusive até o peito doentinho se agitava de novo, achando graça.

A raizeira ficou alerta. Foi olhar se a amiga tinha febre. Não tinha. Estava achando a amiga meio afoita. Não era a mesma pessoa taciturna e triste de sempre.

“Tenho febre não. Carece preocupar não”. Continuava rindo muito, a avó de Dora.

Teve medo a raizeira. Já tinha visto muita gente convalescendo de doenças perigosas ficarem muito boas de repente, boas até demais, com exageros de felicidade e bem-estar.



Era sempre assim. Logo após a pessoa esticava.

Era só arroubo de despedida.

Era a cura momentânea concedida por piedade para que os parentes pudessem se despedir com alegrias.

Depois de algum tempo, a doença chegava avassaladora e levava o corpinho risonho.

Teve medo de ser a hora de despedida da sua amiga.

Não suportaria que essa partida saísse da sua casa, no dia dos seus anos. Nena era a única pessoa do mundo cuja doença não lhe chegava de forma indiferente como chegavam as doenças de crianças, adultos e velinhos de todo o sertão.

A avó de Dora continuava rindo agora só com os cantos da boca. Estava sentada tentando ficar muito ereta na cadeirinha baixa.

A raizeira, preocupada, olhava de soslaio enquanto mexia as sobras do almoço no fogão. A amiga não percebera que já era noite e que caía um temporal? Era curioso. Ficou em silêncio mexendo as panelas. Foi até a janelinha espiar lá fora. Nem chegou a abri-la com medo do vento ruidoso que agitava tudo lá fora e parecia querer arrancar até as raízes mais profundas do chão.

Acendeu outra lamparina, colocando-a sobre a mesa da cozinha. Os vultos de ambas nas paredes empretecidas da cozinha eram medonhos.

Outro raio cortou o céu.

Clareou tudo dentro da casinha.



A raizeira acudiu ver uma expressão estranha no rosto da sua amiga. Uma imagem dividida entre o sarcasmo e a transgressão. Teve um medo repentino e fugaz de tudo aquilo.

A amiga doentinha cadavérica empoleirada na cadeirinha baixa, os trovões, os raios descendo implacáveis, o aguaceiro caindo.

Teve medo de não ver o amanhã novamente.

Com a mesma rapidez com que a sensação do medo brotou no peito da raizeira, rapidamente, esvaneceu. Durou fragmento de segundo. Não era talhada para lidar com medos e inseguranças. Não era talhada para desesperos e peitos apertados em agonia.

Era hora. Chamou a amiga para comer antes que caísse um raio sobre o pirão. Tentou gracejar com isso.

A amiga foi olhar as duas panelas. Levantou a tampa pesada, de ferro, e cheirou dentro.

Lembrou que do dia em que adoecera da dor no peito só nesse dia comeria direito. Foi esticando muito os beiços para as panelas.

Leonilda quis saber se era falta lá na casa da filha dela. O que sabia era que não estava faltando lida para o caixeiro. Argumentou ainda.

Havia muito trabalho. E arroz e feijão até que estava pelo meio das latas.

Então o que era? Falta de apetite? Só ânsia mesmo. Sem apetite para tudo que é de engolir.



A raizeira ofereceu-lhe a comida. Nena aceitou de bom grado a cuia cheia de pirão. Já na primeira colherada lambou os beiços com gosto.

De repente a raizeira amoleceu o coração. Não carecia cuidado mesmo. A amiga tava recobrando a cara de sempre. De rotina e monotonia. O riso tão fora de propósito havia sumido daquela cara chupada. Era a doentinha do peito de sempre.

Ficou mais aliviada.

Encheu a sua cuia e sentou-se em outro tamborete.

Colocou a cuia e o cotovelo gordo sobre a mesa grande da cozinha.

Descansou a cabeça nas costas da mão esquerda e começou a tomar seu pirão fumegante.

A chuva aumentou mais ainda.

O vento começava a incomodar.

Algumas goteiras grossas começaram a molhar o chão pisado da cozinha. Terminaram de comer rapidamente e deixaram as cuias sujas sobre a mesa.

As goteiras aumentaram.

O vento silvou agressivo lá fora.

Um galho grande de árvore fora arrancado e jogado com fúria na lateral do telhadinho baixo, no cômodo da cozinha. Houve um barulho ensurdecador.

A raizeira correu para perto da amiga num arremedo de proteção. Encostou o seu corpo grande na amiga e ficaram quietas.

Outro raio riscou o céu.



Uma parte do telhado fora danificado.

Agora a água caía em abundância dentro da cozinha e rapidamente foi formando um grande lago no chão de terra. Em poucos minutos virou um lamaçal.

As amigas estavam inquietas. Não que tivessem medo de temporal. Viveram uma vida inteira naquele lugarejo e estavam acostumadas à voracidade com que as primeiras chuvas chegavam, após o longo período de estiagem.

Estavam se sentindo vulneráveis em relação aos danos que a chuva poderia causar na casa.

Outro galho batera com força próximo ao lugar que já fora atingido.

A raizeira puxou a amiga pelo braço, levando-a para o quarto. Voltou ligeiro e pegou uma das lamparinas.

Uma nova goteira caía forte bem ao lado do lugar onde estava a outra lamparina. Por pouco não apagou o seu pavio.

O quarto era espaçoso em comparação às casinhas do lugar.

Havia a grande cama, duas redes já prontas para uso. Outras seis dependuradas. Todas recebidas como paga por remédios, tratamentos de saúde ou serviço de parto.

Havia ainda, duas grandes arcas ao pé da parede. Uma só para os panos brancos usados em trabalho. Outra com as roupas da raizeira. Dois baús de trecos completavam a mobília.



Uma mesa comprida e estreita ladeava uma das paredes e sobre ela, toda sorte de vidros, frascos e garrafas estavam muito bem arranjados. Havia dúzias de potezinhos empilhados organizadamente. Dois grandes potes de comprimidos artesanais de cores e formatos variados estavam debaixo da mesa. Um embornal cheio de pequenos saquinhos costurados à mão contendo, folhas e raízes secas, estava dependurado sobre a mesa, num prego grande.

A amiga Nena nunca havia entrado naquele quarto depois que a raizeira ainda muito jovem fora morar ali sozinha. Nunca. Uma amizade de tantos anos e não conhecia o quarto da raizeira.

As visitas eram da cozinha para o terreiro. Era costume por aquelas paragens.

Não havia cochichos ou prosas demoradas nos quartos de dentro das casas.

As visitas descompromissadas já eram incommuns, quanto mais intimidades veladas.

As poucas reuniões que haviam por ali se davam nos terreiros, nos sombreados, nas cozinhas. E os motivos eram a necessidade de estar fora das suas casas ou para dar condolências a uma família enlutada, acompanhando um velório noite adentro, visitar um enfermo à beira da morte, acamado, fazer um trabalho ou vender ou trocar o fruto de seu trabalho em estações de pouca fartura. Vez ou outra o batizado de menino, quando a família tinha algumas posses.



Mais, não havia.

Conversas soltas em terreiros em dias santos não era costume.

Todos os dias eram dias de lida, de labuta.

Por toda a redondeza havia bocas famintas para serem alimentadas.

Havia praga de plantação e enfermidades frutos de fatalidade. Tudo era igual, sem ser rotina.

Outro trovão rasgou o céu. Já ia longe esse aguaceiro.

No quarto, a raizeira sentou a amiga na cama, que obedeceu qual autômato.

Ficou ali, imóvel, os pezinhos descansando no chão de terra, quase pendurados, devido a altura da cama. As mãos descarnadas descansavam no colo. Os olhos muito arregalados.

A raizeira, mais ágil e mais centrada, andava de um lado para outro quase correndo, lamparina na mão, a acudir uma ou outra ameaça.

Colocou três tachos pequenos nas novas goteiras que surgiram no telhado do quarto.

Correu a guardar umas latas de mantimento que estavam perto do lugar que ia alagando cada vez mais, por causa do acidente com o galho jogado pelo vento sobre a casa, na altura da cozinha. Colocou as pesadas latas sobre a rabeira do fogão, onde as goteiras não alcançavam.

No quarto, jogou uma grade lona que estava dobrada, empoeirada, debaixo da cama alta, sobre



os remédios e garrafadas na mesa comprida e estreita. Ainda não havia goteiras por ali, mas carecia cuidar logo, prevenir.

Outro raio.

Desta vez, quase ao pé da parede da despensinha abarrotada de coisas tão antigas que só de abrir a porta, seu olor de raízes ancestrais invadiam a casa.

A raizeira parou no meio do quarto, quase assustada com esse raio, tão ao pé de si e da amiga.

– Deita e descansa. Acho que agora vai minugar um pouco esse aguaceiro.

A amiga suspirou.

– Posso não. Tenho que voltar logo. Deixei coisas por fazer.

A raizeira ficou assustada com a pretensão da amiga de querer ir embora com um temporal daqueles.

Ficou um longo tempo olhando a amiga que já tinha tirado os pés gretados do chinelinho de couro e esfregava um no outro na tentativa de esquentá-los ou confortá-los, quiçá!

A amiga então a olhou nos olhos, naquela penumbra medonha. Os vultos de ambas a dançarem soltos no quartinho já úmido pelas goteiras.

Nena devolveu o olhar. Olhou nos olhos da raizeira e riu. Surpreendentemente, ela ria novamente com aquela expressão estranha de estar fora de si. E, como da outra vez, no início do temporal, não foi só com os olhos que ela riu, toda a sua cara



riu junto, e até os peitos doentinhos também, como fizera quando começou o aguaceiro, pareceram se agitar achando graça.

Teve medo novamente a raizeira. Não era dada a medos. Já se acostumara com dores da vida e com as dores da morte, pois tinha visto quase tudo que a vida tinha no bolso para maltratar os corpos sofridos das gentes simples daquele lugar.

Recobrou-se do medo.

Então se lembrou novamente dos casos de gente que convalescia de doenças perigosas e ficavam boas de repente, com aqueles exageros de bem-estar. Essa lembrança veio mais forte que a outra, da primeira vez. Quase sempre o enfermo ri-sinho morria. Era fato. Era fatalidade.

Sentiu novamente o mesmo medo a se instalar sorrateiro no seu estômago.

Desviou os olhos da figura da amiga sentadinha ali na cama com aquele olhar mortiço e o meio sorriso na carinha murcha.

Recobrou-se.

Precisava desdobrar aquela cena. Desconstruí-la e construí-la novamente ficando no controle daquele mau tempo.

Colocou então a lamparina sobre um tamborete de madeira em lugar seguro e seco e agachou-se ao pé da amiga.

Pegou com as suas duas mãos as duas canelinas finas e varicosas da amiga e suspendeu-as, colocando-as sobre a cama alta.



A amiga não ofereceu resistência.

Tudo era igual, exceto o meio sorriso que havia sumido da sua cara, dando lugar a um cansaço tão eterno que possivelmente brotara lá na sua longínqua infância, na fazendola ladeira abaixo, perto do boqueirão.

Filha de mãe doceira, a amiga da raizeira demonstrou, ali deitada, um cansaço possivelmente construído em fogões quentes e tachos fervilhantes de doce, que aprendeu a fazer e apurar, ainda menina.

– Você durma aqui hoje. Amanhã rompe cedo, que o aguaceiro já vai estar embebido na terra.

– Ordenou, mas de forma carinhosa, porém firme, a raizeira.

– Carece disso não. – Respondeu a amiga, deitada, meio hirta.

A raizeira suspirou fundo. A noite seria longa.

Pela manhã tomaria cuidados com a amiga.

Especularia das graças e risos achados nessa noite medonha de temporal.

Ficou em pé ainda um longo tempo, resignada.

Sentou na beirada da cama alta e olhou com as costas da mão se a amiga tinha febre. Estava normal.

Pegou o cobertor grande que estava dobrado dentro da rede pendurada ao canto, para cobrir a amiga.

Quando jogou o cobertor para cima, segurando nas duas extremidades, e este caiu sobre



o corpinho magro da amiga, a raizeira viu que ela ainda tinha a capanga, a tiracolo, no ombro.

Tirou-a. A amiga, de olhos mortiços, já quase fechados, não oferecera resistência, mais uma vez.

A raizeira foi dependurá-lo num prego grande da parede.

A chuvarada já se despedia.

O barulho das goteiras pela casa agora eram ouvidos com mais nitidez, não estavam mais abafados pelos trovões e pela violência da chuva que arrancou até galhos de árvores. Eram pingos de goteira espaçosos.

Amanhã teria muitos afazeres domésticos no terreiro para cuidar. Iria atrás de Ditinho Arrieiro para fazerem os consertos. O homem era trabalhador.

Ficou pensando por alguns momentos nos estragos que esse temporal provavelmente fizera ali nas redondezas. Havia muitas casinhas sem estrutura para resistir à violência daqueles ventos.

Ainda ficou ali algum tempo a olhar ao redor.

Havia consertos e encaminhamentos a serem feitos.

Sobreviveram.

Seus olhos pararam na capanguinha velha, triste naquele prego.

Parecia leve, só um pequeno volume ao fundo.

Teve um ímpeto de carinho enorme por aquela capanguinha, pelo esforço da amiga em vir visitá-la no dia dos seus anos. Tão doentinha do peito.



E veio sem falta.

Quase não suportou sentir todo o carinho que sentiu.

Teve uma necessidade vital de tocar naquela capanginha que estava, há pouco, agasalhadinha no ombro da amiga. Teve vontade de lavá-la. Cuidar da alcinha que estava tão puída, a ponto de arrebentar.

Tirou a capanginha do prego e abriu as suas duas alças. Espiou dentro. Havia somente um embrulhinho de papel de seda. Ficou curiosa. Papel de seda era coisa rara por ali. Ela conhecia. Já tinha os visto de várias cores. Era uma viajante. Era raizeira e parteira. Seus pés palmilhavam miséria e fatura. Conhecia papel de seda. Mas, provavelmente, quase todos os seus conhecidos dali nunca tinham sequer ouvido falar.

Ficou a matutar.

Como a velha Nena conseguira o papel de seda?

Abriu-o cuidadosamente. Deparou-se com meia dúzia de lencinhos bordados com as iniciais do seu nome LBE. As letras entrelaçadas.

Era o seu presente de passagem dos anos.

Sentiu lágrimas quentes a escorrerem pelos seus olhos.

Chorara tentando abafar o barulho e os suspiros.

Chorara e esta fora a primeira vez em que chorara tão convulsivamente desde sempre.

Chorou por todas as mazelas que conheceu e pelas que viria a conhecer.



Chorou por todos os anjinhos que aparou e que voaram imediatamente para o céu, deixando um par de mãos órfão e um par de peitos intumescidos de leite que nunca seria sugado.

Chorou por si.

Chorou.

Guardou com desvelos de idolatria os lençinhos no fundo da arca de panos brancos de trabalho e nunca mais os tirou dali.

Pendurou a capanguinha encardida no prego, vazia e leve e também com a alma vazia e leve deitou-se ao lado da amiga, puxando cuidadosamente, qual mãe amorosa uma pontinha do cobertor para si.

Adormeceu.

145

CAPÍTULO III





Sabia apreciar o gorjeio.

Não sabia elaborar as notas e ritmá-las na sua goela. Faltava-lhe a poesia, a rima, a arte.

E donde viria então esse cantarolar tão suave que evocava até meios sorrisos em sua cara sofrida? Não sabia a resposta, embora ficasse surpresa com a sonoridade que saía de sua boca. Ficou surpresa com a sua afinação musical.

A antiga melodia que falava em anjos e que-rubins saía entoada num lamento doce e ritmado.

Nunca cantara na vida.

Tampouco na morte.

Para isso tinha a velha carpideira ali nas redondezas. Sempre pronta a puxar da região abaixo do umbigo uma ladainha, um agouro, uma reza cantada, uma inselência.

Coitada da velha carpideira! Pensou a raizeira.

Em muitas negociações na hora de enterrar o defunto, não conseguia tirar nem o do arroz de todo dia.

Seu trabalho religioso, que requeria experiência e talento, muitas vezes era uma doação em vez de meio de sobrevivência.

Era sofrido o ofício de carpideira.

Sorte ela saber ainda as orações antigas de benção. Com elas, na falta de defuntos para prantejar, a carpideira ia tirando o seu parco sustento. Benzia que era uma beleza.



E no ponto em que a oração braba já não surtia mais o resultado esperado, a carpideira mandava um moleque à casa da raizeira, para ela entrar com um tratamento mais medicinal.

Trabalhando com raízes e trazendo crianças ao mundo, a velha raizeira e parteira foi se transformando numa das mulheres de mais autoridade e mais respeitadas daquelas bandas.

Sabia lidar com a vida como ninguém.

Seu ofício, discrepante do fazer da carpideira, trazia no bojo o princípio, o início, a possibilidade de um caminho a ser trilhado. Já o da sua companheira de lida trazia o fim, a exclusão de pés pisando sobre a boa terra batida da vida do sertão.

Constituíam-se, ambos, em fazeres artesanais, repassados por força de tradição das mulheres mais velhas da família para as mulheres maduras que, no enalço de construir um espaço de trabalho, dedicavam-se totalmente à arte de lidarem com a vida ou com a morte.

A parteira e a carpideira, na dualidade de suas labutas diárias, eram portadoras de bons ou maus presságios. Havendo uma criança trazida ao mundo através de um parto ocorrido a bom termo, lá estava a parteira sendo festejada e paga.

Porém, havendo um dia fatídico de enlutamento na casa de uma das famílias do lugarejo, logo acudia a carpideira, por meio de algum moleque encarregado de correr até a sua casinha escura, nas cercanias da última estrada, já perto da



estrada que levava à Campineira do Anu Preto, a levar a má notícia.

A chegada de qualquer uma das duas mulheres era sempre esperada com respeito e com generosas cuias de comida, sempre a melhor comida da casa, como uma antecipação ao pagamento do bom serviço que ali seria desempenhado.

No caso do parto, salvar a vida da mãe e da criança, e ainda, esperar o coto do umbigo cair, concessão que a parteira fazia quando as mães pariam o primeiro filho.

Já no velório, a carpideira, através do seu ofício, poderia abrir a porta do paraíso para a pobre alma que tinha acabado de deixar o corpo.

Seu canto e a sua ladainha arrebatavam daquele momento de dor qualquer sentimento de angústia ou de dúvida se a falecida ou o falecido esticado sobre a mesa, geralmente, da cozinha, iria ser salvo e redimido dos seus pecados.

A carpideira limpava o caminho do morto. Engolia, com a cantoria herdada de suas antepassadas, e as inselências que saíam de sua goela todo e qualquer pecado que restasse daquela existência frágil, de gente sofrida e simples do sertão.

A parteira, sendo o parto bem-sucedido, colocava a pequena criança na estrada sem volta, da labuta diária.

A carpideira aparava os excessos no final dessa estrada, quando o chão sumisse debaixo dos pés, e nada mais restasse para ser trilhado.



Trabalho duro das duas mulheres.

Trabalho duro.

Trabalho divino.

Trabalho com paga.

Trabalho sem paga.

A velha raizeira pensava nisso tudo quando a pequena desceu do seu colo e foi urinar no chão seco. A urina espumada entrando e sumindo nas gretadas da terra.

Era tempo de pensar em começar a ensinar o seu ofício para alguém. Aquela adoção despropositada viera a calhar na sua vida.

Vinda de uma família de mulheres raizeiras e de tarimbadas parteiras, já aparava crianças antes de completar 15 anos. Mas os ensinamentos que a levaram a tal proeza não vieram da sua mãe verdadeira, mas sim, da postiça, a negra Celestina.

Havia trilhado um caminho diferente das outras mulheres da sua família, pois ainda menina, sua mãe descobrira seu pequeno plantio escondido no matagal meio distante da sua casa.

Sem instrução ou ensinamento algum, quando menina, já sentia de forma estranha a textura, o cheiro, o gosto, a seiva das plantas.

Brincando no mato, pegava qualquer folhinha ou pedaço de pau, flor ou semente e passava suavemente a ponta dos seus dedos na sua textura. Experimentava a planta. E sabia que ali estava ou não uma planta com poder medicinal.



Quando a sua mãe descobrira o seu pequeno e bem-cuidado plantio, deu-lhe uma coça. Batia e ralhava que não podia brincar com plantas. Não podia mesmo. E dava-lhe um sermão.

Alegava que as plantas têm veneno. Gritava nervosa. Podia matar, se fossem mastigadas.

A pequena menina, incrédula, levava a coça sem verter uma lágrima sequer. Jamais colocaria na boca as plantas venenosas. Só as que podiam ser comidas, ela comia.

Conhecia cada planta.

Sabia quando matavam.

E no meio da coça ainda tentava explicar que só mastigava as que podiam ser mastigadas.

Mais coça ganhou pela explicação.

“Você tá bestando? E você sabe o que mata?”. A mãe estava aterrorizada olhando minuciosamente as plantinhas tão bem-cuidadas. Gritou que ali tinha mais veneno plantado do que planta que cura. Chamou-a moleca imprestável.

Começou a pisotear freneticamente o plantio. Quebrou todas as plantinhas. A menina olhando, não esboçara nenhum movimento que traduzisse o que a sua alma sentia.

Terminando de destruir tudo, a mãe pegou-lhe pela mãozinha suja de terra, com as unhas cheias de tufo de terra úmida, e levou-a para casa, proibindo-a de chegar perto de plantas outra vez.



E ainda ameaçou contar tudo ao pai da menina, para que ele lhe desse outra boa coça. A menina contava então com dez anos. Quando completara treze, a sua mãe apareceu com uma barriga a estufar-lhe as roupas pesadas e grossas.

A menina ficava observando sem entender o que estava acontecendo à mãe.

Sabia que ela também era a parteira do lugar, tanto quanto boa raizeira. Como já tinha treze anos e era a caçula de três irmãos, todos eles meninos, não julgava mais provável ver a sua mãe parir.

Nunca houvera um parto naquela casa.

Seu pai, já velho, a cabeça toda branca, parecia mais um avô distante.

A menina não se lembrava até aquela idade de ter ouvido o seu pai dirigir-lhe a palavra algum dia. Era calado. Era taciturno. Era recolhido e muito trabalhador.

Levara os seus irmãos mais velhos para a lida.

A menina era ocupação da sua mulher que passava o dia na casa cuidando das suas plantas, das suas raízes, das suas sementes.

Preparava todas as plantas, incluindo raízes e folhas, talos e seiva em unguentos, garrafadas, emplastos, gotas milagrosas, beberagens, licores, pomadas, xaropes, enfim, acondicionando tudo em vidros, frascos e garrafas, e ainda, em potes, saquinhos, embornal.

Era uma família até abastada para o lugar, pois toda essa botica artesanal era levada por onde



houvesse um doente, estendendo-se até à cidade, quando alguém precisava e mandava buscar.

E ainda tinha o sagrado ofício de parteira.

A mãe de Leonilda era a única do lugar.

Havia outra mulher que também se dizia parteira. A negra Celestina, que por essa época contava uns trinta anos. Mas a mãe da menina sequer aceitava que se falasse esse nome na sua casa.

Xingava-a pelas costas de imunda, assassina de anjinhos. Dizia dela, imprecações.

Ela, a mãe, era a parteira oficial do lugar. Qualquer arremedo desse ofício que houvesse por ali eram vulgaridades que deviam ser combatidas.

Era competente. Era experiente. Era bem paga. Trouxera ao mundo até filhos de autoridades da cidade, contava sempre. Quando perguntada da paga, nesses casos, nunca revelava. Especulavam por ali que a parteira tinha até ouro guardado em casa.

A velha raizeira e parteira já estava novamente com a menina amorenada, a orfãzinha Ana, no colo, e deixou a sua mente vagar pelo passado, e pela primeira vez, se permitiu pensar naquele dia medonho de temporal, raios e trovões, em que estava sozinha em casa com a sua mãe. A barriga da gravidez já estava muito adiantada. E a obesidade que a sua mãe revelara naqueles últimos meses era tão medonha quanto o temporal violento e vingativo lá fora.

O seu pai e os três irmãos estavam na lida.



O parto era esperado somente para meados de fevereiro, dali a dois meses ainda.

A menina, já mocinha com treze anos era a encarregada de chamar o pai na lida se a mãe precisasse alguma coisa.

O combinado naqueles dias de véspera de parto era que se fosse caso de muita urgência, o pai poderia até mandar a menina buscar a negra Celestina, perto dali, que também sabia fazer parto, sem ter o ofício de parteira. Já fizera muitos em casas de gente paupérrima na cidade. Contava-se em boca pequena que metade fora mal-sucedido, tendo as mulheres sangrado até morrer.

A mãe, sempre que o pai da menina Leonilda fazia alusão à essa possibilidade, falava que isso ela não aceitaria. Não gostava da negra má afamada nas casas de família daquele lugarejo.

Num dia de dezembro, um dia muito mofado, úmido e molhado de chuva, a menina ouvira a mãe falar para o pai que preferia morrer a deixar aquela negra açougueira colocar as mãos nela.

Era o que havia.

Por esse tempo já amava a sua mãezinha pos-tiça, a negra Celestina.

Às vezes, a menina ouvia a mãe conversando à noite com o pai, fazendo planos. Diziam que quando faltasse uma semana para o parto iriam todos para a cidade. Tinham posses. Poucas, mas tinham. Lá ficariam na casa grande de pensão. A mulher seria cuidada pelo doutor da cidade. Homem estudado.



A notícia do trabalho desse doutor já tinha chegado ao povoado. Nenhuma mulher dali tinha trazido criança ao mundo de forma diferente que não fosse pelas mãos de parteira.

O doutor era comprador dos remédios da grávida. Afamada nas redondezas, como boa raizeira e boa parteira, sempre entregava um embornal grande ao caixeiro viajante que trazia a encomenda do doutor.

Quando perguntada da paga desses remédios todos, levados em sacada para a cidade, nada revelava. E a especulação se a parteira tinha mesmo ouro guardado em casa, aumentava a cada dia e perpetuava-se no tempo.

Reminiscências.

Perdidas reminiscências.

A velha raizeira e também parteira pausou a enxurrada de lembranças. Continuou a cantarolar para a menina, ali quietinha no seu colo farto.

Não resistiu, por muito tempo, à sedução de se entregar às reminiscências.

Deixou a sua mente aprofundar mais ainda recordações porta adentro.

Os pensamentos afloraram, agradecidos pela oportunidade de visitarem a superfície.

No fundo da sua mente a velha Leonilda viu o enquadre da sua mãe, com aquela barriga enorme, quase bestial, em pé no meio da cozinha, no momento em que um raio caiu tão perto que a casa tremeu.



Era o final do mês de dezembro. Dias de temporais medonhos.

A mãe estava pálida segurando na alça da cadeira.

A menina Leonilda, mocinha, desceu os olhos e viu a saia pesada da sua mãe encharcar-se de sangue e água.

Ficaram petrificadas, ambas.

A mãe abriu a boca para falar alguma coisa à menina.

Não falou nada.

Saiu da sua boca um esgar retorcido de dor.

O sangue empapou mais ainda a saia.

A menina correu para a mãe. Esta cambaleou. Tentou segurar firmemente na alça da cadeira.

A menina já estava ao pé de si, juntando e levantando na altura das canelas as pesadas saias cheias de sangue. O plano era tentar levá-la para a cama.

A mãe colocou mais força na alça da cadeira.

A menina começou a tirá-la do lugar. A cadeira cedeu e virou. A mãe ficou de borco sobre a mesa. A menina entendeu que não conseguiria tirar a mãe dali. A mãe estava muito obesa com a gravidez. A menina era franzina, ainda não tinha encorpado direito.

Pensou rápida a herdeira do ofício de parteira. Terminou de ajudar a mãe a se deitar sobre a



mesa, pois metade do seu corpo já estava ali meio de borco.

Virou-a deixando a grande barriga para cima.

Deitada, pareceu mais imensa ainda.

Levantou as suas saias sujas de sangue. A hemorragia era intensa. E foi aumentado, aumentando, aumentando. A mãe apertava a sua mãozinha trêmula e tentava falar alguma coisa.

Saía entrecortada a fala.

“Ba-ba-bacia”. Gaguejou, num tom muito baixo. Quase um sussurro de agonia.

A menina parecia não entender.

Outro raio cortou o céu.

A mocinha Leonilda saiu do torpor.

Pegou um tacho de cobre que estava pendurado sobre o fogão, ali mesmo na cozinha. Despejou toda a água de beber do pote grande, no tacho. Ficou pela metade. Colocou o tacho sobre uma cadeira. Correu no quarto. Abriu, pela primeira vez, a arca proibida. A mesma que agora, na sua velhice, ocupava uma das paredes do quarto. Dentro da arca havia pilhas de panos brancos dobrados. Pegou uma grande pilha.

À beira da mesa foi molhando panos e colocando na testa da sua mãe. Nunca vira ninguém fazer isso. Instinto.

A mãe chorava baixinho. Retorcia de dor nas tentativas de falar.



Tentava gesticular mas, em vão, deixava os braços flácidos caírem ao lado do corpo.

A hemorragia aumentando.

“Pega a ...”. Pausa longa, com gemidos de dor. Completou com dificuldade a palavra tesourinha.

Dessa feita a menina entendeu.

A menina correu a pegar a tesourinha.

Agachada junto à arca no quarto percebera que estava calma.

Estranhamente calma.

Não foi difícil achar todos os objetos necessários ao parto.

Dentro da arca havia um grande vidro com tesouras, pinças, agulhas e pequenas facas.

A menina levou o vidro para a sala e o colocou sobre outra cadeira.

A mãe começou a ofegar cada vez mais rápido.

A respiração muito acelerada era entrecortada por tentativas frustradas de falar.

A menina teve a impressão de que o que a mãe queria lhe falar era vital.

As contrações aumentaram.

O sangue agora jorrava aos borbotões e escorria pela mesa.

A menina ficou a olhar um fio grosso de espesso sangue que descera pela perna da mesa, indo alojar-se numa poça minúscula no chão batido.



A mãe, após um ronco de dor apavorante, ficou pálida e inerte.

Desmaiara.

A menina tomara-a por morta.

Olhou no meio das pernas inchadas da mãe.

Havia tanto sangue que ela não soube precisar se a criança nascera ou não.

A menina foi saindo lentamente de perto da mesa, andando de costas, a mão na boca, os olhos fixos no meio das pernas da mãe.

Deu um urro pavoroso e saiu pela porta da cozinha a correr na chuva, machucando os pés descalços no chão rústico e alagado do caminho.

Sua roupinha colava no corpo magro, encharcada de água.

Os pingos fortes machucavam o seu rosto assombrado.

Trovões assustadores balançavam o céu e raios pareciam cair em cada lado seu a todo o momento.

Corria e gritava.

Estava cega.

Estava apavorada.

Correu na chuva.

Desafiou o temporal.

Avistou o velho rancho no meio do mato, onde



o seu pai guardava os materiais de lida. Chegou à porta. Empurrou-a e entrou tresloucada, encharcada e vulnerável. O pai deu um salto. Os três irmãos também. Não houve diálogo. Não houve explicação. Não houve motivo. Saíram todos os homens, em carreira desabalada.

A menina ficou só no rancho velho.

Foi se agachando até ficar encolhidinha no chão.

O frio provocado pelas roupas encharcadas machucava o seu corpo.

Ali chorou.

Ali prostrou.

Ali dormiu.

A noite chegou com os últimos pingos de chuva a molhar a terra.

Era uma noite fria. Vento cortante. Noite escura.

A menina dormiu só. Sem medo. Sem mãe.

Quando chegou ao terreiro da sua casa no outro dia, o velório da sua mãe já ia adiantado.

Havia somente um caixão grande sobre a mesa da sala onde, na tarde anterior, sua mãe deitara para parir, em agonia.

A menina chegou ao terreiro.

Um dos seus irmãos olhou para ela e cuspiu para o lado.

Todos pareciam olhar-lhe sem piedade, com indiferença.



Lá do terreiro ouviu a voz da neta da carpideira, fazendo coro com a avó, na cantoria de uma inselência arrastada.

Por essa época a menina Leonilda não era chegada à neta da velha carpideira. A moça já estava feita. Mulher pronta. Leonilda e ela não tinham intimidades. Havia dez anos de diferença.

A menina ficou parada à porta. Ninguém lhe dirigiu a palavra.

Quase não percebeu o toque sutil da mão da sua amiga tão cara, a filha da doceira, na sua.

Apertou a mão da amiga, na cumplicidade da primeira amizade.

No momento seguinte, vulnerável, começou a chorar.

O pai levantou os olhos do caixão, olhou-a. Os olhos do pai estavam desvairados. O estômago vazio da menina embrulhou. Havia dormido no rancho de trabalho, sem comer, sem beber, desde a tarde do dia anterior, quando vira a mãe esvair-se em sangue na mesa da cozinha. A mesma mesa que agora estava quase toda ocupada com o grande caixão escuro.

Vomitou ali mesmo, nos pés da sua amiga magricela, a moça Nena.

Quando levantou o corpo, com a boca suja do líquido grosso e amarelado, a amiga cochichou-lhe alguma coisa ao ouvido.

Ficou petrificada.



Olhou para a amiga e havia um medo secular em seus olhos.

Passou, em passos rápidos, no meio do povaréu.

A ladainha já estava na última estrofe.

A menina ladeou toda a mesa.

Não tocara no caixão.

Não olhara a defunta.

Entrou no quartinho pequeno e abafado, abarrotado de sacarias, onde dormia.

Levantou o vestido imundo e olhou para as pernas. Estavam manchadas de sangue. Abaixou a roupa de baixo. A borra preta no fundo parecia ser suficiente para encher uma colher.

Não entendera o comentário da filha da doceira quando esta a mandou se esconder e se lavar. A coisa ruim de sangue chegara. Isso foi falado num cochicho.

Sabia que era grave, mas não sabia o que era aquilo nas suas coxas.

Havia uma pontinha de dor bem no pé da sua barriga.

Levantou o colchãozinho velho, de palha. Havia uma capanguinha com a boca costurada cheia de pequenos quadros de pano branco dobrado dentro. A sua mãe lhe dera essa capanga havia um ano mandando que escondesse, para usar quando precisasse. Só quando sangrasses, explicou brevemente a mãe.



A menina escondeu debaixo do colchão.

Não entendera na época o que a mãe quis dizer. E agora, estava ali, de pé, olhando para a pilha de paninhos dobrados. Tirou o vestido e o trocou pelo vestido dos dias santos. Era um vestido de saia rodada, amarelinho, muito comprido, com as mangas fofas de veludo preto. Trocou a roupa de baixo, colocando antes um bolo de paninho branco no fundo. Saiu para o velório.

Tomou o lugar que achou adequado à filha da defunta.

Ficara em pé, solene, ao lado do pai.

“Para que esse vestido de festa?” O pai rosnou por entre dentes.

Leonilda apavorou-se e disse ser para nada não.

O pai mandou-a que respeitasse a mãe.

A menina foi para o quarto.

Voltou com a velha roupa do seu irmão, o mais novo dos três irmãos homens.

Há muito tempo as roupas do caçula ficaram perdidas, pelo estirão e pelo ganho de peso que ele teve nos últimos dois anos.

A menina ficara com as roupas.

Ficou em pé, novamente ao lado do pai, vestida de hominho.

Este a olhou e soltou numa voz rouca a acusação de que ela deixara a mãe morrer. Os seus olhos estavam esbugalhados. Os cabelos já ralos



pela idade estavam sebosos pregados na cabeça. Estava mais curvo ainda.

“Deixei não senhor. Caiu um raio. Ela sangrou”. Foi acusada de “pequena mentirosa”.

Essa foi toda a conversa.

O silêncio no velório era cortante. Até a carpideira com a sua neta abaixara o tom da cantoria de inselências para ouvir a conversa do pai com a menina.

O velho tinha fama, ali na redondeza, de ser truculento.

Era trabalhador, mas áspero como o pedregulho da rocha escura que tinha no caminho para o poente.

Até os moleques que vinham chamar a sua finada mulher para fazer algum parto de urgência ali perto tinham medo de chegar até a porta da casa, ficando a chamar a mulher, lá do terreiro, perto da estrada, com medo da brabeza do velho.

Diante da acusação do pai, a menina encolheu mais ainda dentro da roupa de menino. Sentiu uma mão forte sobre o seu ombro.

Não conheceu e imediato aquele peso.

Ficou parada, cabeça baixa, encolhida.

Durante muito tempo aquela mão repousou no seu ombro.

Teve a impressão que se fosse cair por cansaço ou por medo, aquela mão pesada a seguraria.



Dois de seus irmãos, recolhidos na dor e confusão causada pela orfandade repentina, não consolavam uns aos outros. Cada um foi elaborando a morte prematura da mãe da forma que melhor lhe aprouvesse.

O mais velho saíra cedo para a lida, como se nada houvesse ocorrido naquela casa.

A menina, quando acordou no chão do rancho velho, ouviu o som do machado machucando a madeira com urgência e violência.

Até pensou ser o pai e só soube que era o irmão mais velho quando chegou ao velório na sua casa e viu o pai em pé à beira da mesa e os outros dois irmãos por ali. Um no tamborete na beira da mesa, recolhido, e o outro, o caçula dos três de cócoras no terreiro pitando um fumo. Este tinha dezesseis anos. Os outros, na sequência, tinham dezoito e vinte e um. A sua mãe, nessa data contava trinta e oito. Era uma gravidez tardia. Seu pai, já quase idoso, contava setenta.

A mão no seu ombro apertou mais um pouco e quando a voz cochichou no seu ouvido vira que era a sua mãe tão cara, a sua mãezinha postiça, a negra Celestina, parteira de pouca fama, mas que abria para a menina a porta da sua casinha escura e pobre, nas cercanias da última estrada, já perto da cidade.

E ali a menina fora feliz.

A menina nunca sentira incômodo em saber que a negra dividia com a sua mãe o mesmo ofício de parteira.



Não sentia pela negra nenhum laivo de rancor ou menosprezo pelo seu trabalho mal afamado. Ao contrário, amava-a e admirava-a.

Conhecera a negra certa feita quando voltavam da cidade, a menina, o pai, a mãe e o irmão mais velho foram alcançados pela negra, que vinha com pés lépidos, trazendo uma mala de mão.

Certamente estava a ajudar alguma mulher paupérrima a parir.

A menina caminhava mais atrás da família, de modo que primeiro a negra Celestina emparelhou com ela.

Puxou assunto sobre o calor e o abafado daqueles dias de agosto.

A menina gostou da simplicidade e da feiúra encardida da negra, que tinha a cara gorda manchada por sinais de bexiga.

Por essa época, a menina já tinha o plantio escondido no matagal perto da sua casa.

Brincava ali sozinha, no seu canteirinho, que era a raizeira mais bem afamada do lugar.

A negra explicava que o tempo quente havia estragado a sua plantação de coentro e queimado as folhas do seu melhor algodoeiro.

A menina tinha no seu plantio escondido muitas mudas de bons pezinhos de algodão. Isso foi há mais ou menos um ano antes de a sua mãe destruir o seu canteirinho.



Abriu a boca para falar para a negra que levaria uma mudinha para ela. Quando começou a falar “Vou levar...”, não terminou a frase. Ouviu, no ar, a voz cortante e incisiva de sua mãe mandando-a andar depressa, que fosse caminhando logo para casa.

A menina deu uma leve corrida, emparelhando com a mãe.

A negra ficou para trás, uns dez metros.

Essa distância foi aumentando cada vez mais, pois a negra deu uma parada, colocando a maleta no chão. Entrou no mato, à beira da estrada. Daí a pouco retomou a caminhada.

A família já ia longe.

A mãe ralhava com a menina, dando-lhe pequenos safanões.

Reprendia-a pela novidade em querer ficar de prostrar com a negra Celestina. A menina não entendia os safanões. Dizia não ter conversa nenhuma. Só que queria ouvir o trem que a negra falara.

A mãe não queria saber de trem nenhum. Que a menina parasse de conversar com a mulher mal afamada.

Leonilda insistiu em defender a negra, falando do trabalho que ela estava a fazer na cidade, ajudando uma parideira.

A mãe ficou muito vermelha e mandou a menina calar sua boca suja. Já estava ficando suja igual à negra Celestina.



Caminharam em silêncio um pedaço de chão.

A negra, longe, vinha sozinha com sua maleta, muito atrás da família bem situada.

Começou a assoviar uma valsinha. Tinha um bom assovio. O som encorpado igual ao de um homem.

O som quente do assovio da negra chegou aos ouvidos da mãe. Esta ficou furiosa: “Sei muito bem o que ela estava fazendo na cidade!”, falou a mãe, entre dentes, raivosa.

A menina ficou curiosa.

Além de ajudar nos partos difíceis, preparar remédios, o que mais sabia a negra Celestina fazer?

Ficou calada.

A ira repentina da mãe não permitia a verbalização de nenhuma palavra.

O pai, truculento e taciturno ouvia tudo calado.

O irmão mais velho, pitando um cigarro, nada esboçava.

A mãe estava, de repente, muito irada. Seu queixo largo, apertado pela tira que prendia o chapéu de sol, estava vermelho e quase intumescido.

Havia uma pinta protuberante no queixo da mãe. Com a fita a apertar-lhe o queixo, a pinta parecia mais saltada ainda. Três fios grossos de cabelo preto saíam do meio da pinta. Uma gota pastosa de suor estava a encharcar a pinta.

A menina estava desconfortável. Ainda olhou para trás uma única vez.



O pai perguntou ríspido se ela perdera alguma coisa, ao que foi respondido que não, não perdera.

Não houve mais diálogos.

No outro dia, a mãe mandou a menina ir ao rancho da lida levar uns nacos de rapadura para o pai e os três irmãos.

Era a hora da soalheira morna do meio da manhã.

A menina sabia que a mãe conhecia cada centímetro daquele caminho e sabia quanto tempo as suas perninhas finas da menina levariam para ir e voltar.

Às vezes, a menina ficava lá pelos arredores do rancho brincando com o cachorro ou armando arapucas para passarinhos.

A mãe aceitava esses folguedos. Vez ou outra os proibia, sem motivo ou explicação.

A menina Leonilda não titubeou, pegou o embornal com os nacos de rapadura e saiu caminhando como sempre fazia.

Quando saiu das vistas da mãe, que ficara na porta da cozinha, começou uma carreira desabalada. Ganhou com isso, um valioso tempo.

Entregou o agrado do embornal para o irmão caçula que estava no rancho consertando uma feramenta.

Perguntou pelo pai.

O irmão respondera que ele estava nas redondezas, perto da cidade.



Leonilda, arguta, perguntou se a mãe sabia daquela saída.

O irmão defendeu a ausência do pai, que era coisa de urgência. Foi emprestar uma ferramenta com um homem lá daquelas bandas.

Era inusitada aquela especulação toda. Leonilda ainda quis saber se o pai demoraria.

O caçula apoquentou com o enjôo da irmã, mandando-a romper dali. Que saísse logo. Não perturbasse. Não tinha nada com o trabalho dos homens. Ficou impaciente.

A menina não perdeu tempo.

Correu numa clareira ali perto e pegou a arapuca.

Pegou ainda umas mudinhas de algodão do seu pequeno plantio de plantas boas para a cura.

Partiu correndo.

Não, ela não voltara para casa.

Pegara a estradinha que levava à cidade, e que passava pela casa da negra Celestina.

Saiu do rancho de trabalho decidida. Porém, no caminho, o medo foi crescendo. No fundo, sentia que o risco era grande, sabendo que o seu pai não estava na lida. Estava sim, como ela, por aquelas bandas.

Ainda com medo, chegou rápido à casa da negra.

Deixou a arapuca ao pé do antigo carvalho quase no quintal da casinha escura de Celestina.



As mudinhas de planta dentro da arapuca.

A casinha estava toda fechada, embora fosse ainda o meio da manhã.

A menina foi se aproximando devagar, achando esquisito, aquele paradão.

Parou um minuto. Ficou a cismar se a negra estava em viagem a Campineira do Anu Preto fazendo o seu ofício de pouco reconhecimento e mal aclamado, de parteira.

Sabia que a negra era barulhenta e dada a cantorias de modinhas que aprendia com o caixeiro viajante.

Já havia escutado ela cantar pelos trilheiros e estradinhas daquele sertão.

Era afinada, a negra.

Tinha uma voz meio rouca que evocava coisas proibidas.

A menina não sabia o quê. Sentia a sensualidade na voz da negra.

Já no terreirinho sujo da casa da negra, a menina viu que tinha afazeres começados. Cuias sujas estavam empilhadas perto da gamela d'água onde a negra lavara os trem de cozinha. O sabão parecia estar úmido como se usado há pouco. Tinha uma panela preta pequena ensaboada em cima da tábua sebosa onde a gamela estava.

Tudo muito estranho.

Panela com a lavação pelas metades. A bola de sabão de soda, molhado.



A menina ficou por ali um tempinho, matutando.

Depois rodeou toda a casinha.

Teve a impressão de ter ouvido sons dentro.

Apurou o ouvido à janelinha pequena, cerrada, do lado da casa onde parecia ter um quartinho.

Era o lado do nascente.

Ouviu nitidamente o ruído.

Era um som desconhecido para a menina. No entanto, havia uma familiaridade naqueles sons.

Por essa época ela tinha uns nove, quase dez anos.

Ela não suportou ficar ali em pé, tremendo, a ouvir aqueles sons que a confundiam tanto.

Eram estranhos.

Eram familiares.

Eram conhecidos.

Eram desconhecidos.

Eram bons de ouvir. Mas ao mesmo tempo, carregavam uma nota de desespero, embora o desespero não carregasse dor. E isso confundia Leonilda.

Parecia alguém gemendo de dor, sem ter machucadura.

E parecia também haver uma nota de comemoração no meio do gemido de dor, como se, num crescendo, a pessoa estivesse ao mesmo tempo gritando de felicidade e gemendo com um sofrimento que não era conhecido nesse mundo.



As pernas da menina estavam bambas.

O suor escorria pelo seu rosto.

As suas mãos estavam crispadas uma na outra.

O som foi diminuindo, diminuindo, diminuindo até morrer completamente numa goela saciada. Parecia aquele momento em que, sufocada pela sede, a boca se nutria pela água gelada de um regato.

A menina foi relaxando aos poucos.

Outros sons começaram. Agora pareciam cochichos, pés se arrastando, riso abafado.

Ouviu ainda, o barulho da água sendo despejada numa bacia.

Uma tosse e um pigarro.

A negra não estava só.

De alguma forma, aqueles sons tão desconhecidos, estavam remotamente guardados dentro de si.

Era confuso.

Os passos aumentaram dentro da casa.

A menina sabia que precisava sair dali.

Olhou para os lados, não sabia para onde correr.

E também não havia mais tempo para correr.

Deu uma dúzia de passos e já estava na tábua sebosa da gamela de lavar vasilhas.

Ouviu a tramela da porta da cozinha girando.



Pegou a panela preta e ficou ali esfregando
com força a sua sujeira, num arremedo de lavação.

A porta fora aberta.

A menina mergulhara a panela preta na gamela.

O seu pai saía para o terreiro.

175

CAPÍTULO IV





Era arredondado e avantajado, porém, leve.

Tinha requebros de satisfação.

Seu vestido velho e puído, da cor de açafão estava desabotoado nos peitos. Dava-se para ver os mamilos enegrecidos e rijos.

A menina achou todo o recorte bonito.

A negra ria muito.

O pai foi descendo para a estrada. Passou pelo grande carvalho. Não olhou para trás uma única vez.

A negra chamou a menina: “Vem cá franguinha!”.

A menina largou a panela e foi andando de cabeça baixa.

A negra entrou na casa. A menina entrou atrás.

Dentro, era muito suja, muito diferente da sua.

A negra foi para o quartinho.

A caminha pequena estava desalinhada.

Havia muitos trapos sujos em cima da cama.

Tinha um urinol encardido a um canto, estava cheio, pela boca, e fedia.

Em cima da cama, a menina viu a bacia d’água.

A negra abriu a janela e um ar fresco e limpo varreu o quarto.

Jogou a água da bacia no terreiro, pela abertura da janela.

Fez isso com tanta leveza que parecia uma cena coreografada.



A menina achou bonito ver a água voando no ar.

A negra colocou a bacia debaixo da cama. Ainda agachada, pegou o urinol pela alça. Era esmaltado de branco, com grandes tampos do esmalte arrancados. Pediu que a menina fosse esvaziá-lo ao fundo.

A menina obedeceu.

A negra ainda gritou que fosse bem ao fundo porque mijo de homem velho fedia muito. Riu alto.

A menina voltou. Antes, deixara o penico debaixo do jirau das vasilhas.

A negra enfiou a mão no bolsinho da frente do vestido.

Tirou um cordãozinho fino.

Era ouro.

Balançou a jóia, rindo muito, na frente da menina.

Ria e balançava o cordão.

A menina imóvel.

Os olhos arregalados.

Onde a negra arrumara aquele cordão de ouro?

Ela não tinha posses.

Dizia-se que era uma das pessoas mais miseráveis e desmazeladas do lugar, embora estivesse sempre disposta e bem nutrida.

Isso a menina podia conferir agora, vendo aquele corpo negro voluptuoso a requebrar na sua frente.



Achou bonita a negra, apesar da cara marcada por bexigas.

O cordão foi cuidadosamente colocado dentro de um potinho de cerâmica trincado. O pote, guardado dentro de um caldeirão preto, cheio de tralhas, no canto do quarto.

Voltou-se a negra para a menina, dizendo-lhe que dali em diante ela seria a sua filhinha. Dela e do pai, o bode velho. O vestido ainda meio desarranjado deixava ver ainda mais o mamilo escuro.

Ficou a suspirar que sempre quisera ter uma bebezinha, uma boneca, mas o velho pai de Leonilda não deixava. Já havia deitado fora, quatro. E eram todas anjinhas.

A menina não entendia. Ele teve filhos ou não teve?

A negra, magoada, dizia que filho para o velho só os três meninos homens. Leonilda não contava. A negra saiu para a cozinha e enfiou o caneco no pode de água. Bebeu sedenta.

A menina espiava, atrás da negra que ainda provocou-a dizendo que o velho mal sabia falar o nome dela. Era uma acusação. Era futrica.

Logo, abrandou a raiva e a voz rouca ficou quase risonha. Afirmou que daquela hora em diante, Leonilda seria a sua filhinha. Sua e dele. Quis saber se a menina a chamaria de mamãe?

A menina balançou a cabeça afirmativamente. Estava fascinada pela situação.



Olhou os mamilos escuros mais uma vez, com olhos compridos. A negra notou, puxou o vestido, gracejando que não daria de mamar a ela. Já era uma franguinha. Ria muito.

A menina ficou mais fascinada ainda.

Era tudo tão leve, diferente, novo.

Palavras tão diferentes. Proibidas e boas de ouvir.

Celestina a mandou ir embora. Dali a pouco a sua mãe sairia a procurá-la. E que ficasse de bico calado. A negra não queria confusão.

A menina passou pela porta da cozinha e saiu para o terreiro.

A negra perguntou amorosamente se ela viria vê-la no dia seguinte, agora que era sua mãezinha. “Venho sim senhora, mamãe”. Estava quase emocionada, Leonilda.

A negra deu uma risada alta e jogou a cabeça para trás.

Foi deitar-se na rede para dormir um pouco.

O bode velho tinha deixado-a exausta, apesar da idade dele e da mocidade dela.

A negra por essa época não tinha mais do que trinta e poucos anos.

A menina, em disparada, ainda pegou a arapuca e as mudinhas de planta no caminho.

Chegou ligeiro em casa.

A mãe ralhou-lhe que ficou enrolando com as brincadeiras bobas de arapuca e não voltou logo para casa.



Leonilda amou-se. Não havia demorado tanto.

Reminiscências.

Tantos anos haviam passado! Pensou a raizeira. Mais de quarenta, decerto.

Cheia de nostalgia, a velha raizeira colocou a menina Ana no chão e foi mexer em panelas na cozinha. Ainda pensou mais um pouco na velha estória da sua meninice e da sua antiga mãe postiça, a negra Celestina.

Como amou essa mãe.

Com ela a menina aprendeu tudo. O bem e o mal. O feio e o bonito. O amor e o ódio. A esperança e a desesperança. A vida e a morte. A doença e a cura.

Quase todos os dias ia à casa da negra.

Sempre inventava uma desculpa.

Dava um jeito.

O pai, que sempre a ignorara, continuou ignorando-a mais ainda, ao mesmo tempo que compactuava com a rotina dessa nova família fabricada pela negra Celestina. Pai, mãe e filhinha.

Sempre pedia à mulher quando saía para a lida com os três filhos que mandasse mais tarde pela menina alguma coisa ao rancho.

Uma ferramenta, que deixava para trás para a mulher lavar, arear, amolar.

Outras vezes, pedia uma rapadura, uma compota. Um naco de carne de sol. Uma farofa.



Chegou mesmo a construir para a menina uma nova arapuca, maior e mais resistente, para que ela fosse armar no mato, tendo motivos para sair de casa.

Nesse dia, em que o pai dera a arapuca à menina, à noitinha, no terreiro quando chegou do rancho de trabalho, a sua mulher, de tão surpresa ficara horas olhando para a menina, sem entender. A cismar.

Olhou-a durante todo o tempo em que comeram.

Olhou-a no resto do anoitecer.

Olhou-a duplamente, quando os movimentos da menina faziam sombra pela casa, nas paredes, depois de acesas as lamparinas e o lampião.

Aquele olhar da mãe parecia traspassar-lhe a alma. Mas a menina não intimidaria. Estava acobertada pelo pai.

A velha raizeira foi despertada das suas reminiscências pela voz doce da amorenada Ana, a orfãzinha. Queria comer.

Ela olhou docemente a menina. Seus mamilos chegaram a doer de tanta maternidade.

Ela agora tinha uma família. Era a provedora. Não deixaria que nada faltasse à menina Ana.

No fundo da sua alma, a velha parteira Leonilda sabia que trouxera a menina para casa por um só motivo. A pequena era filha de uma mulher mal afamada. Uma mulher que, assim, como a sua mãezinha postiça Celestina, fora vítima da rudeza dos homens. Saber da estória da moça bonita, mãe



da menina Ana só despertou na raizeira Leonilda a simpatia que sentira pela negra quando desvendou todo o segredo do verdadeiro ofício que a negra exercia para os homens pobres daquele sertão, e também, para os de Campineira do Anu Preto, e mais além ainda, da cidade.

O seu pensamento vagueou mais uma vez por aquele dia longínquo na porta da cozinha da casa da finada negra Celestina.

Sentiu na boca o gosto do diálogo quando a negra pediu-lhe que viesse no outro dia ver a sua “mamãe”. A velha raizeira havia respondido com uma emoção nova crescendo dentro de si: “Venho sim senhora, mamãe.” O som da risada alta da negra ecoou dentro de sua cabeça e ela teve uma ideia.

Experimentou perguntar à Ana se ela queria comer no colo da mamãe. Tateou no escuro.

A menina queria sim. E a afirmação veio acompanhada com um doce “mamãe”. A criança entrava no jogo como se houvesse estado até aquele momento espiando de dentro da cabeça da raizeira, as lembranças perdidas.

A raizeira sentiu lágrimas aflorarem-se aos olhos. A mesma resposta, a mesma emoção, a mesma cumplicidade de quase cinquenta anos atrás.

Pegou a menininha órfã pela mão e foi sentá-la no rabo do fogão, sem perigo do fogo.

Ficou a mexer a panela.

Provou nas costas das mãos. Era um angu salgado. Estava apimentado. Ficou preocupada se a



menininha iria gostar ou não. A raizeira era dada a muitos condimentos. Temperos fortes, conservas, diversos concentrados que ela mesma fazia.

Pegou a mãozinha muito pequenininha da menina e virou com a palma para baixo. Assoprou a colher de pau e encostou a ponta suavemente nas costas da mãozinha. Instintivamente, a menina lambeu. Fez cara boa. Estava com fome. Aprovava a pimenta e os condimentos.

Merendaram.

A menina trepada no rabo do fogão comeu com a cuia pequena no colo. A raizeira no tamborete alto estava muito acomodada, tendo a menina Ana ao alcance da sua mão.

Após a merenda, organizou a pequena cozinha.

Pegou uns trapos grandes pendurados detrás da porta. Abriu-os e olhou bem. Cheirou-os. Abanou-os. Diversas traças secas caíram ao chão. Ao cabo de alguns segundos, pendurou novamente os trapos.

Entrou no quarto e foi se agachar ao lado de uma das arcas. Abriu-a e mexeu cuidadosamente nas coisas dobradas dentro. Pegou um atoalhado felpudo. Cheirou-o. Cheirava bem. Cheirava à essência, à fragrância desconhecida por aquelas paragens. Comprava, às vezes, tais essências do caixeiro viajante.

Levantou-se, fechou a arca. Abriu um potezinho e pegou uma bolinha de sabão, também nunca usada. Estava enrolada em um papel de seda, guardado para os dias santos.



Pegou a pequenina órfã pela mão e desceram para o rio.

Era o mesmo velho açude em que a filha da Lavadeira Quintina na data em que contaria dez anos, morrera afogada. Todos ali sabiam a estória da morte da menina, que estava banhando no rio enquanto a sua mãe cochilava esperando a secagem da roupa estendida sobre as pedras. A mocinha batera a cabeça, sumira no rio. O corpinho ficara desaparecido, sendo achado depois, já meio comido por bichos, pelo Ditinho Arrieiro.

Naquela hora seria comum encontrar a lavadeira por ali. Ela continuava o seu ofício de lavadeira, ano após ano, mesmo depois de ter visto aquele mesmo rio sepultar o corpinho virginal da sua filhinha.

Fora uma fatalidade. Não havia o que fazer. Era tocar a vida. Tocar a lida.

A raizeira Leonilda chegara com a menina Ana à beira do rio. Não havia ninguém ali àquela hora.

Enrolou a sua saia pesada até a altura das coxas e depois tirou o vestidinho da criança.

Segurando a sua mãozinha fria, com cuidados de mãe, foi entrando na água. A menina foi encolhendo a barriguinha morena com arrepios pela água gelada. Ria e batia a outra mãozinha na água.

Estava feliz.

O banho no rio era uma novidade, decerto.

A velha raizeira gostou de ver a menina contente.



Com a água já na cinturinha da menina, a velha foi lhe ensaboando, inclusive o cabelo longo e preto.

Cantarolou uma modinha enquanto fazia o trabalho.

Havia agora um imperativo para a cantoria, a música, a melodia, a poética. Vinha de dentro rasgando a sua goela. Coisa difícil de ser contida. Era deixar então a voz sair. Que fosse estranho ou esquisito cantar assim, a raizeira queria era transbordar com essa maternidade sadia.

Depois do demorado banho da menina, a raizeira colocou-a no solzinho quente, sentada sobre o atoalhado para secar o cabelo comprido.

A menina ficou sentada por poucos minutos, então tombou para o lado, já colocando o polegar esquerdo na boca. Estava sonolenta.

A raizeira ficou lá na margem do rio esperando a menina adormecer, com a saia juntada agora até a cintura. Então, lavou-se rapidamente olhando muito para os lados, com a pelotinha de sabão perfumado, que estava guardado para os dias santos. A espuma era abundante. A sensação de frescor era boa.

Tinha uma filha. Estava feliz.

Tinha posses. Era autoridade.

Era a raizeira e parteira de dentro do sertão e de muitas famílias da cidade. Não era dada a banhos em rio. Tinha a sua própria tina grande, de madeira em um dos cômodos da casa. Ali se despia. Ali se lavava.



Mas a experiência daquela liberdade era boa. Era saudável. Diferente.

Resolveu então tomar um banho de corpo inteiro. Tirou a roupa e dobrou-a na beira do rio. Entrou na água e se pôs a ensaboar vigorosamente. Tirou o lenço dos cabelos e esfregou-os com muita espuma. Usou o lenço para terminar de se esfregar. Era de um tecido áspero. A sensação na pele era boa.

Saiu do rio.

Gostou da sensação de tomar aquele banho tão simples no rio, dividindo com a sua filhinha esse momento de intimidade.

Não vivera isso com a sua mãe verdadeira. Só com a postiça, a negra Celestina.

Já seca e de roupa, foi deitar-se ao lado da menina, no atoalhado. Agora, fazia uma sombra boa sobre ambas.

Cochilou.

Foi um cochilo rápido. A todo o momento se sobressaltava pensando se estava tudo bem com a menina. Esta dormia tranquilamente, o dedo na boca, a perninha preguiçosamente descansando sobre a coxa da velha raizeira.

A raizeira, naquela morredeira da tarde deixou mais uma vez os seus pensamentos visitarem o túmulo dos finados.

Sim, todas as suas lembranças estavam sepultadas em túmulos erigidos por imponência da dureza da vida. E na lápide de cada lembrança havia



uma inscrição com a data em que o sonho nascera e outra data em que fora sepultado. Era a primeira vez que se permitia andar por aquele terreno pedregoso e esquecido. Mas se permitiu.

Estava ouvindo o ressonar da menina órfã deitada ao seu lado.

Permitiu-se vaguear pelo passado. Fechou os olhos e viu os três pares de pés, na sua lembrança descerem a estradinha para aquele mesmo rio. Ela contava dez anos. Ao seu lado na estradinha, descia as perninhas finas da sua tão cara amiga, a avó da menina Dora, mas que na época contava 18 anos. A negra Celestina, já estava ali a refrescar-se, na juventude dos seus trinta anos.

A moça Nena já sabia da amizade entre a menina Leonilda e a negra.

Não foi possível esconder da moça aquelas visitas à casa da negra, pois eram muito próximas, apesar da diferença da idade. Não havia por ali muitas mocinhas com quem conversar. As famílias eram próximas. A mãe de Nena fornecia doces em compota para a família de Leonilda.

Era natural que a moça Nena e a menina Leonilda fossem íntimas, pois o comportamento recolhido e as ideias parvas da moça encontravam eco na precocidade da menina Leonilda. Esta, desde muito cedo já liderava as brincadeiras e dava as ordens na hora das traquinagens.

A moça Nena havia seguido a menina e foi achá-la ao pé da negra, no terreiro, aprendendo uma cantiga antiga desconhecida daquela gente simples.



Tinha uns tons agudos de imoralidade que a amiga não sabia precisar. Falava em morrer de amor nos braços aveludados de uma dama. Falava em den-
gos e suspiros e viradas de olhos.

A moça Nena ficou pasma olhando aquela cena. E quando a negra ficou de pé e puxou a menina pela mão, incentivando-a a mexer os quadris, a amiga dera um grito abafado e voltou correndo pela estradinha.

Não chegou a ser vista.

Ficou sumida por um mês inteiro. Esquivando-se da amiguinha precoce, a menina Leonilda.

Um mês depois, na estrada, as duas famílias se encontraram. Voltavam da cidade. Havia sido coincidência esse encontro. As meninas, caladas, foram ficando para trás. A menina Leonilda cochichou para a amiga tímida que a esperasse no outro dia cedo, no carvalho perto do terreiro da negra.

A amiga disparou, alcançando a sua família. Não respondera. Não queria se comprometer com libertinagens em quintal de negra mal afamada.

Era medrosa.

Mas no outro dia, lá estava ela. Desconfiada e sem-gracinha atrás da árvore.

Leonilda chamou-a mais para perto. A negra era agora a mãezinha tão querida.

A negra Celestina estava descascando uma bacia de mandioca.



Olhou bem a moça Nena e achou-a bonita.
Perguntou se era religiosa.

Leonilda rira. Não sabia.

A amiga, assustadiça fez o sinal da cruz.

A negra deu aquela risada alta e larga. Os dentes muito brancos, aparecendo todos de uma vez.

A amiga saiu em disparada.

Fugiu novamente dali, a tempo de ouvir a negra marcando para o outro dia à tarde a lavação de roupas no rio. Que ela comparecesse.

A menina não ouviu, se ouviu, não respondeu.

A negra começou o ensino diário, coisa que fazia quase todos os dias com a menina de dez anos.

Cada dia uma lição, um ensinamento.

Coisa da vida e para a vida.

Falava do jeito das pessoas.

Falava do mundo lá fora.

Da cidade.

A menina ouvia tudo, atenta.

Falava ainda, de homem, que ela chamava pelo nome de pelego. Todo homem para negra Celestina era um pelego.

Ela presenciara certa feita, uma briga na cidade. Era uma contenta no dia do mercado. Uma autoridade apontava o dedo para outra e acusava-a de pelego, traidor, filho de coisa



endiabrada. A negra gostou do nome, pois há poucos dias havia sido traída pelo vaqueiro que a sustentava. E ainda levava uma sova de quebra. Pelego! Aquele nome agora serviria para representar todos os homens. Todos eles eram isso mesmo, traidores, filhos de coisa endiabrada, pelegos. Pelegos, sim senhor. Todos.

A negra, no quintal, trabalhando na bacia de mandioca, continuou seus ensinamentos. Xingava que os pelegos eram todos iguais. Podia ter posses ou ser um morto de fome. Queriam mesmo era uma boa mulher. Com paga ou sem paga.

A menina Leonilda ouvia, imaginando o que seria uma boa mulher. Seria uma mulher prendada como a mulher do seu pai? Ou uma sem regras como a negra, agora sua mãezinha postiça?

Carecia entender isso logo. Queria ser uma boa mulher, mas queria ser livre como negra Celestina.

A negra não tinha pudor, nem trava na língua.

Conversava com a menina com se ela fosse uma das antigas colegas que dividia a sua rede na casa de tolerância, na Capital, onde fora entregue por um caixeiro viajante quando tinha somente quinze anos.

Lá aprendeu a tirar menino do ventre das suas amigas. Tirava-os ainda com um mês, uma coisinha de carne ensanguentada minúscula. Tirou também muitos de três ou quatro meses, já



hominhos ou mulherzinhas feitas, cabendo na palma da mão. Tirava menino de mulher séria também, daquelas mais pobres, que não podiam levar a barrigada adiante.

Assim, tirou dúzias e dúzias de anjinhos, desde o momento em que eles eram somente um amontoado de sangue que cabia numa colher ou até já grandinhos, com perninhas e bracinhos prontos, com dedinhos e unhas nas pontas.

Logo, a sua fama de boa parteira correu os lugares mais pobres e baixos da redondeza.

Em alguns casos, o menino pregava lá dentro e não saía nem com reza ou com raiz braba. Daí nascia aparado pelas mãos da negra Celestina. Esses que nasciam berrando a plenos pulmões eram muito mais emocionantes do que os mortinhos que ela arrancava à força.

Foi assim que tomou gosto pelo ofício, e depois de ter feito duas dúzias de partos, bem ou mal-sucedidos, ganhara a estrada e fora parar ali naquele povoado, com poucas economias, mas o bastante pra arrendar aquela casinha por uma dúzia de anos, enquanto o proprietário mexia com política na cidade.

E ali ela foi ficando.

A menina já sabia todas essas estórias e, embora não entendesse a metade delas, até ria muito com algumas, principalmente as que a negra contava das maldades que fazia com os pelegos da cidade, quando deitavam na rede, e recebia como paga desde dinheiro, comida, uma prenda ou até um pito de fumo.



Já deitara na rede até por um chumaço de fumo mascado, pois o pobre pelego não tinha nada de seu e era moço e vistoso e a negra queria se engrajar com ele.

Dessas estórias a menina ria muito.

Numa dessas vezes, a menina quis saber o que a sua mãezinha fazia nessa rede com os tais pelegos.

A negra não respondera de pronto. Ficou séria. Olhou demoradamente para a menina. De repente, riu aquela risada alta e larga. Os dentes muito brancos, aparecendo todos de uma vez, como sempre acontecia. Suspirou, chamando-a filhinha. Perguntou se ela já tinha peitinho.

A menina levantou o vestidinho de algodão, de usar todos os dias. Não sentia vergonha da negra Celestina.

Até sentia uma vontade muito grande que a negra lhe perguntasse coisas desses assuntos proibidos.

A negra examinou aquele corpinho liso, sem peitos, como era comum ser os das meninas de dez anos de idade.

Nem sinal de peitinho. A negra a consolou que quando começasse os carocinhos, ela contaria tudo.

A menina parecia desapontada, deixou cair o vestidinho.

A negra riu, pois no seu entendimento, a mulher só começaria a entender a vida quando começasse o caroço do peito. O caroço vai crescendo e as ideias também.



A menina foi trocando o olhar de desapontamento por um olhar de admiração.

Olhava agora embevecida para a negra. A menina suspirou alto. A negra sabia tanta coisa da vida! A menina não sabia nada. Ficou tentando lembrar o tamanho do peito da sua mãe. Eram avantajados. Ela via pelo volume na roupa. Por isso a sua mãe verdadeira era tão sabida. Era a melhor raizeira e a melhor parteira daquele lugar. E de tão bem afamada era chamada até em casa de autoridades na cidade.

Mas a menina não conhecia a sua mãe como conhecia a negra Celestina.

De repente, sentiu um medo enorme de não ter peitos. Ou então, ter só dois pequeninos caroços e não ficar sabida como a negra.

Na beira do rio, a velha raizeira, mesmo cochilando ali no atoalhado esboçou um sorriso, ao lembrar-se do dia seguinte àquele diálogo.

Chegara à casa da negra Celestina com dois tufos de trapos dentro do vestido, num arremedo de peitos. A negra rira tanto que rolou sobre a mesa da cozinha, indo cair no chão do outro lado.

Apressaram e foram com as trouxas para o rio.

A menina ficou imaginando se a sua amiga tímida iria.

Foram rindo pelo caminho. A negra falando dos pelegos. A menina de dez anos estufando muito os peitinhos postiços.



Na bifurcação que levava à fazendola onde a moça Nena morava, a negra pediu que a menina fosse buscar a sua amiga.

A negra seguiu para o rio

A menina Leonilda nem precisou descer até a casa de Nena, andou só um pouquinho e encontrou a amiga. Esta estava indo para o rio. Ficou parada na estrada, qual espectro. As saias compridas estavam recolhidas à altura das coxas, mostrando as pernas finas, cheia de cicatrizes e varizes, apesar da pouca idade.

A menina Leonilda achou-a engraçada.

Correu para ela e abraçou-a encostando muito os tufos de pano que servia de peito na amiga Nena que, apesar de ter dezoito anos não tinha quase nada de peito.

Chegaram à margem do rio.

A negra Celestina que ali já estava ficou olhando para as duas.

Ambas, Nena e Leonilda caíram na água.

A menina ria muito e alto. Já ria quase igual à negra.

A amiga Nena estava séria.

O cabelinho ralo, em cuia sobre a cabeça, já dava-lhe ares de velhice.

Nem peito tinha ainda direito, mas já tinha uma expressão de fatalismo diante da vida.

Sua expressão era de pessoa adulta, embora as ideias fossem curtas e preguiçosas.



A negra Celestina gritou: “Filhinha!”.

As meninas, que estavam mergulhando, ficaram de pé. Encharcadas. Os vestidinhos colados ao corpo.

Os tufos de trapo debaixo do vestido de Leonilda saíram do lugar.

A negra ria muito.

As meninas seguravam uma na mão da outra o tempo todo, pois a moça Nena era muito medrosa. Era a criança Leonilda que a amparava.

De repente, a moça Nena enfiou a mão pela gola do vestido da menina e tirou os tufos de pano, que serviam de peito. Torceu os trapos e foi colocá-los pra secar à beira do rio.

A negra ria mais alto ainda, pois era a primeira vez que via alguém torcer os peitos.

Só a menina Leonilda ria. A moça não achava graça.

Celestina perguntou à Leonilda se ela ainda queria saber o que ela fazia com os pelegos na rede.

“Eu aperto meus peitos neles dentro da rede.”
Ria escandalosa.

A menina Leonilda arregalou os olhos com a descoberta do segredo. Nem tinha peitinhos e já sabia tanta coisa. A negra Celestina apertava os peitos no pelego e rolava com eles na rede. Fora uma grande descoberta.

A moça não achara graça nisso também. Deixou os paninhos secando à beira do rio, sobre as



pedras e pegou a estradinha de volta, com a roupa molhada a escorrer no caminho.

Nem se despedira.



A velha raizeira voltou ao presente, no atoa-lhado, ao lado da pequena Ana. Estava a sorrir com aquelas lembranças. Acordou a menina, a orfãzinha. Precisavam ir. Era hora.

No outro dia, viajaria para a cidade. Levaria a menina. Era a primeira vez que viajaria com a menina.

Dessa vez, ficaria fora uns quinze dias.

Iria fazer dois partos numa fazenda grande, depois da cidade. Tinha ainda que tratar umas crianças por lá. A notícia chegara no dia do velório da mãe de Dora. Havia muitas crianças doentes do mesmo mal. Empolamento no corpo todo e coceiras.

A raizeira sentia que alguma coisa a incomodava. Sabia que não tinha relação com o fato de ter deixado as antigas reminiscências aparecerem. Estava nostálgica por esses dias. E estava nostálgica desde quando trouxera a menina Ana para a sua casa, para a sua vida.

A raizeira estava incomodada, e incomodada ficou durante todo o caminho de volta para a sua casa, segurando a menina pela mão.



De vez em quando passava as mãos fortes, que tanta cura sabia, pelos cabelos pretos da menina.

Estava nostálgica e estava deixando todos os sentimentos aflorarem. Até alguns dos mais secretos, embora ainda houvesse recôndidos muito bem guardados e seguros que ela não ousaria mexer. Sentimentos separados dos dias atuais por uma vida inteira.

O incômodo sentido tinha relação com a sua amiga doentinha do peito, a avó da menina Dora, a velha Nena.

Sentiu que a amiga se afligira muito com a presença da menina órfã ali.

Era até coerente a aflição, se fosse só por preocupação com a menina e com a rotina estafante de viagens e andanças da velha raizeira e parteira.

Não.

Não era só preocupação.

A aflição tinha uma nota de ciúme que desagradara a velha raizeira.

Eram amigas.

Boas amigas.

Não atinava com o motivo do ciúme da velha Nena.

Há muito todas as mágoas inerentes a uma amizade com tantos segredinhos trocados e conhecidos foram superadas. A maturidade e a velhice arrefeceram as cobranças, o que foi bom, pois o entendimento sobre o cotidiano das mulheres do



lugar brotou e prosperou na cabeça lenta e rígida da velha Nena. Com dificuldades, mas prosperou.

A velha raizeira, já em casa, deixou a menina brincando por ali e começou a preparar a viagem. Primeiro os embornais, depois as tralhas de cura.

As reminiscências estavam procurando uma saída.

A velha deixou, então, o pensamento vagar pelo dia em que lavou e preparou a amiga Nena para o casamento humilde com um vaqueiro da fazendola vizinha onde fora criada, sem conhecer os desencaminhamentos do mundo. Exceto os mostrados através da raizeira também menina, aprendiz da negra Celestina.

Nena casara já muito erada com uns trinta anos de idade. Era feia. Fora difícil arranjar um pretendente. O vaqueiro tomara gosto pelos doces da moça velha.

A mãe da menina Nena era cozinheira de fogão e de tacho, e ainda doceira tarimbada, tendo ensinado tudo sobre esse ofício à menina, que nunca teve muito fôlego para a mexeção de tachos fumegantes. O vaqueiro não sabia dessa fraqueza.

A raizeira voltou à realidade. Espiou a menina a brincar no terreiro e continuou a arrumação da bagagem para a viagem. Teve ímpetos de pequenos objetos de lembrança.

Teve ímpetos de amuletos, de agradados, de bibelôs.

Abriu o baú de panos brancos, engomados, para o serviço de parteira e pegou os lencinhos



bordados com as iniciais do seu nome LBE, era meia dúzia de lenços, presente de sua amiga que saíra tão emburrada do seu terreiro, quando soube que a raizeira ficaria criando a pequena órfã, a menina Ana.

Sentiu vontade de levar os lencinhos.

Mudou de ideia.

Pegou somente um.

De repente achou esse dia tão feio e tenso, como estava feio aquele dia longínquo em que ganhara os lencinhos de presente. Fora um dia feio de temporal, destelhamento de parte da cozinha, de galhos arrancados com violência, de goteiras pela casa toda.

Voltou à bagagem. Tentou se concentrar.

Terminado o serviço de empacotar remédios, foi atrelar tudo à velha carroça.

Palmilharia uma distância maior dessa vez, por isso decidira viajar na carroça. E também levaria a menina. Era preciso um conforto maior. A pequena só contava cinco anos.

Encerrou a arrumação. Cuidou de afazeres domésticos. Fez encaminhamentos. O dia findou. Jantaram e dormiram.

Saíram de madrugada.

O dia ainda estava escuro.

Seu peito estava apertado desde a noite anterior.

Não se despedira da amiga Nena.



Aliás, a amiga doente do peito nem sabia dessa viagem.

Isso não era bom.

À saída da cidade olhou demoradamente para as ruínas da casinha onde morava a negra Celestina, agora falecida. Sua única e verdadeira mãe, que morrera com uns quarenta anos de idade, de doença feia que viera lá de dentro do útero comendo-lhe as entranhas, mostrando a sua cara mortal em feridas purulentas e malcheirosas que impediam a negra de andar sequer.

Nem a raizeira, por essa época tão experiente, apesar dos seus vinte anos, e já dona da casa dos seus pais e da terra, das crias e das posses todas, conseguira amenizar tamanho sofrimento.

A raizeira passou por ali a olhar o que restou da casinha da negra. Diminuiu mais ainda o ritmo.

A menina dormia aconchegada nas mantas quentinhas. Seu cabelo preto e liso cobria todo o seu rostinho. Estava muito bem agasalhada. Estava a contento.

Sentiu um medo seco de que acontecesse algum mal à menina.

Pareceu ter uma palpitação oca diante desse medo.

Sentiu também uma vontade enorme de fazer promessas, juras eternas.

As lembranças que aquelas ruínas traziam à tona eram fortes demais. Sempre passou por ali, mas nunca se entregara a reminiscências.



Nunca.

Nunca.

Nunca deixara que vazasse uma única palavra ou imagem, ou som ou cheiro daquele lugar tão seguro e profundo em que guardou a sua estória.

Agora estava ali, e a menininha dormindo no grande carroção pareceu ser o motivo que faltava para que as palavras, imagens, sons e cheiros proibidos jorrassem e fossem apalpadados pela sua razão, sem sentimentalismos, sem restrições.

Simplemente como eles ocorreram.

Lembrava da morte da sua mãe verdadeira sem nenhuma emoção.

Aquela mulher fora uma estranha para si.

Dos seus três irmãos nada a dizer. Morreram todos. De morte matada por alguém e de morte morrida ao acaso. Um por arruaça na cidade, em dia de bebedeira. Um por tiro numa emboscada. Um doente, tossindo sangue.

Do seu pai não ousava rememorar nada.

Ele era e sempre seria para a raizeira um homem abaixo de um verme imundo.

Um cão sarnento do submundo, dos escombros. Durante muito tempo excomungara o pai.

Depois que a sua mãe morrera, uns três ou quatro anos depois, a moça Leonilda chegara até a pedir à Cota benzedeira e também carpideira que



lhe ensinasse rezas e orações fortes para invocar entes maléficos, do escuro.

A moça carpideira ficou aturdida com aquele pedido.

Ela, a moça Cota carpideira tinha à época vinte e poucos anos. Estava aprendendo as rezas ainda, as ladainhas, os agouros, as inselências. Sua voz arrastada e firme já era famosa por ali.

A raizeira por essa época já tinha os seus dezesseis anos.

No dia do pedido estranho, as duas tinham se encontrado no banho, no rio.

Não tinham muito assunto, não eram íntimas. Eram conhecidas somente. A moça carpideira começara uma ladainha.

A raizeira ouvia, sem nada dizer.

Quando a moça se calou, e após um longo silêncio em que a raizeira vira que a moça não cantaria mais, a raizeira começou uma modinha indecente, da cidade.

A outra ficara ouvindo, sem nada dizer também.

Parecia fascinada pelas palavras irônicas e de provocação que a cantiga trazia.

Quando a raizeira se calou, a moça Cota perguntou se ela já conhecia homem. Leonilda quis saber por quê. A moça não sabia dizer, só que desde a morte da mãe de Leonilda, no parto, que era uma andança pra cima e para baixo com a negra Celestina. Leonilda ficou desconfiada, querendo



saber o que tinha andar com a sua mãezinha pos-tiça. Não era de ser nada. O povo fazia futrica. O povaréu todo. Leonilda quisera saber de que casa vinha a futrica.

Era difícil precisar, vinha de todo lugar. Até lá para as bandas de Campineira do Anu Preto, onde a moça carpideira tinha ido fazer umas inselências. Não era casa de gente importante não.

Ficou pensativa a moça Cota, daí a pouco lembrou que fora numa casa próxima daquele homem esquisito que morava na casa sombreada, logo atrás da gruta preta de pedra. Inclusive o tal homem esquisito estivera no velório.

Leonilda se interessara pela presença do velho. Era parente do morto? A moça Cota não sabia dizer, não dera ousadia pra ninguém. Fez a sua inselência, recebeu a paga e só. De nada mais sabia.

Leonilda estava presa na presença do velho. Ele chorava? Novamente, houve negativa. Sozinho chegou e sozinho ficou. Só demorou meia dúzia de ladainha.

Voltando à futrica, Leonilda queria detalhes do falatório. Se o povo de lá falava dela. Mas o povaréu falava era da negra. Falava de anjinhos sa-dios que ela despachou para o céu, sem dó.

A moça emburrou, pois Celestina era amiga de Nena também. E ninguém falava da magrice-la doente.

Cota lembrou que Nena era fraca das ideias. Vivia para a casa. Era direita. Feia e pobre.



A moça raizeira fechou a cara, não gostava que falassem mal da sua amiga. Eram amigas. Eram íntimas.

Se quisessem falar dela mesma que falassem. Não se importava. Mas da negra Celestina e da sua amiga Nena, havia ofensa.

Ela sabia... O povo falava. Cota falava agora mais vagamente. Era cautelosa, prudente na fala pela lida constante com os mortos.

Mas entregou que o falatório era sobre a imun-dície da negra. Amancebada com muitos homens.

Leonilda negou, mais amuada ainda.

Como consolo, foi lembrado que a negra, mãe-zinha já estava no céu. Cota mesma ajudara a avó a encomendar a alminha da negra. Estivera presente no velório, nas ladainhas. No enterro.

Leonilda se lembrava. Vira tudo. Acompanha-ra tudo. Estava ficando irritada com aquela prosa.

A irritação foi trazida para a realidade.

Havia uma estrada a palmilhar. O dia ainda nem amanhecera direito e ela estava ali a abrir porta para as lembranças sepultadas saírem de seus esquifes.

A velha raizeira, no carroção, olhando para o que sobrou da casinha da sua tão cara negra Celestina, se lembrou de como deixou a jovem carpi-deira aturdida, perguntando à queima-roupa se a moça mais velha conhecia ladainhas ou rezas para invocar o trem ruim.



A moça carpideira estava atônita.

Oração braba para atormentar a alma de quem já morreu. Era o que queria Leonilda.

Isso era perigoso. Não era comum por ali.

Leonilda impacientou-se se sabia ou não. A avó sabia. Mas era trem brabo.

Leonilda queria uma dessas. Precisava. Não era para parente bem querido ou conhecido. Mentiu que Cota não conhecia o morto, que não especulasse.

E também não era para homem que lhe fizera algum mal. E, diante do olhar da moça Cota para sua barriga, ela foi mais incisiva. Era encomenda. Uma amiga de longe estava em dificuldade.

Não era para os pelegos que fizeram tanto mal à negra Celestina. Estes ainda estavam vivos, bem vivos.

Silêncio.

A moça carpideira terminou o seu banho.

Não falaram mais nada.

Já na saída para casa, concordou. Estava tudo muito bem. Iria falar com a avó. Mas teria paga. Uma prenda. Umas garrafadas, talvez. Não. Um corte de fazenda para ela fazer um vestido seria melhor. Estava precisada de um novo. Lembrou a Leonilda mais uma vez que era perigoso o trem da reza.

A moça não tinha medo de nada não.



Seguiram para casa, cada uma pensando ter feito um negócio a contento.

Ali, pajeando o sono manso da menininha na carroça, a raizeira quase riu das incontáveis vezes em que passou a noite em claro, de joelhos no seu quartinho, rezando as orações e ladainhas carregadas de agouro e de imprecações baixas, que invocavam todo o mal do mundo e do submundo para o tormento da alma do seu pai.

Morto, de causa desconhecida, um ano antes, quando a raizeira tinha uns quinze anos.

Para todo o povaréu das redondezas fora uma morte de causa desconhecida. A raizeira Leonilda e a sua amiga e mãezinha, a negra Celestina, sabiam que fora por um envenenamento fulminante logo depois de ter almoçado regamente um caititu gordo que ele obrigara a mocinha Leonilda a ajudá-lo a matar no dia anterior.

Passaram horas medonhas na matança do bicho. A pelagem áspera cinza escura a machucar as mãozinhas da menina. O sangue escuro e fétido a sujar-lhe o corpo todo, respingando até no rosto e cabelo.

No seu ofício de parteira, a velha raizeira Leonilda nunca trabalhara com abortos provocados. Nunca trabalhara por nenhum tipo ou quantia de paga para arrancar anjinhos do tamanho de uma mão dos úteros gastos de mulheres pobres ou abastadas. Novas ou velhas.

A arte do seu ofício era curar e trazer à vida.



Decisão tomada e sacramentada no dia da matança do caititu brabo.

Não. A raizeira não guardava culpa pela morte do pai. No seu velório, usou o vestido dos dias santos. Tinha ainda o mesmo corpo de dois anos antes quando velara a sua mãe verdadeira. Usou o vestido de saia rodada, amarelinho, com as mangas fofas de veludo preto, o mesmo que o finado pai havia ordenado que fosse trocar.

Também não velou o pai dentro de casa. Quando o povaréu começou a chegar a mesa grande da cozinha já estava colocada no terreiro. O povo quisera saber que novidade era essa naquele sertão.

Estava quente e abafado. Ademais, Leonilda dissera ter derramado sem querer uma garrafa de unguento forte dentro de casa. Daria dor de cabeça.

O povaréu queria detalhes da mesa. Se era pesada. Se fora desmontada para ir para o terreiro.

O Ditinho Arrieiro ajudou. Encaminhou tudo. Foi tudo esclarecido. A raizeira não deu tempo para mais indagações. Já foi servindo grandes bules de café. Chás adoçados e encorpados, raridade por aquelas bandas. Os torrões de açúcar eram caros e difíceis de serem adquiridos. A mocinha queria impressionar. As quitandas também estavam a contento.

Tudo muito encaminhado.

Tudo farturento.



Logo, a notícia correu e não teve uma família das redondezas que não estivesse ali representada.

Até o velho que morava atrás da gruta, foi sem comparecer, como era seu costume. Esteve presente no velório sem estar presente para as pessoas. Era o seu costume. Ninguém puxava prosa com ele. Tinha dedos retorcidos. Era medonho.

Passou despercebido ali para todo mundo o momento em que a mãe da menininha Quintina passou com a menina nos braços, pendurada em um dos seus peitos murchos. O velho com os seus dedos retorcidos estava a um canto do terreiro, solene. O olhar fixo no caixão do velho sobre a mesa grande. Quando a mãe passou com a menina de um ano de idade pendurada nos peitos, o velho passou os dedos retorcidos sobre a cabecinha da criança e murmurou:

– Cuidado com o riacho, criança.

Ninguém ali ouvira isso, somente a mãe da menininha Quintina.

Assim, depois de quase quarenta anos, quando essa criança já era adulta e tinha o ofício de lavadeira, reconhecido em toda a redondeza, e viu o rio sepultar a sua filhinha de apenas dez anos, nem sequer conhecia a advertência do velho da gruta, para tomar cuidado com o rio.

A raizeira voltara ao presente e, na carroça, sentiu um aperto no peito.

Não era por remorso.

A negra Celestina tinha-lhe ensinado a viver.



Aqui se fazia aqui se pagava.

Aqui se plantava aqui se colhia.

E foi o plantio da semente maldita que o seu
velho pai lhe obrigara a fecundar que levou a me-
nina a lhe cobrar a colheita.

211

CAPÍTULO V





sua amiga Nena, doentinha, sempre apareciam no dia da lavação de roupas para ajudar.

Ajudavam também no cuidado das plantas para os remédios.

A finada mãe da menina Leonilda tinha fama de boa raizeira e a menina queria continuar com esse ofício.

Via cada vez menos os irmãos que passaram a dormir quase todas as noites no velho rancho de trabalho.

Levavam grãos, grandes peças de carne seca e latas de carne cozida guardadas na banha. Levavam tudo para o rancho e por lá ficavam dias inteiros.

Os irmãos vinham uma ou outra noite pegar algum objeto, uma ferramenta, uma peça de roupa, um agasalho.

Não falavam com a irmã, mais por falta de assunto ou por qualquer ressentimento que houvesse ficado.

Nada sabiam de partos, de curas, de morte.

Havia um cotidiano de trabalho duro dia após dia. Só disso sabiam. Era o de sempre. Tudo igual sem ser rotina.

No dia dessa reza de sete dias, os três irmãos estavam lá no terreiro. Calados, taciturnos, impacientes com aqueles rituais que alteravam a rotina tão deles conhecida.

O pai havia bebido.

Só a menina raizeira e a sua mãezinha postiça perceberam.



Ambas conheciam o velho.

A negra Celestina veio cochichar à menina que o velho não deveria ter bebido no dia da reza. Ainda há o luto por seguir.

A menina olhou com desprezo para ele. Escarrou e cuspiu de lado.

Sua amiga magricela, a Nena, dera-lhe um cutucão: “Fica cuspiendo igual macho.”

Leonilda se irritou. Queria saber o que é que tinha isso.

Era feio. O povo falava maledicências. Mas Leonilda faria o que quisesse. Era agora a dona da casa.

A reza começou. A avó idosa da jovem carpi-deira começou a cantoria. A sua neta, moça já com vinte e poucos anos acompanhava, com a sua voz boa para ladainhas e inselências. Voz melhor que a da avó, todos diziam. Mais arrastada.

A negra Celestina saiu da reza antes de terminar. Tinha um pelego para aquele dia, depois do almoço. Antes de sair cochichara isso no ouvido da menina Leonilda. Ela pediu que a sua mãezinha a deixasse ver esse encontro.

Há muito pedia à amiga Celestina, sua mãezinha postiça que a deixasse ver um desses pelegos nessas visitas escondidas. Prometia ficar quietinha debaixo da cama, ou detrás da porta, para não ser descoberta.

A negra falava que deixaria qualquer hora dessas. Que ela ainda era novinha. Quando fizesse o seu aniversário de quinze anos, ela deixaria.



Mas Leonilda agora tinha as regras.

Não. Era hora de luto. Depois...

A menina Leonilda ficou ali e cumpriu o seu ofício de dona de casa. Serviu café, chá, quitutes.

Queria mesmo era ir ver a negra com o tal pelego.

Se a negra deixasse, iria esconder bem, detrás de uma cortina de chita que havia no quarto e que tinha alguns furos, nos lugares mais puídos.

Ela e a negra faziam planos sobre isso e riam muito.

A jovem raizeira contava tudo à amiga Nena, e falava que a levaria também.

Ela ralhava-lhe.

Não queria ver nada disso.

Não era certo.

E se fossem descobertas?

Já bastava essa amizade com a negra Celestina, sempre com visitas às escondidas.

Não queria cair na boca do povo.

A jovem Leonilda perdia a paciência com a amiga.

Chamava-a “bestinha”.

Acaso, ela não queria aprender nada da vida?

Nena achava que isso não prestava para nada.

Mas prestava. Disso Leonilda não duvidava. Seria a maior raizeira das redondezas e precisava saber de tudo. Tudo do mundo. E mais além.



Os pensamentos da menina voavam.

A moça Nena, magricela, esperava, sem entender.

Leonilda tinha paciência com a amiga. Contou-lhe que sua mãezinha Celestina dissera que tem um monte de doença que brota no homem e na mulher quando fazem esse negócio que ela faz com os pelegos. Doenças. Umas perebas. Com pus e tudo.

A amiga Nena franzia a sua carinha magra e chupada numa cara de nojo. Tinha vinte e poucos anos e já era tão feia de compleição.

Leonilda aprenderia a fazer a garrafada para beber e as pomadas para passar em cima das feridas.

Nessas conversas a amiga Nena olhava a amiga como se não a conhecesse, tão fascinada, assustada e incrédula ficava diante de tanto conhecimento. Ela, Nena, não tinha disposição para entender isso tudo. Sua cabeça doía se forçasse muito.

No dia dessa reza de sete dias no seu terreiro a menina Leonilda insistiu com a negra que a deixasse ver. Mas não. Somente com quinze anos veria. Saiu muito discretamente, a negra. Iria primeiro ao rio se lavar e só depois iria esperar o tal pelego.

Após a reza todos saíram.

A menina ficou só em casa.

Nesse dia não mexeria panela no fogão, pois tinha servido uma fartura de bolos, doces e farofa na reza e viu quando um dos seus irmãos juntara uma grande parte das sobras e saíra para o trabalho do resto do dia.



Depois de arrumada a casa, não tinha mais o que fazer.

Teve uma ideia.

Desceu para o rio. A negra não estava mais lá. Havia algumas horas que ela tinha saído da reza.

A menina foi então caminhando lentamente para a casa da negra. Chegando perto mudou de ideia. Voltou no mesmo pé e lá na frente se desviou para a fazendola onde a sua amiga Nena nascera e ainda morava, ladeira abaixo, perto do boqueirão.

Entrou direto pela porta dos fundos.

Era íntima da moça Nena. Não havia necessidade de protocolos. Era íntima daquele povo. E agora que estava órfã de mãe, todos a olhavam com piedade, alargando mais ainda os seus caminhos.

Encontrou a amiga mexendo um grande caldeirão de doce. Parecia tão frágil que se rodasse a colher mais uma dúzia de vezes cairia estafada ali mesmo.

A menina Leonilda tirou-lhe a colher da mão e começou a mexer vigorosamente. A mãe da Nena entrou na cozinha com o grande tabuleiro na mão.

Elogiou Leonilda. Ela mexia o doce melhor do que Nena. Esse foi o cumprimento.

Eram pessoas de pouco trato.

Leonilda achou a colher leve. Riu de Nena, prevendo que ela cairia dentro do tacho qualquer hora dessas, com tanta fraqueza.

Mas, boa amiga, fizera um xarope para a moça.



Um fortificante. Ela mesma fizera. A mãe havia ensinado a receita antes de morrer.

A mãe de Nena quase duvidou. Era perigoso beber remédio errado. Podia até matar.

Mas não. O xarope era bom. Mataria ninguém não.

A mãe quis ver o tal xarope. Leonilda não trouxera. Não sabia que queriam o remédio. Já que não iria fazer mal, queriam sim.

Leonilda se ofereceu para buscar. Teve ideia melhor. Chamou Nena para ir junto. Ela já beberia uma colherada e voltaria mais fortinha para mexer o doce.

A mãe agora mexia o tacho. Autorizou. Nena podia ir, mas que não demorasse. Teria que ajudar a cortar o doce seco do tabuleiro maior.

As meninas saíram em disparada. A jovem Leonilda sempre à frente, parando a toda hora para esperar a amiga, nas subidas.

Foram direto para a casa da negra Celestina.

A mocinha Nena não perguntou uma única vez aonde iriam.

Iria com a Leonilda e isso bastava.

Não carecia explicações.

Estava segura, decerto, apesar de Leonilda uns dez anos mais nova.

Tiraram as sandalinhas de couro e deixaram no grande carvalho antes do terreiro.



Foram descalças e em silêncio.

A respiração quase suspensa.

Tudo fechado.

Começaram a ladear a casinha.

A janelinha do quarto estava aberta pra receber a fresca da tarde que já ia alta.

As meninas chegaram perto.

A moça Nena empacou, não queria ver nada.

Leonilda a puxava pelo bracinho, sem poder falar, para não ser ouvida dentro. Nena não se movia do lugar. Leonilda insistia nos puxões, já quase impaciente. Nada. A negativa da menina Nena se resumia em balançar a cabeça de um lado para o outro. Empacada no mesmo lugar. Leonilda não tinha mais paciência.

Os sons dentro do quartinho eram muito sutis e doces. Ela queria olhar. Olhou. Cautelosamente, olhou. Ficou pálida. Uma gotinha de suor escorreu do seu buço. Não ousou passar a mão, com medo do barulho que poderia ser feito.

Leonilda esticou o braço direito, oferecendo a mão para a sua amiga Nena, que a segurou trêmula.

Leonilda colocou a amiga franzina à sua frente, segurando-a pelos ombrinhos magros, quase a forçando a olhar.

Já tinham a mesma estatura. Leonilda sempre fora graúda.

Reminiscências.



A velha raizeira hoje não saberia precisar o tempo em que ficou ali, com a sua amiga Nena, a espiarem pela janelinha. Não saberia precisar a emoção sentida na volta para casa. A única lembrança mais nítida era a andação da amiga Nena à sua frente. Calada e taciturna.

Era fraquinha, a Nena, mas, de repente, teve um rompante de força.

Saiu à frente da amiga e não a esperou.

Também não olhou para trás nenhuma vez.

Na encruzilhada em que levaria para a casa de ambas, Nena pegou o caminho da sua casa. A amiga Leonilda gritou-lhe de pé na encruzilhada que teria que levar o xarope fortificante.

Nena parou e ficou olhando para a amiga. Nunca entenderia como ela pensava em tudo para nada dar errado.

Dessa vez, seguiu a amiga Leonilda até a sua casa.

Esperou no meio do terreiro qual estátua.

Leonilda entrou e pegou um dos xaropes que a mãe fizera antes do morrer. Abriu o vidro. Pegou uma colher na cozinha. Na porta da cozinha encheu a colher com o xarope e ofereceu à amiga. Esta veio até a porta e abriu a pequena boca, quase sem lábios para receber o remédio. Leonilda reparou que seus dentinhos eram muito pequenos e amarelados. Tão amarelados como os seus olhos e a sua pele. Bebido o xarope, os pés da amiga ganharam a estradinha.



Não houve prosa.

Nesse dia, Leonilda ficou muito inquieta.

Provavelmente dormiria sozinha à noite.

E assim foi. Ninguém aparecera. Nem pai nem filho nem Espírito Santo.

O primeiro mês da morte da mãe passou corrido.

Havia muito do que cuidar.

Já no mês seguinte, a negra Celestina saíra em viagem. Iria com muita demora. Avisara a menina Leonilda e caiu na estrada.

Passado um mês a negra ainda não retornara. Mas a menina sempre tinha notícias do seu paradeiro, notícias trazidas pelo povaréu que também palmilhava as estradas. Contavam que anjinhos estavam a subir para o céu, muito mais do que vingando nos partos que a negra fazia.

A menina lamentava a falta de talento da sua mãezinha postiça para a arte de curar e aparrar meninos.

Era o que havia.

Fatalidade. Nada a fazer.

O tempo correu.

Havia um ano que a mãe de Leonilda morrera no parto mal sucedido na mesa da cozinha.

Ela quase não via mais o pai e os irmãos.

Sabia por pedaços de estórias que os irmãos estavam meio desajustados com a lida. Iam para Campineira do Anu Preto e se metiam em confusão.



Maledicências ou não, a menina não tinha a sensação de pertencimento àquela família.

Nada daquilo dizia-lhe respeito.

A sua família era a negra Celestina. As suas amigas, a moça Nena e a moça Cota.

E só.

O pai dormia no rancho de trabalho há várias noites. Dos irmãos ela não sabia dizer mais nada.

Leonilda já era uma encorpada moça de quinze anos.

Era boa dona de casa.

Sua lembrança abriu a gaveta da noite escura em que fizera um mingau e tomou sozinha, no banco de couro curtido, na cozinha.

Ficou até tarde mexendo nos baús de trabalho de parteira da sua mãe.

Por fim, vestiu o comprido avental branco que a sua mãe usava para fazer os partos. O avental tinha dois grandes bolsos na frente onde eram deixados alguns remédios e outros objetos pequenos necessários na hora da agonia.

Dora ficou agachada nos pés da cama. Usava o avental comprido e brincava de fazer parto. Já sabia fazer, já era companheira da negra Celestina. Mas a negra trabalhava de um jeito que a menina achava que podia melhorar. Ficou ali nos pés da cama treinando o seu jeito de fazer o parto, a sua disposição dos apetrechos, o seu jeito de se emborcar sobre o ventre roliço da mulher.



Estava entretida.

Inventava diálogos que julgava serem importantes nessa hora para ajudar a mãe a expulsar o anjinho.

Não percebera o barulho de pés entrando pela porta da cozinha. Quando se virou o seu pai estava parado na porta do quarto.

A velha raizeira fechou a gaveta das lembranças. Já estava de bom tamanho.

Mais não havia.

Agasalhou mais ainda a pequena Ana e achou que era a hora de ganhar a estrada.

Imprimiu um ritmo acelerado à carroça.

Mudou de ideia.

Virou a carroça e pegou a estrada de volta.

Iria até a casa do coveiro, o Ditinho Arrieiro.

Era a moradia mais próxima dali.

O povaréu dizia que ele morava no cemitério.

Futrica.

Ele tinha uma casinha.

Rota e pobre, como as casinhas caiadas eram.

Leonilda tinha uma coisa a fazer antes da viagem. Ficaria fora muitos dias, precisava descarregar o seu coração.

Na casa do coveiro, já o pegou de pé, pitando o seu cigarrinho de palha acorçado no terreiro,



provavelmente conversando com os seus mortos, pensou a raizeira.

A conversa foi breve.

A raizeira nem apareara.

Terminada a prosa, a raizeira entregou um pacotinho muito branco para o velho. O lencinho bordado era todo o seu conteúdo.

Pedi que a encomenda fosse entregue naquele mesmo dia. Que não esquecesse. Recomendou muito, a velha, com a carroça já saindo do terreiro.

Ditinho respondera que seria entregue sem falta. Era respeitoso, o velho coveiro. Gostava daquela mulher de opinião.

Que não esquecesse que era presente para a pequena Dora que faria anos no dia seguinte.

Mansamente, o coveiro tranquilizou Leonilda.

Isso foi o mais próximo de despedida que aconteceu entre a velha raizeira e parteira e a sua amiga Nena, doentinha do peito.

O lencinho no pacotinho branco fora entregue diretamente à menina Dora, pois a velha Nena não vira aquele dia nascer. Seus pés espichados, duros, na rede ao canto da cozinha, apontavam para o poente.

Sabendo da notícia, ainda em viagem, a velha raizeira tomou a decisão mais dolorosa da sua vida.

Seguira adiante.

Não voltou.



Não participou do velório. Não chorou com as ladainhas da velha Carpideira Cota sobre o caixão da amiga doentinha do peito.

Não ajudara a enterrá-la no velho cemiteriozinho depois da curva sinuosa e depois da árvore de caule esbranquiçado, com os seus galhos retorcidos e o seu caule machucado de caroços nascidos em desvãos de ventos. Não vira o caixão passar pela cruzinha amarelada do primeiro túmulo na entrada do cemiteriozinho.

Não.

A força e a coragem da velha raizeira não chegavam a tanto.

O restinho de força que ela ainda teve no momento em que recebera a notícia fora para mandar um recado para a velha benzedeira e também carpideira, a Cota, que olhasse a menina Dora até ela chegar.

Mandou como recado que Cota segurasse a mãozinha da órfã, durante todo o velório e todo o enterro. E que ficasse com a menina em casa até ela voltar de viagem.

Era um pedido.

Era uma imploração.

Que o recado fosse dado com essa força.

Que a carpideira Cota não se preocupasse com despesas, haveria paga e paga justa pelo favor.

Daí a três dias a velha raizeira ficara sabendo, já no seu destino, que Juca Espigueiro aparecera



no enterro. Já no final do enterro. Parecia até que adivinhara a dificuldade da sua antiga família, diziam alguns.

Ele chegara sem saber de nada.

Achou a casinha fechada.

As marcas das pisadas do povaréu no terreiro.

Ficou assustado.

Foi até a casa da lavadeira ali perto, não tinha ninguém.

Na raizeira também estava tudo fechado.

A carroça não estava no terreiro, desconfiou de viagem longa.

Na volta, contaram depois à raizeira, ele passou no cemiteriozinho para ver o túmulo da mulher que tanto bem lhe quisera e que morrera tentando lhe dar um par de gêmeos, há poucos dias.

De longe, viu a movimentação.

Ficou assustado.

Apertou o passo e lá ficou sabendo de tudo. Ficou sabendo da morte repentina da velha doentinha do peito, a sua sogra, que tanto gosto fizera no seu casamento com a filha.

Juca não poderia ficar com a menina Dora, a raizeira ficara sabendo, pois vivia no mundo, trabalhando.

A menina carecia de cuidados de mulher.

Ali mesmo no cemitério, conforme a raizeira ficara sabendo ainda em viagem, Juca Espigueiro



já falou a todos, com poucas palavras que ficaria morando na casinha da sua antiga família.

Havia as crias, a pequena hortinha, meia dúzia de árvores frutíferas, o quintal para ser capinado três ou quatro vezes por ano.

Não houve opinião contrária.

Ele tinha partido após a morte da mãe de Dora e deixado muita coisa ali para a velha e a criança, inclusive as carnes da sua última caça. Deixou também crias e ferramentas de trabalho.

Levou só o necessário.

Era um homem bom, sem sovinas.

Era justo morar ali.

Era tudo muito justo.

Ele ainda falou que cuidaria de tudo até a menina Dora crescer quando então ele casaria a menina com um homem bom de lida e entregaria a casinha a ambos.

Tudo justo e certo.

Todos concordaram.

A rotina se instalou novamente.

A raizeira não se permitiu viver o luto pela morte da amiga.

Ao cabo de vinte e três dias a raizeira chegara de viagem.

Agora, depois de tantos dias junto com a pequena menina órfã era mãe como se tivesse trazido aquela menina ao mundo através do seu próprio



ventre, como se tivesse trazido a pequena ao seio durante toda a amamentação.

Chegou num domingo de morredeira.

No fim do dia.

Não encontrara muita gente na estrada. Era dia de descanso. Era um dia de muita quentura.

Não cuidou das bagagens nesse dia. Ocupou-se da menina Ana, que já a chamava de mamãe. Ao amanhecer haveria muitas lidas, muitos encaminhamentos. Dormiram cedo, muito aconchegadas, numa rede.

Começaria o dia pela casa da carpideira Cota.

Havia mandado-lhe um recado no dia do falecimento da sua amiga Nena. Contava como certo que a velha carpideira havia cumprido.

Eram camaradas desde a mocidade. Sem intimidades, é certo, mas camaradas.

E assim fez.

No outro dia cedo bateu palmas na cancelinha da casa da carpideira Cota assim que o dia nasceu. O cheiro de broa de milho assada corria longe, misturado ao do café forte.

A velha carpideira era beata.

De repente, já ali batendo palmas, ocorreu à raizeira que a beata carpideira poderia ter se apegado à menina Dora.

Nunca casara, não conhecera homem. Não conhecera a maternidade.



A raizeira também não casara e não parira talvez por isso a memória de uma maternidade arcaica brotou com tanta força nela quando conhecera a menina Ana, filha de uma mulher mal afamada.

Teve medo. A menina Dora era um pedaço da sua tão cara amiga Nena.

A quem competiria decidir qualquer assunto a esse respeito?

Ao padraсто de Dora, Juca Espigueiro? Ele só convivera com a menina por quase três anos. Era pouco tempo. Não tinha direitos de pai. Ou tinha?

As autoridades da cidade?

O povaréu do sertão não tinha o costume de levar as suas demandas para a cidade. Tudo que ali no sertão era provocado, brotado, nascido, ali era resolvido. Sem contendas. Sem lei, sem papel. Era um povo simples, de visão estreita. Povo da lida. Nada entendia de debates debaixo do papel da lei. Falavam pouco. Resolviam tudo com meia dúzia de palavras. Não havia argumentação acalorada. Tudo era o que era. E só.

A carpideira poderia ter deixado nuances de maternidade brotar naquele coração envelhecido. Cota já tinha quase setenta anos.

Talvez por ser muito erada estivesse mesmo apressada para entregar a menina. Talvez não.

A raizeira, sempre tão assertiva nas suas decisões desta feita titubeou. Não teve tempo para digerir o seu medo, a carpideira Cota assomou à porta e cumprimentou com um “bom dia comadre.”



Era costume chamar uma à outra por comadre, mesmo sem sê-lo. Conferia confiança e respeito à convivência.

Cota mandou que ela se aproximasse. Estava hospitaleira, a carpideira.

A raizeira abriu a cancelinha e entrou para o terreirinho limpo com a pequena Ana logo atrás.

Cota quis saber detalhes da viagem. A demora nas estradas, se saíra tudo a contento, as pelepas.

Vinte e três dias. Só aconteceu o de sempre. Eram as pelepas de sempre.

Cota suspirou pesarosa que a comadre não viera ajudar a enterrar a amiga Nena. Era uma fala sem acusação. Era um fato e era falado como tal.

Hora difícil.

Ficaram em silêncio.

A carpideira inspirou o cheiro forte da broa. Chamou a amiga para dar comida à criança.

Sentaram-se nos tamboretos à mesa da cozinha. A carpideira encheu um caneco de café para a comadre raizeira. Colocou uma broa morninha na mãozinha da criança que ela não conhecia. Estava fascinada pela beleza da menina. A menina pegou a broa.

Dora apareceu na porta do quartinho. Os cabelinhos desgrenhados. A raizeira olhou-a e achou-a mais crescida e mais gorda. Havia tido fartura na casa da carpideira. Recebera boas pagas pelos seus últimos ofícios. Tinha crias. Tinha pequenas posses. Cuidara bem da menina.



O coração da parteira Leonilda se apertou no peito.

Dora ficou olhando triste para a velha raizeira.

Ambas pareceram se recordar ao mesmo tempo da velha Nena, doentinha do peito. E a mesma saudade pareceu se abater sobre ambas.

A velha raizeira Leonilda colocou as mãos fortes sobre a cara e chorou.

Cota mandou que Dora fosse brincar no terreiro, com Ana.

A menina saiu na porta.

Cota mandou Ana ir atrás. A orfãzinha demorou longos minutos. Foi andando devagar.

Daí a pouco corriam pelo terreiro.

A raizeira chorava.

A carpideira não interrompeu o pranto da comadre.

Ficou a cuidar dos seus afazeres.

Colocou quatro broas numa cuia e foi até o terreiro. Deixou sobre o jirau para as meninas. Recomendou que comessem logo, antes que esfriasse.

Voltou.

Encheu um caneco de café para si.

Não se emocionou com as lágrimas da raizeira.

Seu ofício era lidar com a morte.



Seu ofício era cantar para a dor.

Era acostumada com o contraponto entre o ofício da parteira que lidava com a vida e o seu próprio ofício que era chorar um defunto alheio.

Era a carpideira, dura carpideira, afamada pranteadeira do lugar.

Ninguém fazia inselências como ela.

Já havia pranteado mortos de toda a redondeza, da cidade e do sertão.

Tinha setenta anos.

Tirava o seu sustento da dureza da dor que visitava as famílias na hora da morte.

O seu ofício era tanto mais rico quanto mais casa enlutada havia.

E quanto maior a dor, mais a arte do seu ofício aparecia. E maior a paga a ser cobrada.

Sempre cantava inselências bem entoadas, lamuriadas, vertia lágrimas, e transformava aquele momento fúnebre num clima de saudade para a família.

Com a devida paga podia atenuar os pecados do defunto, aliviando a dor da família.

Entoava se fosse preciso, uma noite toda de laidinhas para que o morto não ficasse sem o choro, sem o carpir.

Assim, a sua comoção pelo pranto da velha raizeira e parteira a sua frente, se havia comoção, era mais pela amizade que se perdeu, do que pela morte da velha doentinha do peito.



Ela também sentira a morte da velha Nena. Já havia pranteado na família de Nena inúmeros defuntos, desde os pais da velha; o vaqueiro seu marido; o primeiro genro, o caixeirinho viajante; a sua filha, e os gêmeos paridos e, finalmente, a própria velha. Era uma casa com pendor para a desgraça, acreditava a velha carpideira.

Era possível que ali tivesse coisa ruim, fincada no chão duro batido.

Só sobrara a menina Dora e o último marido de sua mãe, o Juca Espigueiro, que tinha voltado no dia da morte da velha sua sogra, e agora estava morando na casinha, cuidando de tudo até a menina Dora crescer e tomar tento na vida.

A carpideira também estava meio esquiva, pois a menina Dora estava consigo e era ali que ela devia ficar. Até engordara, a menina.

A carpideira Cota sabia que a velha raizeira estava ali por um único motivo. Viera buscar a menina.

Naquele sertão, não sabiam lidar com contenda. Teriam que resolver aquele assunto. Eram comadres por força do costume. Camaradas.

Tinham um pouco de intimidade, pois a carpideira já havia vendido à raizeira, por um corte de fazenda para um vestido, uma oração comprida e forte, braba mesmo, para ser oferecida aos demônios do submundo, para atormentarem a alma de quem já passou para o outro mundo, isso há quase cinquenta anos.



Era um segredo entre as duas. Era sinal de intimidade. Não haveria contendas pelo direito de criação da menina Dora.

A raizeira já parara de chorar. As mãos já estavam descansando impotentes sobre a mesa. A cara inchada. Começou a beber o café frio.

Cota, solícita, se oferecera para passar outro café. A comadre recusou. Não carecia.

Silêncio. A carpideira esperava.

“Vim buscar a menina Dora”. Estava selado o fim da maternidade tardia da velha carpideira, que ainda lastimou essa decisão, pois a comadre viajava tanto. Uma criança de seis anos seria um encosto.

Agora eram sete anos, lembrou a raizeira.

Já? Já. O tempo corria.

Silêncio.

Leonilda iria criar a menina. Devia isso à velha Nena.

Seus olhos encheram-se novamente de lágrimas, que não caíram.

Ademais, a pequena orfãzinha precisava de uma irmã.

Cota quis saber mais da menina órfã. Se fora trazida da viagem.

Ainda não a conhecia. Era lá das bandas do lugar onde morava a família dos De Góis, só que mais ao fundo, indo para o poente. Não era aparentada de ninguém dali. Era filha da moça que deu



falatório algum tempo atrás. Cota forçava a cabeça para lembrar.

Filha daquela mulher que na cidade o povo falava que era teúda e manteúda do furriel, de posses.

A carpideira forçava mais ainda a cabeça.

O tal homem de posses havia até dado uns cobres para o homem que fazia cabeça de peixe em madeira. Os cobres eram a paga para ele levar a moça para o sertão, para esconder a barriga do falatório do povo da cidade.

Cota se lembrou. Ditinho Arrieiro lhe contara tudo.

Lá no fundo, para lá dos De Góis, morava a família do homem das cabeças de peixe, a pequenina Ana e sua mãe e o outro povinho do Vêi do Belo.

A moça morava junto com a família do homem, no mesmo terreiro.

E ela te deu a menina para criar?

Não. – Fez o esboço de um sorriso, a raizeira.

A raizeira Leonilda suspirou fundo e passou a contar à carpideira sobre a sua viagem lá para as bandas do boqueirão para fazer o parto da Cida do Tião Manganês, bem na época em que chegara a hora do parto da mãe de Dora.

Contou que precisou ir antes do prazo, pois era o primeiro filho e a pobre mãe estava com muito medo.

Contou que caíra doente no dia seguinte ao parto da Cida do Tião Manganês, e ninguém ali sabia curar as deformações que teve pelo corpo, empolado em grandes manchas arroxeadas.



Contou também do macaco prego que tinha na casa e que possivelmente urinara nas suas coisas, fazendo-a empolar daquele jeito.

Quando contou sobre como conhecera a menina no enterrinho, a amiga carpideira se interessou muito. Queria detalhes do enterro. Queria saber se havia cantoria, ladainha, reza cantada, inselências. Queria detalhes das orações, se houvera.

Diante da falta de assunto para contar sobre esse tema, a carpideira Cota pareceu ficar desapontada. Queria ter participado, mas não tomou conhecimento da morte da desvalida mulher, teúda e manteúda do furriel de posses da cidade. Faria o ofício mesmo sem paga. Gostava do seu trabalho. Queria ter a boa querência dos mortos no dia em que ultrapassasse a cruzinha amarelada da entrada do cemiteriozinho e fosse descansar perto da sua avó morta há tantos anos.

A raizeira continuou a estória, contando do enterro que encontrara no caminho, quando voltava para casa, já quase curada das empolações causadas pela urina do macaco prego.

Contou que vinha pelas pisadas das bandas da casa do fazedor de cabeça de peixe em pedaços de madeira. Contou da falta de gente no enterrinho na estrada. A desconsideração do povo. A família dos De Góis que não quis se envolver com a estória da moça que não era dali, só porque era diferente do povaréu do lugar. Sem passado, chegando preta sem marido e com pertences da cidade.



Contou sobre como encontrou com o enterri-
nho, dando passagem àquele pobre cortejo e como
ocorrera a conversa na rabeira do enterro.

Contou da desconfiança velada do povo dali
de que havia coisa errada com aquela morte. Da
desconfiança de que não era morte morrida, e sim,
morte matada por encomenda talvez, por vingança
quicá, por má querência, enfim.

A carpideira quis saber do desfecho daquela
estória.

Do que se apurou daquela morte, a raizeira de
nada sabia. Seguiu o seu caminho. Mas não seguiu
só. Levou a menina órfã consigo. Tudo ajeitado e
combinado ali mesmo, na pisada da estrada, entre
os presentes.

Tudo se deu a partir da indagação da raizeira
sobre quem ficaria com a menina.

Na família de quatro pessoas do homem que
fazia cabeça de peixe em madeira não cabia mais
ninguém. A vida estava difícil. Tinha dois molecotes
para criar.

Quando a raizeira insistiu sobre os cuidados
com a pequena orfãzinha, a mulher do artesão res-
pondeu rispida que a má afamada mãe da meni-
na devia ter pensado nisso quando colocou aquela
bastardinha no mundo, melhor seria ter deitado
fora o feto, coisa que ela era acostumada a fazer.

A raizeira contou à amiga carpideira como ig-
norou a mulher e como passou a tratar do assunto
direto com o homem de modos afáveis.



Ofereceu para ficar com a menina.

A mulher do artesão pareceu aliviada, mas de repente teve um laivo de interesse e sugeriu que era negócio para ser fechado com uma boa paga, já que logo, logo, a menina cresceria mais e seria uma boa ajudante para a raizeira.

A raizeira contou então, como novamente, ignorou o comentário. Não era dada a contendas. Não barganharia a vida da menina órfã. Pegou na mão da menina e respondeu que a melhor paga seria a notícia de que a menina estava sadia e bem cuidada, e com o futuro assegurado, pois poderia aprender o ofício de parteira e raizeira. A mulher do artesão pareceu não gostar da ideia da menina se tornar bem afamada e ter um ofício. Alfinetou a parteira perguntando se a menina herdaria as posses da sua casa, já que corria à boca pequena que Leonilda tinha posses e era beata.

Leonilda suspirou. Isso ela veria no tempo certo. Ainda estava viva e a menina era só uma criança.

A mulher, despeitada, insistiu que a menina cresceria. Parecia se desagradar muito da pequena.

– Leonilda retrucou que com quinze anos já fazia parto a contento e com menos do que isso já curava muitas peijas de doentes lá dos lados da sua casa.

– A bastarda só tem cinco anos. – Insistiu a mulher, na pequena reunião na beira da estrada. O enterinho com apenas as cinco pessoas da família dos De Góis e os dois molecotes filhos do casal seguia em frente.



– Então daqui a dez anos, a menina pode estar palmilhando essas terras, vendendo remédios e fazendo partos.

– Que eu nunca precise de remédio trazido por essas mãos pecaminosas. – Fez o nome do pai, a mulher do artesão, e cuspiu para o lado.

A raizeira Leonilda contou como o marido ficara apático, sem nada dizer. O tempo todo de cabeça baixa, amassando o seu chapéu de palha velho, na falta de uma madeira para talhar.

Contou ainda do seu argumento infrutífero.

– Uma criança não tem pecado. – Rebateu a raizeira e este foi, em toda a sua vida, o momento de maior contenda já enfrentada.

– Os meus filhos não tem. Já os filhos de demônios gerados em ventres imundos... – Não concluiu a frase, deu outra cusparada para o lado e começou a andar atrás do enterro.

A velha raizeira suspirara fundo. Olhou para o homem. Este levantou os olhos lentamente.

– Desculpe aí a falta de jeito dessa mulher.

– Carece desculpa não.

– Ela implicava com a boniteza da moça.

– Carece explicar nada não. – Pegou a menina nos braços. A pequena órfã estava sonolenta. Ajeitou-se naqueles peitos fartos. – Eu levo a menina. Você querendo vá visitá-la.

– Um dia eu vou. – Começou a andar o homem, desalentado.



Ia lentamente. A raizeira ficou ainda uns minutos olhando aquela estradinha pisada. O caixão lá na ponta, já perto da curva, com os cinco que estavam ali por obrigação, os molecotes se estapeando mais atrás. A mulher arrogante do homem. E o próprio homem indo pelo lado direito, quase saindo da estrada. Sua cabeça lembrava a cabeça de um peixe.

A raizeira, sentada no tamborete à mesa da casa da velha carpideira suspirou meio ofegante. Essa era toda a estória. Mais não havia. Iria ficar com menina Dora. A órfã Ana precisava de uma irmã.

E isso era tudo.

A carpideira pareceu resignar-se. Não era caso para contenda. Era uma estória triste. Sentiu a maternidade gritante sair da goela da velha raizeira em cada palavra dita. Era uma maternidade tardia, isso era certo, mas ela mesma, a carpideira também experimentara essa maternidade tardia, nesses vinte e três dias cuidando da menina Dora.

Levantou-se do seu tamborete e foi espiar as meninas lá fora. Dora ensinava o refrão de uma laidinha triste para a pequenina Ana, que a olhava com grandes olhos de adoração. Era uma das laidinhas que a velha carpideira mais gostava. No refrão, falava de anjinhos.

“Menininho, oh! Anjinho
Imaculado vem voar
E a alminha, oh! Pureza
Lá no céu vai morar”.



Dora cantava o refrão trocando as sílabas, pois as palavras elaboradas eram difíceis para os seus setes anos:

“Mininim, oh! Anjim
Macuado vem vuá
E a alminha, oh! Pureza
Lá no céu vai morá”.

A pequena boquinha da amorenada orfãzinha tentava acompanhar as sílabas. A velha carpideira estava fascinada pela concentração da menininha órfã. Ela tentava acompanhar, fazendo grandes e abertos gestos com os bracinhos e mãozinhas. Tombava a cabecinha para o lado e fechava os olhinhos.

Enquanto a menina Dora cantava didaticamente, sem emoção alguma, a pequena Ana vivia a ladainha. Sentia-a no corpinho todo.

A carpideira teve saudades daquele tempo tão remoto, quando a sua avozinha explicou para ela que ladainha de carpideira era mais cantada com os olhos e com o corpo do que com a voz. Tinha que sentir o pranto. Tinha que sentir a dor dentro de si. Tinha que amar esse ofício de vender o pranto à família enlutada. E ela cantava e abria os bracinhos na frente da avó, e a avó batia palmas encorajando-a. As inselências só seriam perfeitas se fossem amadas por quem as cantasse. A avozinha da carpideira Cota amava as inselências e ensinara a menina também a amar.



A pequena Ana levava jeito.

A carpideira voltou para mesa.

Gracejou que já tinham duas carpideiras para cantarem sobre os seus pobres defuntos, quando fosse a hora.

– Deveras. – Tentou achar graça a raizeira.

Depois houve seriedade na conversa. A velha pediu que Leonilda deixasse a orfãzinha lá, só por aquele dia, brincando com a Dora.

A raizeira não contava com esse pedido. Queria levar logo a menina para começar a sua família. A velha Cota explicou que precisava arrumar primeiro as coisinhas da menina. As roupinhas estavam sujas. A dor nas costas não a deixou ir ao rio lavar.

– Carece não. – Eu vou amanhã lavar as roupas da viagem. Eu lavo tudo.

– É pouca coisa. Dois vestidos, uma saia, um paletosinho. Duas roupas de baixo.

A conversa estava entabulada novamente.

– Tão pouco! – Suspirou com dó a raizeira.

– Eu anteontem levei um pedaço de fazenda florida e dois vestidos velhos meus para a senhorinha índia, a costureira fazer três vestidos pra menina.

– E em quanto ficou combinada a paga?

– Ela não falou. Ia ver primeiro o que dava para fazer. Ia ver se sobraria pano pra fazer umas três roupinhas de baixo.



- E para quando é a encomenda?

- Daqui a três dias fica pronto.

- Eu pego lá e faço a paga. Aproveito para levar uns cortes para ela costurar para a Ana.

Tudo certo. Nada mais havia a ser tratado.

A raizeira sentiu a dificuldade da carpideira em ver a menina partir. Tinha se afeiçoado à pequena. Já até ensinava quadrinhas de ladainha para ela. Era uma triste maternidade tardia, aos setenta anos.

A raizeira era mulher, fora talhada para a lida, para resolver contendas. Tinha o dom da cura. Era autoridade ali. Tinha recebido a escola da vida das mãos da sua mãe postiça, a negra Celestina. Sabia entender as pessoas. E entendeu que pegou a velha carpideira de surpresa, chegando à sua cancela, reivindicando a maternidade da menina.

A última vez que deixou um assunto sem ser concluído fora no dia em que a amiga Nena viera visitá-la no dia seguinte ao sepultamento da sua única filha, a doceira mãe de Dora. Nunca soube o que trouxera a amiga ao seu terreiro naquele dia, segurando Dora pela mão, e nunca saberia, pois a novidade da presença da pequena Ana na sua casa de alguma forma intimidara a amiga, doentinha do peito e esta voltara para a sua casa ressentida da falta de explicações da raizeira.

Depois desse recorte da amiga encurvada palmilhando a estrada de volta para a sua casa, a única notícia que a raizeira tivera foi a da morte da



amiga, com os pés espichados duros, na rede do canto da cozinha, virados para o poente.

A raizeira estava em viagem, e em viagem continuou.

Mas não cometeria novamente o mesmo erro. Feridas abertas, feridas fechadas.

Como boa raizeira soubera disso desde tenra idade, quando brincava com o seu plantio secreto, no mato perto de casa.

Lá da porta da cozinha se despediu da carpideira, antes que fraquejasse.

– Vou pegando a ladeira, comadre. Amanhã eu pego as meninas. Pode embalar a roupinha suja mesmo. – Foi andando pelo terreiro.

Voltou. Pegou nos braços e apertou cada uma das duas crianças. Saiu do terreiro sem olhar para trás.

De dentro de casa, a carpideira olhava a raizeira pegando a ladeira. Ficou contente com a compreensão da amiga.

– Amanhã eu trago um unguento para as suas costas. – Gritou a raizeira, virando-se de repente.

A carpideira esboçou um meio sorriso. Gostava da raizeira. Na juventude, havia escutado pedaços de estórias sobre a sua criação cheia de imoralidades, enfiada na casa da negra Celestina.

Nunca acreditou nem na metade das estórias.

E no velório do pai da raizeira, quando pranteou o morto, não achou esquisito o fato de a menina e nem a negra chorarem. Não achou



esquisito também o vestido de dia santo que a menina Leonilda usara, tampouco o velório no terreiro, a céu aberto.

Sabia também que teve um tempo em que a menina estivera muito adoentada e fora cuidada pela negra, na própria casa da negra, por longos seis meses.

Nada mais sabia.

O bode velho, pai da menina morreu logo depois que a menina caíra doente. Uma morte sem aviso, rápida, tão rápida que todo o povaréu dizia ter sido de velhice.

Na sequência desse acontecimento, os três irmãos da raizeira Leonilda foram desaparecendo como se houvesse uma força ditando esse fim.

A notícia ia chegando na casa da negra Celestina à medida que a sina ia acontecendo.

A morte do primeiro e mais velho, por arruaça na cidade. Do segundo por tiro numa emboscada, em Campineira do Anu Preto. Do outro por doença, tossindo sangue até estourar os peitos.

Nenhuma das notícias abalara a menina Leonilda.

Com a menina convalescendo na casa da negra Celestina, o velório de cada um dos irmãos fora abreviado. A cantoria de inselências, reduzida. Era somente um ajuntamento do povo mais de perto no próprio cemitério para a reza de duas ou três orações fúnebres e o sepultamento.

Foi o fim da família da menina Leonilda.



Foi o início da vida adulta da menina Leonilda, que assumira sozinha as suas terras, a sua casa, as suas posses, as suas crias.

Assumi também o ofício de raizeira e parteira.

O povaréu de longe, espiando.

Não teve contenda.

Tudo saiu a bom termo.

A vida continuou.

Tudo era igual. Nada era rotina.

Começou, assim, para a moça Leonilda o palmitamento de estradas, a vendição de remédios, a fazeção de partos, o trabalho e a construção do seu ofício de raizeira e parteira como nunca houve naquelas redondezas.

Superou a sua mãe verdadeira, com a qual não aprendera nada, nem do ofício nem da vida. Ao mesmo tempo ensinou ainda muito do ofício de raizeira e parteira a sua amada mãe postiça, a negra, que lhe dera toda a escola que ela precisava para sobreviver ao caos emocional que foi a sua infância e início de mocidade.

A velha carpideira ali de pé depois da partida da raizeira ficou pensando que uma velha dúvida ainda rondava seu entendimento. Nunca soubera se a oração vendida à mocinha Leonilda, naquele dia remoto em que banhavam no rio, tinha alguma relação com a morte do pai e dos três irmãos da raizeira Leonilda. Nunca soubera em que fim fora usada a oração braba que, sendo bem feita na lua e no horário certo, podia atormentar a alma de uma



peessoa morta, para que ela vagasse a esmo nos lugares mais baixos e escuros do mundo, acompanhada por demônios maus e luxurientos.

Gostava da raizeira.

Gostava.

E isso bastava para a troca de gentilezas.

Isso bastou para a raizeira deixar as meninas dormirem ali aquela noite, acalentando com as suas vozes infantis aquela velhice resignada e alegrando aquela casa impregnada de agouros, pelos incontáveis momentos de pranteamento que a carpideira vivera nesses setenta anos.

No outro dia a carpideira aprontou as coisas das meninas logo cedo. Mas a raizeira não veio.

A carpideira alegrara-se.

E não veio também no segundo dia. Mais alegria houve naquela casinha triste. Nem no terceiro. Começou a preocupação.

No quarto dia, já ansiosa, a carpideira aprontou as meninas e pegou a ladeira para a casa da raizeira.

Já na saída da cancelinha de sua casa ainda voltou e, por precaução, entrou na casinha e foi até a velha arca pegar seu embornal com as coisas do ofício. Se fosse preciso, pensou e fez o nome do pai, já estaria pronta para as inselências.

Mas no caminho encontrou com a raizeira Leonilda, muito corada e com um embornal grande debaixo do braço.



As velhas se abraçaram, coisa nunca acontecida antes.

– As meninas abraçaram as pernas da raizeira.

– A comadre não foi buscar as meninas. – Disse a carpideira esperançosa de ficar com as meninas. Estavam lhe fazendo bem.

– Estava presa numas arrumações lá em casa. O Ditinho Arrieiro arrumou um peão e fizeram uns serviços de reparo.

– Tá com problemas, a comadre? Com as crias? A carroça? O plantio?

– Nada disso não. Vamos chegar em casa, daí proseamos.

Foram andando devagar. A velha carpideira arfava muito. As meninas correndo para lá e para cá, soltas na estrada. Chegaram à casa da raizeira.

O embornal foi colocado em cima da mesa da cozinha. A raizeira abriu e começou a tirar as coisas de dentro. Entregou o unguento para a velha carpideira que o pegou e colocou uma pequena quantidade nas costas da mão. Esfregou. O cheiro rescendeu pela casa. Arnica forte misturada com outras raízes.

– É só esfregar nas costas. – Instruiu a raizeira.

A carpideira ficou segurando o frasco e foi então que a velha raizeira percebeu que o unguento de nada adiantaria para a velha. Seus braços já meio entevados pela idade não alcançariam as costas doloridas.



Pegou, então, o frasco da mão da amiga. Rodeou a mesa e desamarrou na golinha o vestido velho e preto da carpideira. Apareceu a combinação também preta. A raizeira desceu a alça pelo ombrinho ressequido. Começou a passar o gel, friccionando vigorosamente. A velha carpideira gemeu alto.

– Eu quero passar um pouquinho. Eu sou a melhor raizeira. – Se interessou muito pelo tratamento a pequena Dora.

A raizeira achou graça.

– Pega um tamborete e põe aqui perto.

A menina arrastou um tamborete e subiu. A raizeira colocou uma pequena porção de unguento na mãozinha suja.

– É só esfregar com força.

A menina começou a apertar as costinhas da carpideira.

A raizeira olhava e fazia um esboço de sorriso.

A pequena Ana brincava no chão.

A raizeira sentou à frente da carpideira.

– Fiz uma arrumação grande aqui em casa, comadre.

A carpideira olhou ao redor.

– Deveras.

A menina Dora desceu do tamborete. Foi brincar no chão com a Ana.

Saíram correndo para o terreiro.



– Pois é. Mandei limpar o quarto que era meu, em menina. Mandei trocar a janela também. Por uma maior.

– Deveras. – Observou a carpideira espichando o pescoço para dentro do quarto.

– Vem olhar. – Chamou a raizeira.

A carpideira se levantou. Colocou as alcinhas lentamente nos ombrinhos magros. Vestiu a manga do vestido. Amarrou com dificuldade um nó com as duas fitinhas da gola. Foi com a comadre olhar o quartinho arrumado.

Estava tudo limpo e arrumado. A arca grande estava com a tampa aberta para arejar. A caminha limpa. Duas redes, uma em cada canto. Um penico esmaltado grande e novo em folha, branco, debaixo da cama.

Desse quarto passaram para o outro, menor. Essa era uma das mudanças. A portinha de comunicação entre os dois quartos.

No outro quarto havia duas caminhas arrumadas e duas arcas pequenas. Havia também uma mesinha velha e dois penicos de esmalte verde debaixo das camas.

– Que arrumação é essa comadre? É parente que chega? – Quis saber a carpideira, admirada do quão vivia bem a parteira.

Sabia que ela tinha posses. Que viera de família abastada. Tinha uma boa terra. Tinha a carroça, boas crias. E ainda tinha o negócio dos remédios caseiros. Da botica. E era boa parteira, mandada chamar até pelas autoridades da cidade.



Não sentiu inveja, mas admiração.

Gostava da raizeira e da sua vida controversa, criada por uma mãe postiça, a má afamada negra Celestina, enterrada por quatro pessoas, a carpideira, a raizeira, a velha Nena e Ditinho Arrieiro.

Era um dia de chuva. A carpideira vendo o sofrimento genuíno da raizeira pranteou a defunta com desvelos de parenta próxima. Entoou as melhores ladainhas. Queria marcar aquele momento de despedida com o seu ofício de mulher tarimbada na lida e no manejo dos velórios. Celestina contava uns quarenta anos.

Queria ficar na lembrança da raizeira. Queria a sua admiração. Gostava dela.

A raizeira respondeu à pergunta sobre a arrumação com uma negativa.

A carpideira tossiu e pigarreou.

Ali havia novidade.

– Esse quarto maior é seu e o pequeno é para as meninas.

– Como é isso comadre?

– Por isso demorei ir buscá-las. Estava a trabalhar aqui com o Ditinho Arrieiro e o peão ajudante.

– Deveras comadre. – Ficou pensativa a carpideira.

Passou em poucos minutos a sua labuta na sua retina. Estava velha. Era sadia ainda, mas havia a dor nas costas já meio encurvadas. A voz ainda era boa para as ladainhas, mas as pernas já estavam ficando cansadas de ficarem em pé,



pranteando defuntos. Seu ofício era uma arte e não poderia fazê-la sentada. O carpir precisava da exuberância de pulmões cheios para sair em lamento arrastado. Sentada, esse efeito não seria conseguido. As inselências precisavam de pompa. Tinha que ter gabarito para ser carpideira.

– Tá aceito. Agradecida. – E já foi falando dos encaminhamentos a serem feitos.

A raizeira ficou surpresa com a rapidez com que a decisão fora tomada. A assertividade da velha fez com que brotasse uma admiração genuína da raizeira pela comadre. Em outros tempos, ter-se-iam dado muito bem.

– Carece agradecimento não comadre. Já está na hora de termos uma família. E quando uma sair para palmilhar a estrada a outra fica com as meninas. Ninguém nasce e morre ao mesmo tempo. – Tentou ainda fazer um gracejo a raizeira.

– E se for caso de morte e vida junto, na mesma casa, longe daqui? – Quis saber a carpideira.

– Aí a gente faz a matula e coloca as meninas no carroção. Já viajei com a Ana que é mais pequeninha e saiu tudo a contento.

Silêncio.

Leonilda continuou:

– E elas precisam aprender um ofício, garantir a sobrevivência, garantir o pão da velhice.

A carpideira, concordando com tudo, ia balançando a cabeça em afirmativa.



– Não é de vê? A Dora já estava querendo curar as suas costas. – Quase gracejou a raizeira.

– E a Ana cantando ladainhas e balançando os bracinhos? – Riu agora, gostosamente, a carpideira.

– É comadre, acho que ali há talento.

– Ali há. – Concordou a carpideira.

Saíram para o terreiro.

– Melhor ficar hoje aqui para amaciar a caminhada. – Ofereceu a raizeira.

– E as minhas crias?

– Amanhã vou com o carroção e com o Ditinho buscar tudo.

A carpideira ficou pensativa um instante.

– Vou oferecer a casinha para o Ditinho Arrieiro morar. Já está na hora dele se mudar para um lugar melhor.

– A tapera dele é tão velha! – Suspirou com pena a raizeira. – Por isso ele não sai do cemitério. Pensando bem, é melhor ele se mudar mesmo antes que fique morando lá para sempre.

Riram ambas.

A raizeira gostara da ideia. O velho Ditinho era um homem bom. Estava tudo certo. Tudo a contento.

A mudança ocorreu no outro dia. E a amizade tomou conta da vida das duas mulheres numa profundidade de irmãs. Gostavam uma da outra. Admiravam-se. Tinham o seu ofício para cumprirem pelo menos uma vez por semana.



Tinham assuntos para esperar um longo período de chuva passar. Tinham lembranças contadas entre risadas em noites frias, ao pé do fogão, muito aconchegadas em tamboretas, com mantas sobre as pernas cansadas. Tinham estórias de trabalhos bem e mal sucedidos, e de boas e miseráveis pagas contadas em tons de confiança em noites quentes, sentadas no terreiro, a tomar uma fresca.

Tinham essa amizade, tardia, mas sincera, como era a maternidade na vida de ambas.

Tinham ainda, duas filhas que, espontaneamente, chamavam a raizeira de mãe e a carpideira de vó.

Isso não foi ensinado ou pedido às meninas. Brotou de alguma lembrança perdida nas suas cabecinhas.

Ali havia uma família.

Tudo a contento.

CAPÍTULO VI





– Deveras, comadre!

– Era uma empregada de dentro da casa do Quirino Ferreira, lá no meio mesmo de Campineira do Anu Preto.

– Primeira barrigada?

– Primeira.

– E o cabra era marido ou amancebado?

– Marido. Trabalhava com o Velho Quirino.

– Eu me lembro bem do velho. Já pranteei na casa dele.

– Deveras, comadre!

– Duas vezes. Boa paga eles me deram. Os mortos eram muito queridos. Nas duas vezes.

– Criancinha?

– Nada! Primeiro foi a mulher do velho Quirino. De tétano, disseram.

– Deveras... – Evasiva, a raizeira.

– Depois o único filho.

O assunto mingou. Cada uma das velhas mergulhando em suas lembranças.

O terreiro ficou em silêncio.

Dessa passagem a raizeira se lembrava.

Fora até chamada para tentar salvar o rapaz, pois estava em Campineira do Anu Preto.

Estava trabalhando no parto de uma mulher que tinha uma perna só. Fora amputada depois de um acidente na travessia de um rio cheio de



corredeira. A embarcação virara. A perna da mulher ficara presa e fora prensada. O barco estava próximo à margem. Ela fora a última a ser tirada de dentro d'água. Só tinha 18 anos. Quase morrera. Ficara muito devota depois do acidente, por ter saído viva. Dois homens e uma criança morreram.

A raizeira balançou a cabeça para apagar a imagem do parto da mulher de uma perna só. Havia sido um parto feio, apesar de tudo ter saído a contento. A mulher não gritava, como se merecesse qualquer sofrimento ou dor nessa vida, só porque quase morrera afogada. Só porque tinha uma perna só. Pior seria se tivesse perdido as duas.

Era devota e agradecida.

Pariu em agonia, engolindo os espasmos de dor e balançando no ar, com muita aflição a única perna que ela tinha. Os dedos do pé retorcidos para dentro. O calcanhar gretado.

– Era a perna direita ou a esquerda, comadre?

A velha carpideira se interessando de repente por esse detalhe.

– Isso eu não me lembro mais. – Pensativa, a parteira Leonilda.

Balançou novamente a cabeça, a velha Leonilda.

Havia muitas ruínas arcaicas acomodadas na sua mente. Ruína humana. Isso mesmo. Ruína humana. Isso era o que mais havia nesse seu ofício.

A manca de uma perna pariu um moleque sem pai. Isso mesmo. O menino não tinha pai. Pelo menos declarado, não tinha. A moça de uma perna



só embuchara sozinha, segundo ela explicou para a raizeira.

– Eu estava em Campineira no dia da morte do rapaz. Eu tinha acabado de fazer o parto da moça manca.

Reminiscências.

– A comadre chegou a tratar do rapaz? O filho único do Quirino Ferreiro?

– Nada mais poderia ser feito. As tripas caindo para o lado da barriga. O bolo de tripa fora do corpo.

– Estava em casa o rapaz? – Quis saber a carpideira.

– Num paiol velho nos arredores. – Explicou a raizeira. – Ajudei o cabra a partir. Dei um vidrinho para ele beber na boca. Ele gemia baixo.

– Foi rápido?

– Deu um gole e soltou as carnes do corpo no chão, como se já fosse a cova.

– A família agradeceu a ajuda da comadre nessa passagem para a outra vida?

– Qual! A família nunca soube. Eu já fui botando o povaréu para fora e amarrando bem a porta, para ninguém ver nada.

– Ajudou muita gente a esticar, a comadre?

– Do mesmo tanto que eu ajudei a nascer.

A carpideira ficou em silêncio, daí a pouco, explicou:

– No velório do rapaz eu só cheguei à noite, o defunto já querendo feder. – Fez uma cara de desagrado como se sentisse no nariz o cheiro daquela estória.



– Cantei pouco. O pai quis enterrar logo. Deu uma paga boa.

Até a minha foi boa. Só deixei o povaréu entrar quando o rapaz já tinha ido e eu já havia colocado os bofes pra dentro dele e costurado tudo.

Reminiscências.

A família até me agradeceu muito.

Reminiscências.

– Tô lembrando aqui ... – Chegou mais para a frente a raizeira. – Quando o Juca Espigueiro, padrosto da Dora chegou despedaçado por aquela coça que ele levou na cidade quando a sua mulher, a moça erada filha do soldado de Campineira, morrera, o Juca me deu um recado do velho Quirino Ferreiro. – A raizeira explicou isso muito detalhadinho para a amiga carpideira.

A carpideira esperava.

A raizeira continuou:

– Eu tratei dos cortes que o porrete deixou no lombo do Juca.

– Deveras comadre!

– Já quase curado, mas ainda mancando de uma perna e com o supercílio costurado, ele se lembrou do pedido do velho Quirino.

– E o que o velho queria? – Quis saber a carpideira.

– Pediu que eu enviasse um vidrinho com algum tipo de líquido para que ele bebesse e fosse ver o filho no céu.



– A comadre não enviou, certamente. – Muito sábia a velha carpideira.

– Enviei. Enviei foi uma boa manta de carne de sol e um bom vidro de xarope fortificante para ajudar velho a ficar alegre.

Riram ambas.

Riram muito.

As crianças, que também estavam ouvindo as estórias, ambas trepadas em seus pequenos tamboretos riram também e bateram palmas.

Dias felizes aqueles.

Sucederam a estes, semanas, meses e anos.

Mas ao cabo de cinco anos a carpideira Cota enterrou, com todo o povaréu do lugar, mais os conhecidos de Campineira do Anu Preto e uma dúzia de autoridades da cidade, a velha raizeira Leonilda, a bem afamada parteira Leonilda.

Era o entardecer de um dia em meados de setembro.

Fora a última inselência entoada pela goela da velha carpideira.

Fora a primeira inselência entoada em choros convulsos.

Cantava, entrecortando as frases com lamentos profundos:



“Oh! Alma, bendita sois /
Pelo adorável perdão concedido
Sinto que míngua meus pecados /
Nessa caminhada
É a minha caminhada /
E o Senhor vou invocar
Com os seus espíritos de justiça /
Para minha alma governar
É na virtude das águas /
Que eu vou me saciar
É na inspiração do ar /
Que eu vou me renovar
Isso é absoluto /
É o gozo poderoso
Dos que são conduzidos /
Pelo guardião dos tesouros
Creio infinitamente /
E coloco aos seus pés
Uma vida de pureza /
Minha sujeição e fé
Se houver dor e trevas /
E um cordeiro a imolar
Se houver um brutal erro /
Que eu não pude enxergar



Piedade, Oh! Amado Pai /
Eu acabei de chegar
E imploro aos seus pés /
É hora da compaixão
Tudo o que eu tenho aqui /
É esse pobre coração
Oh! Poderoso Príncipe /
Oh! Anjo Imperador
Oh! Imagem do Santíssimo /
Canalizem a minha dor
Que o ar que move a terra /
E faz o sino cantar
Assopre no meu espírito /
Da morada, o lugar
Onde só os eleitos vencem /
E gozem da vida eterna
Com serafins a cantar /
Com serafins a cantar!”